



**MARA MATILDE CHIARAMONTE HERMES**

**LITERATURA E IMAGINÁRIO:  
UMA PONTE ENTRE A INFÂNCIA E A VELHICE**

**Porto Alegre  
2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARA MATILDE CHIARAMONTE HERMES**

**LITERATURA E IMAGINÁRIO:  
UMA PONTE ENTRE A INFÂNCIA E A VELHICE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, do Centro Universitário UniRitter, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Literatura

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rejane P. Oliveira

**Porto Alegre  
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Hermes, Mara Matilde Chiaramonte.

Literatura e imaginário: uma ponte entre a infância e a velhice / Mara Matilde Chiaramonte Hermes. -- 2009.

190 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Centro Universitário UniRitter, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2009.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rejane P. Oliveira

1. Literatura infantil 2. Leitura – Crítica e interpretação 3. Imaginário 4. Infância 4. Velhice I. Título. II. Oliveira, Rejane P.

CDU 82-93.09

---

Ficha catalográfica elaborada no Setor de Processamento Técnico da  
Biblioteca Dr. Romeu Ritter dos Reis

**Mara Matilde Chiaramonte Hermes**

**LITERATURA E IMAGINÁRIO:  
UMA PONTE ENTRE A INFÂNCIA E A VELHICE**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras,  
do Centro Universitário UniRitter, como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre.**

Conceito final: .....

Aprovado em ..... de .....de.....

**BANCA DE QUALIFICAÇÃO**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Elizabete Caregnato

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Noeli Reck Maggi

---

Orientadora – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rejane P. Oliveira – UniRitter

*Se lhe negam a boca, ela fala pelas  
mãos, ou pelos olhos; ou pelos  
poros; ou por onde for. Porque  
todos, todos temos algo a dizer aos  
outros, alguma coisa, alguma  
palavra que merece ser celebrada  
ou perdoada pelos demais.*

Marisa F. Eizirik

(*apud* COMERLATO, 1998, p. 17)

**Dedico esse mestrado à minha filha Anna Carolina e meu marido Haroldo Eugenio que me incentivaram na constante busca de novos saberes e conhecimento.**

## AGRADECIMENTOS

Às professoras e Coordenadoras do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos desafios propostos ao longo do curso.

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup>.Rejane Pivetta de Oliveira, pelo empenho em mostrar outras maneiras de se trabalhar com o ensino, criando uma constante busca de novos conhecimentos.

À minha mãe Nair, ao meu pai Mário (*in memoriam*).

Aos meus irmão Márcio e Magali.

Aos amigos e colegas Eliane, Denise, Débora, Fernanda, Zezé, Tati, Vinícius, Vidal, Maria de Lourdes amigos e colegas que a vida os colocou em meu caminho.

Aos colegas do mestrado que, por suas diferentes formações, me estimularam a superar as diferenças e dificuldades que uma mudança de área de estudo traz.

Às professoras da Graduação em Pedagogia que me mostraram o caminho da pesquisa, em especial a Maria de Nazareth Agra Hassen, Noeli Reck Maggi, Suelci Neusa Kern Hickel e Célia Elizabete Caregnato.

Aos amigos, dos quais, pelos momentos de estudos, pesquisas e reflexões, acabei me distanciando. Mas tenho certeza que sempre torceram por mim.

Aos idosos, grupo foco desta pesquisa, que acreditaram que juntos poderíamos, além de reavivar as memórias pelo prazer da leitura, criar espaços lúdicos, fazer descobertas ou redescobertas de inestimável valor para cada um.

## RESUMO

### RESUMO

Este trabalho propõe-se a investigar o efeito da leitura de obras infantis que tratam da relação entre crianças e idosos no processo de ativação das memórias de infância de um grupo de idosos não alfabetizados, considerando que a interação com o imaginário ficcional contribui para a significação da experiência a partir da linguagem. Para tanto, foram elaboradas e aplicadas atividades de leitura, seguindo as etapas hermenêuticas de compreensão, interpretação e aplicação, cujos resultados foram interpretados qualitativamente à luz dos conceitos de imaginário e experiência, conforme postulados de Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Wunenburger, Wolfgang Iser e Jorge Larossa

**Palavras-chave:** Literatura infantil, Imaginário; Infância; Velhice.

## ABSTRACT

This paper intends to investigate the effects of reading children's literature, which deals with the relation between children and elderly people on the process of activating childhood memories, on a group of illiterate elderly people considering that the interaction with the fictional imaginary contributes to the significance of the experience from the language. Reading activities were carefully prepared and applied, following the hermeneutics circle of comprehension, interpretation, and application, and the results were qualitatively interpreted under the concepts of imaginary and experience according to Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Wunenburger, Wolfgang Iser, and Jorge Larossa.

**Key-words:** Children's Literature; Imaginary; Childhood; Elderliness.

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Estrutura de entrevista para participação do projeto de pesquisa para desenvolvimento da dissertação Imaginário Infantil na Leitura de Idosos .....	172
Apêndice B – Termo de consentimento Livre e Esclarecido .....	173
Apêndice C – Primeiro encontro com o grupo.....	175
Apêndice D – Roteiro das atividades .....	178
Apêndice E – Transcrição das entrevistas com os participantes e comentários ....	185
Apêndice F – Texto de Raquel de Queiroz .....	190

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> .....	70
Figura 2: Imagem do livro <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> .....	71
Figura 3: Ilustração de NIC para a história <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> ..	74
Figura 4: Ilustração de IZA para a história <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> ...	74
Figura 5: Ilustração de JORA para a história <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> .....	74
Figura 6: Ilustração de LINO para a história <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> .....	74
Figura 7: Ilustração de DEO para a história <i>Guilherme Augusto Araújo Fernandes</i> . .....	75
Figura 8: Vestido do batizado da filha de JORA.....	79
Figura 9: Bainha de alpaca do leitor LINO .....	81
Figura 10: <i>Livro do Obreiro</i> da leitora NIC.....	82
Figura 11: Produção textual do leitor DEO. ....	83
Figura 12: Produção textual da leitora NIC.....	84
Figura 13: Produção textual do leitor LINO. ....	85
Figura 14: Produção textual da leitora IZA. ....	85
Figura 15: Produção textual da leitora JORA. ....	86
Figura 16: Imagem de uma colcha de retalhos. ....	87
Figura 17: Ilustração da obra <i>Colcha de retalhos</i> .....	91
Figura 18: Cartela com 10 pedaços de tecidos para trabalhar os sentidos do tato, olfato e visão. ....	93
Figura 19: Peças do vestuário pessoal ou da casa dos leitores.....	97
Figura 20: O grupo fazendo suas escolhas de tecidos.....	99
Figura 21: Momentos da confecção das pequenas colchas de cada leitor. ....	100
Figura 22: Colcha de DEO. ....	101
Figura 23: Bilhete de DEO para seu neto.....	101

Figura 24: Colcha de LINO.....	102
Figura 25: Bilhete de LINO para a afilhada Neida.....	102
Figura 26: Colcha de IZA. ....	103
Figura 27: Bilhete de IZA para a Tia.....	103
Figura 28: Colcha de NIC. ....	104
Figura 29: Bilhete de NIC para sua irmã. ....	104
Figura 30: Colcha de JORA.....	105
Figura 31: Bilhete de JORA para a amiga Cesília. ....	105
Figura 32: Recorte em papel deixando aparentes os olhos de Marina e uma taça de cristal. ....	106
Figura 33: Ilustração do livro A cristaleira. ....	112
Figura 34: Imagens retiradas das páginas 14 e 15 do livro A cristaleira. ....	114
Figura 35: Imagens retiradas das páginas 20 e 21 do livro A cristaleira. ....	122
Figura 36: Ilustração de DEO que lembra o que foi trabalhado até essa data com o livro A cristaleira. ....	125
Figura 37: Texto de LINO. ....	126
Figura 38: Imagens disponibilizadas pela pesquisadora para auxiliar os participantes na atividade de fechamento da leitura de A cristaleira..	131
Figura 39: Produção textual da leitora IZA, com imagens.....	132
Figura 40: Produções textuais do leitor DEO, com imagens.....	133
Figura 41: Produção textual da leitora NIC, com imagens. ....	134
Figura 42: Outra produção textual da leitora IZA, com imagens. ....	135
Figura 43: Produção textual do leitor LINO, com imagens.....	136
Figura 44: Outra produção textual do leitor LINO, com imagens.....	137
Figura 45: Produção textual da leitora JORA, com imagens.....	137
Figura 46: Outra produção textual da leitora JORA, com imagens.. ....	138

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Observações dos participantes sobre os tecidos da cartela.....	<b>95</b>
Quadro 2: Observações dos participantes sobre o fragmento de imagem da capa de <i>A cristaleira</i> .....	<b>107</b>
Quadro 3: Observações dos participantes sobre a primeira parte de <i>A cristaleira</i> .	<b>108</b>
Quadro 4: Observações dos participantes sobre a segunda parte de <i>A cristaleira</i> .	<b>111</b>
Quadro 5: Observações dos participantes sobre a quarta parte de <i>A cristaleira</i> . ..	<b>114</b>
Quadro 6: Observações dos participantes sobre a obra <i>A cristaleira</i> .....	<b>128</b>
Quadro 7: Observações dos participantes sobre a a relação entre palavras e imagens. ....	<b>129</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 LITERATURA E IMAGINÁRIO: UMA PONTE ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1 DEFININDO O IMAGINÁRIO .....	17
1.2 O IMAGINÁRIO NA LITERATURA .....	29
<b>2 A VELHICE NA REALIDADE E NO IMAGINÁRIO DA LITERATURA INFANTIL</b> .....	<b>38</b>
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE.....	38
2.2 O IMAGINÁRIO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL.....	46
2.2.1 <b>Guilherme Augusto Araújo Fernandes: a memória dos objetos</b> .....	<b>47</b>
2.2.2 <i>Colcha de Retalhos: costurando relações familiares</i> .....	<b>49</b>
2.2.3 <i>A Cristaleira: a fragilidade de cerzir relações familiares</i> .....	<b>53</b>
2.3 APROXIMAÇÃO IDOSOS E CRIANÇAS : ESTÍMULOS AO IMAGINÁRIO.....	56
<b>3 PROPOSTA METODOLÓGICA</b> .....	<b>60</b>
3.1 CRIANDO APROXIMAÇÃO COM O GRUPO .....	60
3.2 PROPOSTAS DE TRABALHO.....	65
<b>4 O IMAGINÁRIO EM AÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE LEITURA</b> .....	<b>70</b>
4.1 OBRA: <i>GUILHERME AUGUSTO ARAÚJO FERNANDES</i> .....	70
4.2 OBRA: <i>COLCHA DE RETALHOS</i> .....	87
4.3 OBRA: <i>A CRISTALEIRA</i> .....	106
4.4 ATIVIDADE DE ENCERRAMENTO .....	138
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS: O IDOSO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO</b> .....	<b>148</b>
5.1 A EXPERIÊNCIA DAS OBRAS .....	148
5.2 BALANÇO FINAL .....	161
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>166</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>189</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>172</b>

# 1 LITERATURA E IMAGINÁRIO: UMA PONTE ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

## 1.1 DEFININDO O IMAGINÁRIO

O imaginário é compreendido, neste trabalho, não apenas como uma capacidade de produzir imagens mentais, “mas como tensão de coesão entre as forças psicológicas, biográficas e sociais”<sup>1</sup>. Também pode ser pensado como algo que mantém uma relação direta com a percepção ou a liberação do mundo afetivo dos sujeitos. Assim, o imaginário pode ser pensado como algo que, além de manter uma relação direta com a percepção, propicia, ainda, a liberação do mundo afetivo dos sujeitos. Logo, o imaginário não se opõe ao real. O imaginário não é apenas um acúmulo de imagens, mas uma área psíquica na qual, pela natureza simbólica, as imagens passam a adquirir forma e sentido, sem resíduos passivos, mas carregadas de significações e suscetíveis de uma transformação ou complementação de algo que ficou incompleto, inacabado quando de uma vivência do sujeito. Essas situações inacabadas permitem ao sujeito opor-se ao real, formam uma rede muito subjetiva de valores e sensações que poderão ser vividas ou retomadas quando estimuladas. A palavra “imaginário” passou por deslocamentos conceituais, segundo alguns teóricos, que podem levar à identificação entre o imaginário e o simbólico, como por exemplo, na expressão “imaginário simbólico”.

A realidade do ponto de vista simbólico opera a não vê a separação entre o sujeito e o objeto ou entre o objetivo e o subjetivo. Bergson<sup>2</sup> reconhece, porém, que a maioria dos homens vive apenas em um “eu” de superfície, atravessando a existência sem jamais experimentar a verdadeira liberdade, que só seria alcançada ao romperem-se as barreiras da moral, da religião, credos e ritos. Se houvesse o rompimento dessas barreiras, o homem iria em busca de

---

<sup>1</sup> TURCHI, Maria Zaíra. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: UNB. 2003. p. 13.

<sup>2</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

novas realidades interiores, que é o “eu” profundo, incomunicável, que cria um mundo vago, controlado, mas facilmente corrompido, quando passa pela tentativa de tradução em palavras, que fogem do controle do pensamento e da razão.

Segundo Cassirer<sup>3</sup>, as percepções não são meramente estruturas ou estímulos, por meio de palavras que se repetirão na consciência, mas que irão além do presente, carregadas de experiências vividas:

A palavra ou palavra-frase adquire a sua verdadeira unidade de sentido: um contexto que, de início, se refere apenas à qualidade dos diversos sons e à sua produção fisiológica torna-se o veículo que os conecta entre si, interligando-os na unidade de um todo espiritual, na unidade de uma “significação”.<sup>4</sup>

O autor defende que não é só o conhecimento científico que é um conhecimento simbólico, mas todo conhecimento e toda relação do homem com o mundo se dá no âmbito das diversas formas simbólicas. O ser humano não é um simples receptor de impressões sensíveis, mas serão essas que se conformarão com a faculdade humana, e poderão “transformar impressões em representações”<sup>5</sup>. Pela capacidade de produção de imagens e signos, o homem pode determinar e fixar o que se mostra como particular em sua consciência, antes transformado em conteúdos simbólicos.

Para Cassirer<sup>6</sup>, o conteúdo sensível serve de ponto de partida, diferentemente de outras formas simbólicas que irão transformar expressões sensíveis em conteúdos significativos dotados de sentido simbólico. Ao se configurar na sua forma particular e específica, a forma simbólica se vai formatando de acordo com as particularidades do “eu” receptor. Cassirer<sup>7</sup> afirma que o homem é um animal simbólico, pois pode criar signos, símbolos, e assim interpretar a realidade:

---

<sup>3</sup> CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas – I. A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 202.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 208.

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> *Ibid.*

Palavras do tipo *cor* ou *som* representam em verdade nada mais que designações breves de tarefas lógicas, incapazes de ser solucionadas na forma de uma ideia fechada. Através delas, transmitimos à nossa consciência a ordem de projetar e comparar sons e cores individualmente imagináveis [...] mas que por nenhum esforço da razão podem ser separadas daquilo que as distingue, para torná-las o conteúdo de uma nova projeção, igualmente plástica.<sup>8</sup>

As construções ordenadas do mundo são, para Cassirer<sup>9</sup>, formas simbólicas sem um caráter universal e são colocadas em igualdade de conhecimentos e com igual valor, já que todas têm o mesmo grau de objetivação.

Bachelard<sup>10</sup> enfrentou o que era chamado o *espírito aristotélico*, ou seja, a incapacidade, historicamente construída, de trabalhar na penumbra conceitual, na mente, e de seus infinitos, no espaço imaterial. Bachelard<sup>11</sup> também diz que “nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha”, o que faz dele um pensador do novo espírito científico, o defensor da teoria que prega que a força da linguagem cria o ser. Se o imaginário pode ser o criador de realidades e possibilita uma nova via de compreensão do mundo, é porque a imaginação exprime a afirmação do ser humano na natureza. Como escritor e poeta da matéria, Bachelard<sup>12</sup> reabilitou a imaginação, valorizou a presença dos quatro elementos da natureza, água, terra, ar e fogo, e atribuiu às imagens primitivas uma grande importância, visto serem elas as responsáveis pelo estado psicológico do homem.

O autor busca estudar a imaginação material e vai além das formas e suas seduções, mas pensa, vive e sonha a matéria, materializando o imaginário. Ele revela a dificuldade em definir etimologicamente a imaginação. Se assim fosse, se estaria trabalhando com uma faculdade de formar imagens, com o que o autor não concorda, pois ele diz que imaginação não é formar, mas deformar, mudar o que pode ser perceptível, porque sem mudanças não haverá imaginação, o que significa não ter *ação imaginante*. Seu trabalho foi o de estimular o ser a compreender-se como matéria, sua densidade, bem como a

---

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 354.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand.1994.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. V.

<sup>12</sup> *Ibid.*

do espaço que ocupa, criando íntimas ligações espaciais. O autor apresenta-se como “um pensador diurno que se aventura na clarificação e correção de conceitos, e como um pensador noturno, inovador da concepção de imaginação, explorador de devaneios, exímio mergulhador nas profundezas abissais da arte”<sup>13</sup>.

Sua concepção de imaginação, além de romper relações com as tradições filosóficas, mostrou uma definição que não se fecha e não se prende no contexto sobre o conhecimento. E foi além das relações imagem/idéia, que explicavam o até então aceito como conceito de imaginário. Deu início a sua investigação em textos (imagens literárias) ou obras de arte, e analisou-as pelo enfoque estético, mostrando que a apreensão se dá como um evento de linguagem. Sua consideração em refletir sobre a imaginação contribuiu para torná-la uma função psíquica fundamental definida como *poiésis*, criação. Como já se nota, a constituição da imaginação material, segundo Bachelard<sup>14</sup>, não opera a partir do distanciamento da visão, ela não é contemplativa; ao contrário, desafia a resistência e as forças concretas, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora.

Sua transformação propõe uma dicotomização da imaginação em formal e material. A imaginação formal, que nutre a formalização, resulta de uma operação desmaterializadora, que intencionalmente aperfeiçoa a matéria ao torná-la apenas objeto de visão, ao *vê-la* apenas enquanto figuração, formas e feixes de relações entre formas e grandezas, torná-la límpida, transparente, mas intangível. Isso é, na verdade, resultado da postura do homem como mero espectador do mundo, do mundo-teatro, do mundo-espetáculo, do mundo-imagem, exposto à contemplação ociosa e passiva.

Já a imaginação material recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, solicitando a intervenção ativa e modificadora do homem. Na linhagem do “*filósofo-voyeur*”<sup>15</sup> desenvolveu-se toda a tradição intelectualista que concebe a imagem como simples simulacro sem vida e essencialidade próprias – apenas o duplo ou fantasma de um objeto já percebido

---

<sup>13</sup> BACHELARD, Gaston. 1994. p. V-VI.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Como o próprio autor se denomina. Ibid., p XV.

– e cujo significado deve sempre ser traduzido em conceito. Essa concepção da imagem decorre, como mostra Bachelard<sup>16</sup>, da tradicional maneira de se encarar a imaginação: como faculdade meramente copiadora e, por isso mesmo, subalterna e sem autonomia, dependente, por um lado, do objeto do qual produziria as cópias e, por outro, do conceito no qual essas cópias deveriam necessariamente se converter, para mostrar, fora delas próprias, sempre como alegorias, seu significado verdadeiro.

Bachelard<sup>17</sup>, rebelando-se contra Hegel – que considerava a imagem como mera cópia e que poderia ser “paciente” –, diz: “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade”.

Como um filósofo do *cosmos*, Bachelard<sup>18</sup> traz a imaginação dos elementos e uma filosofia do devaneio, rompendo com a tradição *ocularista*, com a hegemonia do sentido visual que conduz à representação e ao formalismo, propondo investigar a causa material das imagens poéticas. Constrói, também, uma concepção de imaginação, tanto na evocação de lembranças quanto na construção de imagens arranjadas livremente pela fantasia. Portanto, a imaginação, para este autor, é sempre associada à percepção e à memória, contraposta, então, ao conceito.

Gilbert Durand<sup>19</sup>, unindo as observações de Bachelard com sua busca por uma ciência do imaginário, estabeleceu o imaginário como o “conjunto das imagens e das relações de imagens. Constitui o capital pensado do *homo sapiens*”. Para o autor, o imaginário é o grande e fundamental denominador onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano. O dinamismo do imaginário foi assinalado pelo autor, que lhe conferiu uma realidade e uma essência própria. Em princípio, o pensamento lógico não se separa da imagem. A imagem torna-se portadora de um sentido da significação imaginária, um senti-

---

<sup>16</sup> BACHELARD, Gaston. 1994.

<sup>17</sup> Ibid, 1994, p xvi.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p 432.

do figurado, constituindo um signo motivado, ou seja, um símbolo. O autor acrescenta:

O imaginário não só se manifesta como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo, como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor.<sup>20</sup>

Na perspectiva de Durand<sup>21</sup>, é através do imaginário que os seres se reconhecem como humanos, conhecendo e apreendendo a realidade múltipla do mundo, organizando as experiências e as ações humanas. O imaginário pode ser reconhecido e considerado em todas as atividades de trocas de informação, porque a lógica e o imaginário formam o tecido do espírito, o que significa integrar razão e imaginação. Será essa integração que mostrará que o sujeito torna-se humilde em se deixar envolver e viver o desconhecido, como diz o autor:

Para poder “viver diretamente as imagens”, é ainda necessário que a imaginação seja suficientemente humilde para se dignar encher de imagens. Porque se recusa essa primordial humildade, esse originário abandono do fenômeno das imagens nunca se produzirá – por falta de elemento indutor – essa ressonância que é o próprio princípio de todo o trabalho fenomenológico.<sup>22</sup>

Durand<sup>23</sup> trata o imaginário como uma espécie de gnose que cria um conhecimento concreto e experimental. É a imaginação simbólica integrada na “sistemática intelectualista, reduzindo a simbolização a um simbolizado sem mistérios”, não possibilitando a reintegração do sujeito na sua totalidade.

O processo acontece quando as imagens permanecem adormecidas, sem relação com o futuro, mas que, diante de determinados estímulos, emergem. Em dados momentos, há uma necessidade de o sujeito se desligar, enter-

---

<sup>20</sup> DURAND, Gilbert. 2002.p. 432.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Ibid., p. 25-26.

<sup>23</sup> Ibid., p. 23-39.

rar algumas imagens no esquecimento, para que, em outro momento, sejam resgatadas e interpretadas na sua temporalidade<sup>24</sup>.

O conceito de imaginário tem como parâmetro, o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, os sonhos, e funciona pelas interações, envolvendo sensibilidade e afetividade. A presença do imaginário vai determinar o surgimento da imagem, ou de um conjunto delas, algumas vezes representando a cultura de um povo. Nesse aspecto, assim se manifesta Turchi<sup>25</sup>, a respeito das diferentes culturas de cada povo:

[...] a função do imaginário provém de uma relação do homem com sua circunstância de ser mortal e o desejo de escapar a ela. Trata-se da eufemização frente ao horrendo rosto da morte, da temporalidade, do destino.

A importância do imaginário é assinalada em contraponto à realidade. É visto por Bachelard<sup>26</sup> como uma função inconsciente, mostrando que as construções mentais podem ser eficazes em relação ao concreto. Mesmo que participe das construções verdadeiras, o imaginário é detentor de certa autonomia, vem caracterizado pelo estado de espírito que marca um povo e associado a um certo mistério da transfiguração. É uma força social ambígua, pois é perceptível, mas não qualificável.

Gilbert Durand<sup>27</sup> indica como o real é acionado pela eficácia do imaginário, nas construções do espírito. Segundo afirma, nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Para ele, existe um imaginário coletivo que estabelece vínculos entre os indivíduos que pertencem a um grupo social.

Como já foi assinalado anteriormente, o imaginário não se opõe ao real, porém, se buscarmos a compreensão do seu conceito em um sentido mais convencional, é possível dizer que ele passa a se opor ao real na medida em

---

<sup>24</sup> LEITE, Maria Isabel. Cadernos CEDES. São Paulo: Centro de Estudos Educação e Sociedade, v.26, n.68, jan./abr. 2006. p. 74-85.

<sup>25</sup> TURCHI, 2003. Op. Cit. p. 32.

<sup>26</sup> BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos* – Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Maratins Fontes 1990.

<sup>27</sup> DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa : Edições 70. 1993, p 7.

que, pela imaginação, torna-se um substituto desse real, podendo distorcê-lo, idealizá-lo, formatá-lo, mas simbolicamente. Antropologicamente, o imaginário é uma introjeção do real, uma aceitação algumas vezes do inconsciente, partilhado ou não com outros, uma temporalidade variável, o antes, o durante e até mesmo o depois, como projeções para um futuro melhor, mais desejável que a realidade do sujeito<sup>28</sup>.

O imaginário é uma linguagem que leva o sujeito a compreender e aceitar a realidade, mas também alterá-la como um agente que vive uma realidade desejosa de mudanças. Assim, podemos considerar que o imaginário está subjacente ao modo de ser e agir dos sujeitos, conforme sua cultura e vivências.

Bergson<sup>29</sup> afirma que “a realidade do espírito é a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, como o da memória”. Esse autor propõe uma reflexão sobre a apreensão das imagens do mundo pelo corpo:

Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo de universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido pelo meu corpo.<sup>30</sup>

Para o autor, a cada leitura o corpo selecionará imagens, e algumas terão particularidades de independência, como a temporalidade. Essa escolha não será como um hábito, mas como uma marca, uma impressão que ela tenha deixado na memória, enquanto outras leituras passarão a ter uma expressão de lembranças diferentes. “As imagens sucessivamente desenvolvidas por cada leitura recobrem-se entre si”<sup>31</sup>.

A seleção das imagens será uma representação que diz respeito a uma intenção do espírito, a partir da qual o sujeito poderá determinar sua permanência ou não, sua dimensão, ou simplesmente torná-la uma única representa-

---

<sup>28</sup> WUNENBURGER *apud* ARAÚJO. *Variações sobre o imaginário* - Domínios Teorizações, Práticas Hermenêuticas. Lisboa: Instituto Piaget. 2003. p. 23-42.

<sup>29</sup> BERGSON, 1999. *Op. Cit.* p. 158.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 87.

ção na memória. Bergson<sup>32</sup> não compartilha da idéia de que o homem possa conhecer tudo através de sua capacidade intelectual, pois o cérebro é uma parte do mundo material também. A sua visão sobre a memória é revolucionária, já que traz uma nova realidade, a do espírito, algo além da matéria.

O autor faz aproximações com as lembranças, distinguindo entre elas dois tipos de memórias teoricamente independentes, uma *imagina* e a outra *repete*. A primeira é espontânea e registra como imagens-lembranças todo o nosso cotidiano, na medida em que se desenvolvem sem segundas intenções para utilização ou aplicação. Nela encontraríamos o reconhecimento inteligente, e seria nela que “nos refugiamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada”<sup>33</sup>. Diante dessas duas memórias, se quisermos evocar o passado, devemos querer sonhar, observar os valores com os quais estamos trabalhando, para o que é necessário abstrair-nos do hoje e deixar-nos envolver pelo passado.

A memória, ao ser estimulada por imitações, leituras e comparações, passará a fazer escolhas de imagens análogas, lançando-as em direção à nova percepção, que servirá de “quadro comum à percepção e às imagens rememoradas”<sup>34</sup>. Quando esse quadro estiver formado por lembranças exatamente localizadas, poderá representar o curso da nossa existência passada. Essas percepções excitarão sensações que farão surgir idéias estimuladas que vão recuando sucessivamente na massa intelectual, na busca de conexões, tornando-se um processo que formará um trajeto único, mas fragmentado.

Essa trajetória em busca das relações para a trama de imagens-lembranças deve levar em conta que “imaginar não é lembrar-se”<sup>35</sup>. Bergson<sup>36</sup>, a esse respeito, afirma que, na medida em que o homem vai se atualizando, passa a viver novas imagens, mas que a recíproca não é verdadeira, pois a imagem só será avivada se for retomada pelo passado, sendo resgatada da obscuridade para a luz.

---

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> BERGSON, 1999. Op. Cit. p. 88.

<sup>34</sup> Ibid., p. 116.

<sup>35</sup> Ibid. p. 158.

<sup>36</sup> Ibid.

Ecléa Bosi<sup>37</sup> parte de pressupostos bergsonianos para compor o seu livro *Memória e Sociedade*, por meio *do qual* é possível entender de maneira mais clara o funcionamento da memória:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.<sup>38</sup>

Bergson<sup>39</sup> apresenta uma rica fenomenologia de lembranças, como também distinções de caráter analítico das memórias. Ele preconiza um debate entre a memória e o tempo, o que conduziu a estudos sobre a sutileza que une lembranças à consciência atual, e, conseqüentemente, a lembrança ao corpo de idéias e representações hoje chamadas "ideologias".

Mas qual seria a função da memória? Ela não reconstrói e nem anula o tempo, mas anula a barreira que separa o presente do passado, cria uma "ponte" entre o mundo dos vivos e o além. "Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente"<sup>40</sup>, criando um campo de tensão entre a racionalidade abstrata e a imaginação. E "o simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista"<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade* – lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

<sup>38</sup> HALBWACHS, apud BOSI, 1994. Op. Cit. p. 55.

<sup>39</sup> BERGSON, apud BOSI, 1994. Op. Cit. p. 44-45.

<sup>40</sup> BOSI, 1994. Op. Cit. p. 89.

<sup>41</sup> Ibid.

Bergson<sup>42</sup> diz que, quando há uma lembrança, isso significa uma representação, e mais nada além disso; no entanto, quando há uma necessidade de evocar o passado, será necessário abstrair-se da ação presente, e é preciso querer sonhar. A lembrança espontânea é imediatamente perfeita, o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la, ela conservará para a memória sua localização e temporalidade, mesmo que, a todo o instante, sejam criados ou reconstruídos momentos de prazer, idealizações, soluções mediáticas para problemas, soluções em sua maioria positivas.

Durand<sup>43</sup> enfatiza que o imaginário é motivado pela língua e moldado pelas funções sociais e condições culturais. Isso ocorre porque a percepção é distinta e é onde as imagens-lembranças são lançadas em nossa memória, uma após outra, como uma sequência de nossa história de vida. As palavras, em particular, ao serem captadas, implicam um processo motor semiautomático, passando após para uma projeção ativa de lembranças que marcam ou marcaram as atitudes correspondentes, pois, para cada ato pensado, existe uma relação ou correlação da vivência pessoal, após um processo que envolve diversos graus de atenção, exercendo diversas e sucessivas capacidades da memória.

A imaginação não é lembrar-se, pois à medida que uma lembrança vai se atualizando, passa a ter vida própria em uma imagem pura e simples. Porém, se o ouvinte/leitor desejar um resgate do passado, essa imagem passa por um processo contínuo de reelaborações por toda a vida

O imaginário cria um campo de tensão entre a racionalidade abstrata e a imaginação, provocado por estímulos externos. Segundo as concepções de Vygotsky<sup>44</sup>, as tensões ocorrem sobre o lugar da imaginação no funcionamento psicológico humano e nos processos de elaboração de conhecimento.

De acordo com Vygotsky<sup>45</sup>, o homem é um ser caracterizado por uma sociabilidade primária. O que vale destacar, na teoria vygotskyana, é sua a-

---

<sup>42</sup> BERGSON, 1999. Op. Cit.

<sup>43</sup> DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.33.

<sup>44</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>45</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

brangência “sócio-histórico-cultural”, à medida que afirma o homem como um ser que necessita das relações com os demais, inclusive para formar conceitos, os quais não são o resultado apenas de operações mentais, conforme afirma:

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à atenção, à associação, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos.<sup>46</sup>

É esta centralidade do simbólico e do imaginário que abre possibilidades interessantes para repensar a elaboração do conhecimento no processo de desenvolvimento cognitivo, não permitindo que esse seja reduzido à perspectiva da lógica e da racionalidade abstrata. É por isso que, num olhar vygotskyano, parece possível atribuir à imaginação um papel explicativo dos processos de conhecimento do mundo e re-elaborar as relações do sujeito com a racionalidade<sup>47</sup>.

Assim, mediante estímulos, os sujeitos tornam-se capazes de fazer relações com elementos de realidades vividas, cujas imagens são passíveis de percepção. No entanto, é fundamental destacar que a imaginação, enquanto atividade que re-elabora, recombina, dissocia e reassocia elementos, parece acabar imbricada à razão, ao pensamento conceitual. Vygotsky<sup>48</sup> postula que, se um sujeito pré-dispõe-se a uma re-elaboração de vários elementos, a partir de estímulos oferecidos – como, por exemplo, histórias – vai livremente fazendo combinações, de forma que a cognição poderá alcançar níveis mais avançados do que poderia normalmente alcançar.

No processo de ativação do imaginário, os sujeitos poderão trazer à tona seus saberes e conhecimentos, conferindo sentido ao seu mundo e à sua

---

<sup>46</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 50.

<sup>47</sup> Vygotsky fala da perspectiva da lógica e racionalidade abstrata no mundo das crianças (VYGOTSKY, 1984. Op. Cit.); cremos, entretanto que essa atribuição ao imaginário como um papel explicativo do processo de conhecimento pode ser aplicada a adultos com pouca ou nenhuma escolaridade.

<sup>48</sup> VYGOTSKY, 1989. Op. Cit. p. 269.

experiência. Porém, o conhecimento e os afetos não estão no passado, mas no presente da realidade social vivida pelo sujeito. É necessário, contudo, que as situações cotidianas sejam enriquecidas com as experiências do imaginário – e a literatura é uma dessas fontes.

A literatura, rica em simbologias, mostra ao leitor o mundo que ele vive, ou viveu, deseja ou quer vivenciar, aproximando-o de todas as esferas humanas até onde sua capacidade de sonhar lhe permitir. No processo de leitura, acontecem trocas, intermediações entre os significados emitidos e os sentidos de cada sujeito, e essa abordagem entende o homem como um sujeito social, ativo e produtor de sentidos produzidos por cada sujeito, possibilitando-lhe repensar um novo tempo e entender a potencialidade da linguagem.

## 1.2 O IMAGINÁRIO NA LITERATURA

A linguagem auxilia a compreensão de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, e uma vez "apreendido" por ela, dificilmente há volta. Não se quer dizer que a leitura seja a única maneira de se ver o mundo, porém acredita-se que seja uma das mais completas formas de apreensão do mundo. Se o texto ficcional, segundo Iser<sup>49</sup>, "contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício" passa a ter outra finalidade, que é preparar o leitor para uma imersão no imaginário.

A literatura traz à tona uma nova realidade, que, segundo a teoria da recepção, é tão verdadeira quanto a verdade do receptor. Conforme Iser<sup>50</sup>, a literatura oferece a oportunidade de formular-nos a nós mesmos, formulando o não-dito. A leitura, mostrando quão pouco o sujeito é algo dado, capacita-o, então, a tornar-se consciente. Estas experiências inquietantes, para o autor, estão nas obras da literatura como um meio ideal para as manifestações do imaginário, devido à sua aliança com o campo ficcional do fingimento estético.

---

<sup>49</sup> ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996. p. 13.

<sup>50</sup> Ibid.

Iser<sup>51</sup> sinaliza que a teoria da recepção não necessariamente leva o leitor a uma reflexão do imaginário, mas a uma experimentação do imaginário embutido no texto. A recepção trabalha mais com a percepção do que com a interpretação e a semântica, mesmo que para a formação desse imaginário o leitor se valha das indicações estruturais e funcionais do texto. Na obra *O fictício e o imaginário*<sup>52</sup>, Iser diz que, quando há uma oposição entre o ficcional e a realidade, esta retira do texto ficcional a realidade “que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional”<sup>53</sup>.

Assim, o componente ficcional não tem o caráter de um fim, mas de uma preparação para o imaginário do leitor, o que não significa que os elementos da tríade – real, fictício e imaginário – devam ser eliminados pela realidade, mas manter uma relação dos termos que darão fundamento ao texto.

A literatura pode ser pensada em uma perspectiva antropológica que se inicia a partir da ideia de que ela traz uma “plasticidade humana”<sup>54</sup>, ou seja, é definida pelo leitor, que mantém com a obra um diálogo do homem e para o homem, evitando a interpretação da psicanálise, que usa a obra para “servir de ilustração para as suas premissas”<sup>55</sup>. Trata-se de dar liberdade ao leitor para fazer uma autointerpretação, dando sua forma no conteúdo, valorizando os significados ou significantes. Após esse processo, o leitor voltará para si mesmo, retomando seus atos e coerência. O processo de recepção da obra literária apresenta a vantagem de encarar o ouvinte como ser social que trabalha com suas heranças sócio-históricas e culturais na integração com outros leitores.

O imaginário pode ser interpretado como uma questão viva, pois a conquista do *homo sapiens* para a sua humanização valeu-se de um diálogo ininterrupto entre uma inteligência adaptativa e um psiquismo imaginante. A relação entre a obra literária e o imaginário gera uma linha de tensão e de conflito,

---

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> ISER, 1996. Op. Cit.

<sup>53</sup> Ibid., p. 14.

<sup>54</sup> Ibid., p. 8.

<sup>55</sup> Ibid., p. 10.

pois o imaginário, quando produz o duplo irreal, ao invés de simplesmente repetir o mesmo, desdobra sempre a diferença que o inquieta.

Para Joël Thomas<sup>56</sup>, o imaginário é um sistema organizador das imagens, que lhe conferem uma profundidade ao ligá-las entre elas. O imaginário não é assim uma coleção de imagens adicionais, um *corpus*, mas uma rede onde o sentido está na relação”.

A palavra “imaginário” deriva de “imagem”, que significa a representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu. Essa representação mental, consciente ou não, é formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas e passíveis de serem modificadas por novas experiências, entre as quais a leitura ocupa um papel de destaque. Através do ato de leitura, o homem se comunica com o mundo, vivenciando situações, sentidos, estimulando emoções e razão. O leitor experimenta emoções semelhantes às dos personagens, como se, efetivamente, participasse da situação apresentada, e poderá conhecer muito de si através das experiências representadas.

Para Bachelard<sup>57</sup>, mesmo que o processo de recepção se inicie antes do contato do ouvinte com o texto, na busca por uma obra literária, ele, o leitor, já se aproxima de um horizonte no qual poderia transformar-se, conforme a leitura vai se cruzando com as vivências pessoais, culturais, estéticas, ideológicas, que orientam ou explicam tais semelhanças. O valor da obra literária é resgatado pela capacidade do leitor encenar o elemento ausente, impensável e não experimentável por ele em seu dia-a-dia.

Além do não experimentável, o leitor deve estar estimulado, seduzido pelo que foi lido, para poder deixar o real e viver o que imagina, e sentir-se presente em alguma cena, conforme diz Bachelard<sup>58</sup>:

---

<sup>56</sup> THOMAS apud ARAÚJO, Alberto Felipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coords.). *Variações sobre o imaginário – domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget. 2003. p. 141.

<sup>57</sup> BACHELARD, 1990. Op. Cit.

<sup>58</sup> Ibid., p. 3.

Essas imagens literárias dão esperança a um sentido, conferem um vigor especial à nossa decisão de ser uma pessoa. [...] O livro que as contém torna-se subitamente para nós uma carta anônima. [...] Vitalizam-nos. Por ela, a palavra, o verbo, a literatura, são promovidos à categoria da imaginação criadora.

Quando o leitor se deixa envolver e consegue ir alto e longe, ele estará em estado de “imaginação aberta”, compensado pelo revigorar-se, e pode ter a audácia de transgredir o que é imposto pelas leis da sociedade<sup>59</sup>.

Como se pode encontrar em Iser<sup>60</sup>, “O fluxo da leitura não se realiza em direção unilateral e irreversível; ao contrário, o que está sendo retido e presentificado possui um efeito retroativo, o presente modificando o passado”. A compreensão da leitura resultará então como uma encenação imaginária da alteridade subjetiva e objetiva. O ato ficcional responde a uma necessidade natural do homem de criar imaginariamente novas formas de ser, formas que podem exprimir o não-dito e o incognoscível da experiência humana, valendo-se do lúdico como uma permissão de ser.

A encenação imaginária da alteridade subjetiva e objetiva torna-se presente como a “função” emancipadora da obra literária. Além dessa função, a obra literária também responde a uma “específica função antropológica”. Esse é o termo utilizado por Iser<sup>61</sup> para designar a “função afetiva” e “cognitiva da literatura”, que se articula à “revelação contínua do ser humano em suas possíveis alteridades”.

O leitor passará pela experiência da alteridade no momento em que se deslocar para assumir os papéis que a leitura lhe permitir, desligando-se das atribuições restritas do sujeito em seu cotidiano. O sujeito, ao fazer uso do texto como máscara que pode representar a experiência de si mesmo no outro, propicia que ele se entregue sem riscos a si, pois se trata do mundo do faz-de-conta. A obra literária, na concepção de Iser<sup>62</sup>, transfigura-se em máscaras que suportam, através do engano ficcional, a vivência do “outro” no “eu”. O texto

---

<sup>59</sup> BACHELARD, 1990, p. 6.

<sup>60</sup> ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Coleção Teoria 2). São Paulo: Editora 34, 1999. p. 22.

<sup>61</sup> Bachelard, 1990. p. 6.

<sup>62</sup> ISER, Wolfgang. 1999.

tornado máscara presentifica múltiplos aspectos do sujeito, antes impensáveis, e possibilita experiências inusitadas de novos papéis.

Essa entrega do sujeito ao mundo do faz-de-conta é tratada por Iser<sup>63</sup> quando desenvolve sua argumentação em *O fictício e o imaginário*, partindo da ideia de que a ficção literária movimenta a condição lúdica do êxtase. Nessa movimentação lúdica, os leitores não estarão representando, mas articulando-se a uma retroprojeção, constituindo-se de diferentes objetivações que não são o hoje, mas o que foi ou o que poderá vir a ser. Por meio da literatura, os leitores poderão valer-se da subjetividade e da realidade, pois a ficção permite a conciliação entre a presença e a ausência evocada pelo fantasioso.

Trabalhar com obras literárias é uma forma de mostrar que o texto não é fechado e passivo, ao contrário, abre espaços para a subjetividade, provoca reflexão e estranhamento, ou seja, faz o leitor pensar, refletir e deixar-se levar pelo imaginário. Ainda que as histórias tragam ações, personagens e objetos que provavelmente se identificam com a realidade dos leitores, elas são qualitativamente distintas da realidade dos leitores. É dessa forma que a literatura atuará na percepção e recordação dos receptores, à medida que ambas as experiências não coincidem substancialmente, mas estão apenas correlacionadas. Ao se trabalhar com textos que possam instigar o imaginário, o representado poderá ter várias interpretações, conforme os matizes da significação e perspectivas dos leitores/ouvintes.

As questões sobre literatura, na perspectiva da estética da recepção, são percebidas como decorrência de uma abordagem historicamente condicionada da arte. É indiscutível, porém, o seguinte traço fundamental na história da interpretação: as questões formuladas anteriormente não deixam de exercer certa influência quando novas questões estão sendo concebidas. Não sumiram pura e simplesmente de vista. Ao contrário, tornaram-se signos de uma via de interpretação naquele momento bloqueada. Desse modo, as antigas questões servem para apontar novas direções.

A velha busca semântica da mensagem deu origem à análise dos meios de construir, de articular o objeto estético. O critério de conciliação de opostos,

---

<sup>63</sup> ISER, 1996. Op. Cit.

sempre vinculado ao valor estético da obra, levou à questão de como as faculdades humanas eram estimuladas e afetadas pelo texto literário durante o processo de leitura<sup>64</sup>.

O texto é infinito e isso está relacionado com sua multiplicidade e pluralidade, possibilitando um espaço para que os sujeitos possam trazer novas falas e observações como modelos de novas identidades de si próprios, talvez possibilitar-lhes que desfaçam seus conflitos e compartilhem as próprias impossibilidades de vivências deixadas para trás.

Larrosa, reforça dizendo:

Se continua nos interessando ficcionar o passado, é para nós dotarmos de uma contra-memória, de uma memória que não confirma o presente, mas que o inquieta; que não nos enraíza no presente, mas que nos separa dele. O que nos interessa é uma memória que atue contra o presente, contra a seguridade do presente.<sup>65</sup>

As obras literárias, por sua linguagem simbólica, por apresentarem histórias que comunicam sentidos à experiência humana, transformam-se em representações mentais e ao mesmo tempo suscitam ações que se traduzem em construção de conhecimento. As imagens de obras literárias oferecem situações que acabam por se transformar em um análogo da vida, seja porque remetem o leitor a imaginar coisas, ou porque o induzem a lembrar momentos vivenciados em outras épocas e com outros sentidos. Por ser irreal, a imagem tem o poder de tornar presente algo que está ausente, o que constitui precisamente uma representação mental.

No âmbito da linguagem, destaca-se a palavra como elemento central, uma vez que os seres humanos falam e constituem-se sujeitos no ato da fala. A fala, como elemento constitutivo do sujeito, ganha uma dimensão tão concreta como concreta é a realidade.

Na medida em que os sujeitos se mostram por meio das palavras, expondo fragmentos de suas trajetórias de vida, ao utilizar talvez o mais impor-

---

<sup>64</sup> Ibid., p. 24.

<sup>65</sup> LARROSA, J., SKLIAR, C. Babilônios somos. A modo de apresentação. In: Larrosa, J., Skliar, C. (orgs.). (2001). *Habitantes de Babel – políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, p.7.2001

tante elemento constitutivo do homem, a linguagem, organizam seu pensamento, alimentam sua consciência e, concomitantemente, dão a ver elementos que indiciam a sua identidade. Pelo ato da fala, como algo físico, mas, principalmente, pela reflexão sobre suas trajetórias a partir do que a memória lhe permite resgatar do passado, o sujeito é capaz de refazer, reconstruir, repensar e reelaborar sua história, e não reviver a experiência primeira.

Esse movimento de retornar ao passado por meio da memória e revelar-se por meio da palavra é afirmado por Larrosa, quando diz: “Como se só pela afirmação do eterno retorno fosse passível ‘chegar a ser o que se é’”<sup>66</sup>. As palavras-memórias remetem a trajetórias de vidas marcadas por sonhos e desejos nem sempre alcançados, mas que, ao serem relatados, podem fornecer indícios de mudanças.

Gadamer<sup>67</sup>, na linha do pensamento hermenêutico, buscou a fusão de horizontes entre o passado e o presente e a compreensão como modo de o sujeito se constituir pela linguagem. Procurou infundir nova direção à hermenêutica, ao atribuir-lhe o papel de intérprete da história, retomando alguns conceitos da fenomenologia.

Já na visão de Jauss<sup>68</sup>, o leitor é o principal agente do processo literário. Para defini-lo, trabalha com a noção de dois tipos: uma é a de leitor implícito, discernido a partir das estruturas objetivas do texto; o segundo tipo é o leitor explícito, indivíduo histórico que acolhe positiva ou negativamente o texto.

A leitura é, portanto, o resultado de uma interação entre a obra e o receptor, e produto de um diálogo negociado entre a coerência interna do texto e a que o leitor lhe atribui. Jauss<sup>69</sup> diz que o texto será entendido e assimilado na exata medida em que seu horizonte de produção se sobrepuser ao horizonte do leitor. O grau de interpenetração desses horizontes varia, naturalmente, caso a caso. O leitor mais preparado sobre determinado assunto entenderá melhor e com mais segurança o texto que lhe é apresentado.

---

<sup>66</sup> LARROSA, J.2001. p. 71.

<sup>67</sup> Gadamer publicou, em 1961, a obra *Verdades e Métodos*, na qual procura infundir a hermenêutica (ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989).

<sup>68</sup> *Apud* ZILBERMAN, 1989. *Op. Cit.*

<sup>69</sup> *Ibid.*

A *Estética da Recepção* considera a literatura um sistema que se define por produção, recepção e comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor, não revitalizando a noção de representação, base da estética tradicional. Interessa-se pelas condições sócio-históricas que formularam as diversas interpretações que o texto ficcional recebeu, e assinala que o discurso literário é o resultado de um processo de recepção ao mover a pluralidade destas estruturas de sentidos historicamente mediadas.

Este grupo de teóricos elencados dará o suporte para o desenvolvimento e acompanhamento da pesquisa e das atividades de leitura elaboradas para a aplicação a um grupo de idosos. A velhice traz elementos de intermediação, porque carrega consigo todas as idades vividas, um deles é o futuro representado pelo pretérito, valorizando as experiências herdadas daqueles que os antecederam. Assim, Gusmão<sup>70</sup> completa:

“ser idoso não é só estar numa fase da vida, mas representa uma propriedade, alguma coisa que se qualifica em si mesmo e que, por esta razão, sofreu um processo de desqualificação no interior da modernidade.

A participação e aceitação das possibilidades que a linguagem proporciona tornam-se momentos de experiências criativas ou de retorno às mais significativas lembranças, à memória do sujeito. A literatura é um dos veículos de estímulo à memória pura. Temos, assim que a literatura é, de certa forma, uma chave para o imaginário.

O imaginário, para Wunenburger<sup>71</sup>, subtrai o sujeito-autor das representações, avalizando os processos em jogo com textos e imagens. Contudo, o domínio do imaginário se mantém aberto e inacabado; porém, é possível dizer que ele, o imaginário, tem estrutura, história delimitada sutil e constantemente por variações temporais, e desvinculado da cronologia, pois o imaginário não envelhece. O sujeito deixa que o imaginário atue nele, tornando-o verdadeiramente sujeito e não complemento do outro. Frente a um texto, se podem operar esquemas, figuras, arquétipos como agentes que marcaram os sentidos operadores, podendo transformá-los de universal em particular e vice-versa.

---

<sup>70</sup> GUSMAO, Neusa M. M. de. *Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade*. In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas: Alínea, 2003. p. 29.

<sup>71</sup> WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola. 2007.

O imaginário, para Wunenburger<sup>72</sup>, é parte de um todo, e não de um elemento, que pode ser descrito, mas também pode suscitar dúvidas, outras interpretações, e ser portador de “sentido secundário indireto” e pode ser constituído da temporalidade, espaço, personagens, ações que podem valorar a interpretação do “sujeito imaginante”.

Mas esse mundo onde o “sujeito imaginante” não pode se adaptar, é um mundo que não lhe pertence, é um mundo ficcional. Bachelard<sup>73</sup> diz que o mundo é matizado pela imaginação, onde os sujeitos podem tudo, em um outro mundo que não pertence ao leitor, e que poderia ser o mundo da imagem. E como seria o mundo da velhice visto por idosos na realidade e ficção trazidos pela literatura infantil? De que maneira a imaginação desses sujeitos pode imaginar-se a si mesmos como protagonistas de narrativas infantis? Essas questões poderão ser respondidas ao se procurar entender e conhecer a velhice na realidade e no imaginário da literatura infantil.

---

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>73</sup> BACHELARD, 1990.

## 2 A VELHICE NA REALIDADE E NO IMAGINÁRIO DA LITERATURA INFANTIL

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A VELHICE

A velhice é vista como um depositário de informações e caixa de memórias desde os textos de Cícero<sup>74</sup>, em *Velhice Saudável*, como se pode observar na passagem extraída do capítulo VII, em que diz:

Faço uso abundante das letras gregas, seguindo o estilo pitagórico. A fim de exercitar a memória, tudo quanto, durante o dia, digo, ouço ou faço, cuido de recordar à tarde. Eis os exercícios de meu espírito e os percursos de minha fantasia. Assim, suando e fatigando-me, não desejo, com muito empenho, forças físicas. Estou ao lado dos amigos, para o Senado acorro com frequência; de minha iniciativa falo e aconselho coisas bem amadurecidas na reflexão. A tudo isso defendo não com as forças do corpo, mas do entendimento. Se eu não fosse mais capaz de levar avante tais projetos, ao menos imaginá-los, em meu leito, isso já me deleita enquanto revolvo, na fantasia, aquilo que a velhice impede de fazer.<sup>75</sup>

A população mundial está envelhecendo mais, o período da velhice é e está ficando cada vez mais longo que os períodos da infância e da adolescência juntos. Isso torna os sujeitos “velhos” com o desejo de se sentirem socialmente úteis, mesmo com o avançar da idade. O estereótipo do velho como uma fase improdutiva da existência está se tornando cada vez mais abalado. Esse grupo prepara-se para enfrentar o envelhecimento desde o início da vida adulta. Um dos preparos é a própria aceitação, a inclusão social do envelhecer como um balanço entre perdas e ganhos, ou seja, o que pode ser subtraído da adultez ou o que poderia ser somado a ela.

No duelo de perdas e ganhos, o idoso contará principalmente com a bagagem de conhecimentos, de afetos, de sentimentos e de valores que foram acumulados – ou não – nas outras etapas da vida. Biologicamente, são percebidas algumas modificações, as quais exigirão do idoso uma adaptação às no-

---

<sup>74</sup> CÍCERO. *A velhice saudável* – O sonho de Cipião. São Paulo: Escala. 2006.

<sup>75</sup> *Ibid.* p. 45.

vas circunstâncias, o que o torna, algumas vezes, um corpo inseguro e rígido. O idoso, em alguns casos, está ou se coloca como só, em silêncio, rompendo o contato vital com o real. Isso reduz a sua capacidade de adquirir ou vivenciar sensações novas e variadas, resultando em uma acomodação sensorial, o que induz diretamente à falta de afetividade e de laços sociais. Segundo Monteiro<sup>76</sup>, esse novo sujeito deverá manter o senso de pertinência para ter a certeza de continuar conectado com o mundo, rumo a novas e adequadas experiências e aprendizados.

Durgante<sup>77</sup> diz que uma das perdas percebidas é a diminuição da capacidade de processar informações, mas é perceptível a alteração positiva do conhecimento verbal, pois há uma melhora no cérebro com a ativação de várias regiões frontais que não são ativadas na fase da juventude. O idoso passa a ter uma transparência e clareza das palavras. Também podem ser consideradas modificações de ritmos e duração, como os destinados à retrospectiva crítica da vida e da obra realizada, as reparadoras dos erros, as compensadoras de falhas e as destinadas a satisfazer vocações e ânsias até então reprimidas, por escrúpulos, regras e senso social e familiar.

Com o avançar da idade, muitas pessoas se tornam mais conscienciosas, tranquilas, estáveis, e menos atormentadas pelos próprios sentimentos; acredita-se até que possa haver um maior controle sobre as emoções, o que não é perceptível nos jovens. No campo das ciências humanas, existem inúmeros estudos sobre as perdas e ganhos com a velhice, mas os ganhos mais presentes se enquadram no campo psíquico e espiritual<sup>78</sup>.

O idoso pode ser considerado um espelho que confronta o ser consigo mesmo, um ser humano muito especial, que atua no universo expressando os seus desejos, expondo seus sentimentos, pintando seu imaginário, criando e recriando formas de superação, sem deixar de viver novas experiências. Para quem chega à velhice, ainda resta algo a provar, a não-velhice, ou seja, é ter-se preparado em outras etapas para encarar os sinais físicos e emocionais que

---

<sup>76</sup> MONTEIRO, Pedro Paulo Amorin. *Envelhecer – Histórias. Encontros. Transformações*. São Paulo: Autêntica. 2005.

<sup>77</sup> DURGANTE, Carlos E. A. *Velhice: culpada ou inocente? – Um olhar bio-psico-espiritual da maturidade da vida*. Porto Alegre: Dora Luzzatto. p 13-22. 2008.

<sup>78</sup> DURGANTE. 2008.

marcam a chegada a essa etapa da vida, É o momento do resgate de vivências passadas, buscando ou encontrando um sentido, um significado maior do que a compreensão que os cinco sentidos são capazes de alcançar. Essa vivência, mesmo que silenciosa, pode auxiliar a redução de medos, entre eles o de dependência, o da falta de autonomia e o da morte.

No estímulo do imaginário de sujeitos idosos, o primeiro passo será um reencontro do homem consigo mesmo, e isso ocorrerá em um espaço onde há uma convivência entre as idéias de sobrevivência (imaginário) e um vazio. Bergson<sup>79</sup> define esse vazio como “o intervalo entre as ações e reações do organismo, que pode ser povoado de imagens que, se trabalhadas, poderão assumir a qualidade de signos da consciência”. O passado se faz presente tanto pela alegria da redescoberta como pela tomada de consciência do que já passou. A memória se mantém pela vontade inconsciente de prolongar o passado até o presente, e se for bom, transpô-lo ao futuro, evitando cisões temporais. A relação da memória-imaginação com o presente torna-se o ancoradouro dos fragmentos históricos, momentos pessoais, dores, alegrias, dúvidas, preenchidos com todos os sentidos, pois quem não se lembra de um cheiro, uma música, um toque?

É importante ressaltar que, ao se trabalhar com a subjetividade, deve-se levar em conta as diferenças individuais entre os sujeitos. O que pode ocorrer é somente uma aproximação de sensações, que podem ou não ser compartilhadas com o outro. Esse compartilhamento poderá ser observado como uma aproximação de sensações relacionadas ao real. Isso ocorre porque as histórias são diferentes, o que nos possibilita dizer que nunca poderemos ou podemos experimentar uma sensação, mas apenas compartilhá-la.

A nossa própria linguagem reserva para o termo “velho” algo concebido como negativo, menos valorativo, como se o ser humano, na passagem temporal, se tornasse algo obsoleto, sem muito a dizer, mas somente a escutar. A passagem do tempo está sendo percebida como um movimento muito rápido, o que propicia um distanciamento dos velhos frente a participações ativas em

---

<sup>79</sup> BOSI, 1994. *Op. Cit.* p. 46.

discussões, debates. Entretanto, se cada sujeito buscar nas suas imagens o seu reflexo, ele se encontrará como seu próprio historiador.

A variante faixa etária sempre foi considerada fundamental para a delimitação das fases do ciclo da vida: infância, adolescência, adultez e velhice. Mesmo que existam outros subgrupos entre estes extremos, ainda é evidente que as crianças têm recebido mais atenção por parte de políticas públicas, pesquisadores, educação, saúde e assistência do que os idosos.

Assim como as crianças de hoje, os idosos também estão vivendo novas situações de crise, por perceberem que, além de viverem mais, vivem em um mundo muito diferente daquele em que foram criados. As contradições entre o novo e o idoso acabam atingindo-os em seus princípios fundamentais. As possibilidades, escolhas, experiências e valores tornam-se relativos e descontínuos. Estão ocorrendo rupturas culturais e novos paradigmas de valores e, por consequência, aumentadas essas crises de identidade.

É inegável que existe uma tendência social de exclusão dos idosos, por serem julgados pessoas improdutivas na sociedade que se apoia na tecnologia, em padrões de beleza e em novos modelos de família e de costumes. Novos modelos culturais e de referência estão sendo procurados pelas crianças, o que leva os idosos a sentirem-se à margem do convívio com seus familiares. Valores e situações que mudam rapidamente parecem não enriquecer ambos os grupos, levando, principalmente os idosos, à exclusão.

Analisar as diferentes gerações e saber conviver com pessoas de todas as idades e formações é prova de sabedoria. Ignorando a importância dessa experiência, acaba-se enfraquecendo o poder e atenuando a presença da fantasia que pertence a cada geração, descontinuando a tradição de antigas formas de ver e resolver a vida. No entanto, tais condições sociais adversas ao desenvolvimento humano podem ser revertidas.

Há algumas décadas, ainda era possível observar grupos de crianças ouvindo atentamente histórias narradas pelos idosos. Todavia, o crescimento das cidades, a nuclearização das famílias e a consolidação de outros valores culturais têm sido alguns dos fatores importantes para o distanciamento das gerações e o conseqüente enfraquecimento dessa transmissão de conhecimentos de uma geração para a outra. Ou seja, acabou o repasse de valores, a

ação de trabalhar e transmitir memórias que foram construídas durante o percurso da vida.

A velhice não pode ser vista como dor ou como infantilização. Ela não é um empecilho nem aos outros nem ao próprio idoso. Velhice é um existir de uma natureza diferente. Só quem sabe o que é a velhice é o idoso que a experimenta. É uma serenidade ativa em olhar o mundo, (re)criar, (re)construir com uma potência intempestiva o novo e o necessário para tornar digno e alegre o existir comunitário.

A relação dos idosos com as crianças pode contribuir muito para a formação destes sujeitos em crescimento. Avós e netos estão num mesmo ritmo de vida. Os idosos têm tempo para conversas e observações, contribuindo para ampliar o universo da criança, coisa que os pais, perante a preocupação da vida moderna, algumas vezes ausentes, não têm tempo ou paciência para fazê-lo. Convém, pois, que se estimule esse convívio saudável e muitas vezes insubstituível para as crianças.

Os idosos, com suas experiências vividas, referências familiares, culturais e sociais, têm a capacidade e competência de transmitir suas histórias e tradições que poderiam ser incorporadas pelas gerações mais novas. Segundo Bosi<sup>80</sup>:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os idosos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo construtivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento.

A autora acrescenta que a memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas e que já trabalharam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo e da sociedade. Por isso, não se pode

---

<sup>80</sup> BOSI, 1994. *Op. Cit.* p.74-75.

esquecer de que o novo um dia será idoso, e de que esse tipo de sabedoria será sempre valioso para todas as gerações.

Os tempos e as sociedades mudaram, e neste conjunto o entendimento da fase “velhice”, do processo do envelhecimento e das idades do ser humano idoso, precisa ser reavaliado<sup>81</sup>. Assim, como ter um único conceito para definir esses sujeitos “que ora são velhos, ora são idosos”, e que estão protegidos pelo Estatuto do Idoso? Como são definidos os sujeitos que envelhecem?

Encontramos na Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994 (Estatuto do Idoso), no capítulo I, Da Finalidade, o artigo 2º, que diz: “Considera-se idoso, para efeito dessa lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”. De acordo com esse Estatuto, essa definição demarcaria uma “comunidade de idosos” com um peso suficiente para a sociedade, apesar de, em boa parte dos casos, demonstrarem disposição, independência financeira, mesmo que seja a parca aposentadoria, e outros meios para tornar reais suas expectativas de que esse período lhes é propício à realização e satisfação familiar ou individual.

Motlis<sup>82</sup> assinala algumas variáveis que podem determinar o retrato do idoso no Brasil a partir dos seguintes aspectos: saúde, situação socioeconômica, sua participação na comunidade, hábitos nessa comunidade, serviços e oportunidades que essa comunidade oferece. O autor considera a velhice formada por seis “parâmetros” e, dentre eles está a idade cronológica, que anuncia a idade de sessenta anos para ser considerado velho. Na literatura, é possível encontrar diferentes terminologias, como velhos, idosos e terceira idade.

Conforme Rodrigues e Terra<sup>83</sup>, até meados do século passado, uma pessoa com sessenta anos era chamada velha; porém, na década de 70, movimentos de associação de aposentados, velhos e grupos de convivência assinalaram que a palavra “velho” passaria a ter uma conotação pejorativa, designando aqueles com mais idade, pertencentes a camadas mais populosas, que apresentam mais traços de envelhecimento e declínio.

---

<sup>81</sup> LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. Velhice, imaginário e cultura: possibilidades na diversidade. *Linhas Críticas*. Brasília: Universidade de Brasília, v. 6, n. 11, jul./dez. 2000. p. 79.

<sup>82</sup> *Apud* RODRIGUES, Nara; TERRA, Newton Luiz. *Gerontologia Social* – para leigos. Porto Alegre: Edipucrs. 2006. p. 38-39.

<sup>83</sup> *Ibid.* Op. Cit. p. 43.

Bernis<sup>84</sup> traz a definição de “incapacidade imposta”, mostrando a diferença entre a invenção da inteligência do adulto e da criança, dizendo que “O adulto tem dificuldade de imaginar outras relações objetivas além daquelas que sua experiência lhe fez conhecer durante longa data”<sup>85</sup>.

Bosi<sup>86</sup> traz importantes considerações a respeito da identidade do velho:

Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses, a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais dos velhos);

Após terem sido capazes de reconstruir e interpretar os acontecimentos de que foram participantes ou testemunhas, [...] restauram os estereótipos oficiais, necessários à sobrevivência da ideologia da classe dominante.

O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade de encontrar ouvidos atentos, ressonância.

A narrativa das memórias é uma atividade cognitiva e comunicativa prioritária na velhice, frequentemente espontânea, mas que pode ser intencionalmente refletida e elaborada. Desse modo, o idoso repassa o significado da própria existência, pelas suas lembranças, situando no contexto sócio-histórico e cultural a própria existência, buscando um verdadeiro significado para suas interações com a sociedade.

A maioria das pessoas deseja chegar à velhice com saúde, trabalhando, e com disposição para enfrentar o cotidiano. Uma das formas de se viver plenamente essa fase de vida é aproveitar o tempo livre, buscando formas de se

---

<sup>84</sup> BERNIS, Jeanne. *A imaginação* (Do sensualismo epicurista à psicanálise). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 88.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 88.

<sup>86</sup> BOSI, 1994. *Op. Cit.* p. 18-22.

sentirem inseridos nesta nova sociedade. A leitura poderá significar liberdade intelectual, pois quem ouve cria tanto ou mais que o autor. Quem ouve não recebe imagens prontas e acabadas. Tem de construí-las mentalmente pelo processo do entendimento e da interpretação, estimulando o imaginário. Com a atividade de leitura, os sujeitos comparam os próprios valores com os dos outros, experimentam novas experiências, conhecem melhor o mundo e a si próprios.

Essa prática, realizada coletivamente, poderá tornar-se ainda mais estimulante. Em grupo, acredita-se que é possível ver o mesmo conceito, a mesma história, percebidos e representados de maneira diferente, de vários ângulos. A vantagem de se trabalhar em grupo é a conversa, a discussão, as trocas de ideias e opiniões que surgem durante e após a leitura, possibilitando uma nova compreensão da realidade.

Ler para um grupo é também uma forma de continuar a leitura e sair de um mundo interior para ir ao encontro de outros modos de pensar uma situação. O importante é saber que cada ouvinte compreenderá um mesmo texto lido de um modo diverso do outro. A sociabilização pode diminuir a carência social e afetiva e, com isso, os idosos se fortalecem e têm uma nova visão de mundo, frequentemente proporcionada pelo que foi lido ou dito. Nesse aspecto, Larrosa<sup>87</sup> traz como idéia de leitura:

[...] a relação entre o presente do texto e o ausente, entre o dito e o não dito, entre o escrito e o além do escrito: a leitura se colocaria justamente em um modo onde o presente assinala o ausente, o sentido se situa além do escrito.

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de investigar como os idosos alfabetizados podem estar integrados à sociedade em que vivem e como poderão utilizar a leitura como atividade relacionada ao resgate de suas memórias de infância, contribuindo para o reconhecimento de sua própria identidade, pois o contato com o texto favorece não só o encontro do sujeito consigo mesmo, mas também com o outro e a comunidade à qual pertence. Para Vy-

---

<sup>87</sup> LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana* – Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 110.

gotsky<sup>88</sup>, não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se os indivíduos não participam de ambientes e práticas específicas que propiciem a aprendizagem.

Essa passagem pelas possibilidades da linguagem proporciona momentos de experiências criativas ou de retorno às mais significativas lembranças, à memória do sujeito. Pensamos que, a partir do momento que os idosos aceitam o pacto com o universo da ficção para estabelecer uma nova e viva relação com eles próprios, com seu passado, incluindo os seus semelhantes, essas narrativas passam a constituir uma manifestação de suas essências mais íntimas.

Não existe uma velhice, mas maneiras singulares de envelhecer. Cada velhice é consequência de uma história de vida que, à medida que o tempo passa, vai acrescentando processos de desenvolvimento individual e da socialização junto ao grupo em que se insere: internalizando normas, regras, valores, cultura.<sup>89</sup>

Brandão, Sperb e Parente<sup>90</sup> trazem as considerações de Soedberg e Stine, segundo os quais os idosos fazem uma distinção entre avaliações subjetivas que aparecem em maior número e as continuidades temporais em suas produções orais ou escritas. Esses resultados poderiam ser um indicativo de um maior distanciamento psicológico entre o leitor e o texto, ou seja, uma elaboração pessoal maior do que a fidelidade ao texto fonte.

A esta altura, depois de delineado o campo conceitual, resta responder como tornar a voz do idoso um objeto concreto de análise após leituras de histórias infantis. Resgatar idosos pouco alfabetizados (como descreveremos no próximo capítulo) de um modo substantivo, fazendo-os atores que se descobrem como sujeitos históricos e em transformação, possibilita-lhes vivenciar uma nova condição de seres coexistentes com o seu estado de ser, e não o estado de estar.

---

<sup>88</sup> VYGOTSKY, 1984. *Op. Cit.*

<sup>89</sup> PEIXOTO, 2000, p. 293.

<sup>90</sup> BRANDÃO, Lenise; SMITH, Vivian; SPERB, Tânia Mara; PARENTE, Maria Alice de Matos Pimenta. Narrativas Intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v.19, n. 1, Porto Alegre, 2006. p. 98-105.

## 2.2 O IMAGINÁRIO DA VELHICE NA LITERATURA INFANTIL

Para atingir o objetivo da pesquisa, foi selecionado o *corpus*, que passou a ser objeto de análise e interpretação, destacando simbologias, os sentimentos tratados nos textos, a construção das personagens, a apresentação e desenvolvimento do conflito, a representação do tempo e do espaço, as concepções de mundo, o lugar da criança em relação ao idoso presente nas histórias, questões que serão reforçadas nas propostas de leitura. Passa-se agora à análise de cada uma das obras.

### 2.2.1 Guilherme Augusto Araújo Fernandes<sup>91</sup>: a memória dos objetos

A narrativa *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* traz um menino que mora ao lado de um asilo, o qual passou a ser seu lugar de descobertas, dúvidas e amorosidade. Nesse local, encontrou uma amiga e confidente, a Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro, que além de ter quatro nomes como ele, também passa boa parte de seu dia só. Eles passam a trocar experiências e confidências, pois tinham todo o tempo para ouvir e serem ouvidos.

O menino é cheio de energia e curiosidade pelo novo, enquanto ela tem suas memórias apagadas. A narrativa trabalha com a relação de proximidade entre a criança e o velho. A memória é o elo entre os personagens principais, representados na ilustração aquarelada com traços delicados e poéticos. Cada personagem é apresentado de forma a relacionar o nome com uma característica essencial de sua personalidade: Sra. Silvano tocava piano; Sr. Cervantes contava histórias arrepiantes; Sr. Valdemar adorava remar; Sra. Mandala andava com a bengala; Sr. Possante tinha voz de gigante.

As figuras humanas tornam-se expressivas, em movimentos delicados, que se espraiam em páginas duplas, numa divertida variedade de tamanhos, contrastando a energia do menino com a lentidão de seus amigos idosos. Os movimentos se mostram espontâneos e reproduzem os sentimentos das per-

---

<sup>91</sup> FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. São Paulo: Brinque-book. 1995.

sonagens. Por ser uma obra que trata de questões inquietantes, apresenta soluções lúdicas.

Os pais de Guilherme representam o posicionamento da sociedade frente à velhice. Ao saberem da perda de memória de Dona Antônia, eles sentem “pena” dessa “coitadinha da velhinha”<sup>92</sup>, em contraste com a elaboração lúdica da criança. A obra dilui preconceitos sobre o mundo já cristalizados pelos adultos, que, em sua maioria, nada fazem para resolver ou mostrar caminhos para solucionar problemas que parecem não lhes afetar. O texto, narrado em terceira pessoa, com diálogos, privilegia o ponto de vista da criança que brinca, investiga, dialoga e vai construindo sua forma de entender o universo do adulto idoso.

O personagem Guilherme é dono de suas vontades e sujeito de seu processo de amadurecimento. Os idosos não são seres sem um importante papel, suas participações são ativas no esforço do menino em auxiliar sua amiga e vizinha a recuperar a memória. Como menino questionador, Guilherme quis saber o que significava a palavra “memória” e foi perguntando a cada um dos moradores do asilo. Como resposta, ouviu que memória é algo: bem antigo (alusão ao tempo), faz chorar e faz rir (o que evoca a externalização de sentimentos), vale ouro (referência ao valor precioso) e é quente (indicando sensibilidade).

A partir das respostas dadas pelos moradores do asilo, Guilherme sai em busca das *memórias* de sua amiga Antônia. E é dentro da sua realidade e experiência que ele encontra a representação de cada um dos significados da palavra memória: as conchas recolhidas na praia que ele mesmo havia guardado representavam o tempo. A alegria é representada por uma marionete; a tristeza por uma medalha que seu avô havia lhe dado, a bola de futebol é que vale ouro; finalmente, o que pode ser sentido em seu calor é um ovo de galinha. Tudo é acondicionado em uma cesta que seria presenteada à amiga.

Os objetos representativos das memórias de Guilherme passam pelas mãos envelhecidas de Antônia, que dá a eles um ressignificado e, aos poucos,

---

<sup>92</sup> FOX, 1995. *Op. Cit.* p. 9.

vai encontrando suas memórias perdidas, pois cada sujeito reelabora o que lhe é oferecido, e associa conforme sua vivência. Bergson<sup>93</sup> diz:

As lembranças pessoais, exatamente localizadas, e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e maior invólucro de nossa memória. Essencialmente fugazes, elas só se materializam por acaso, seja porque uma determinação acidentalmente precisa de nossa atitude corporal as atraia, seja porque a indeterminação mesma dessa atitude deixe o campo livre ao capricho de sua manifestação.

A elaboração das memórias perdidas parece ter uma única resposta, porém a Sra. Antônia demonstra que o mundo particular de cada sujeito determinará a qual lembrança cada objeto poderá estar ligado. No momento em que Guilherme Augusto apresenta as memórias concretas para a amiga Antônia, provoca na memória dessa senhora lembranças de acontecimentos e de estruturas inconscientes<sup>94</sup>.

Guilherme surgiu para simplificar o dia-a-dia da solitária Antônia. Iniciou a aproximação com diálogos e trocas de segredos e foi em busca de resultados que se mostrassem eficazes. Na busca desses resultados, Guilherme usou uma estratégia que se mostrou eficaz, envolvendo outras pessoas, como seus pais, no primeiro momento. Ele contou com a colaboração dos outros moradores do asilo e, ao fazê-lo, mostrou que o êxito do resultado deveu-se à interação entre fragmentos de memórias de todos os amigos próximos.

### **2.2.2 Colcha de Retalhos<sup>95</sup>: costurando relações familiares**

*Colcha de retalhos* é uma narrativa que apresenta enredo simples, revelando episódios ocorridos em um longo espaço de tempo, se considerar a presença da avó, suas vivências e experiências. A apresentação do livro se dá através de cores, estampas e texturas. No final do texto, volta-se a falar em cores e texturas dos tecidos nos diferentes retalhos que fazem parte da colcha costurada pela avó.

---

<sup>93</sup> BERGSON, 1999. *Op. Cit.* p. 120.

<sup>94</sup> ARAÚJO e BAPTISTA, 2003. *Op. Cit.* p. 142.

<sup>95</sup> SILVA, Conceil Correa da; RIBEIRO, Nye. *Colcha de retalhos*. São Paulo: Editora do Brasil. 1995.

A linguagem é simples. A narrativa se constrói, quase sempre, através de diálogos, dando ênfase às novas descobertas do neto Felipe, que vão proporcionando uma retomada de fatos ocorridos com familiares distantes e com ele próprio. A confecção da colcha proporciona idas e vindas temporais e espaciais, dando espaço aos personagens para reforçarem os vínculos familiares. As ilustrações são um complemento aos diálogos, facilitando a compreensão da narrativa.

O trabalho da avó de tecer uma colcha de retalhos pode ser compreendido como um processo de construção material, por um lado, e sentimental, por outro, tudo acontecendo na escolha dos retalhos que farão parte da colcha. Somente quando o processo de confecção da colcha chega ao fim é que começa o trabalho de interpretação, visto que não se trata apenas de uma colcha, mas de fragmentos de memória dotados de significado. A colcha materializa os sentimentos que a avó nutre em relação ao neto. A colcha representa aquilo que, no plano abstrato, a matriarca pode almejar em relação aos seus familiares, seu afeto, seus sonhos, as concepções de cunho moral, religioso e as expectativas do que Felipe viria a ser.

A inclusão do retalho do tecido azul-marinho inicia um ciclo de descobertas de novos sentimentos para Felipe e consolo para a avó. A relação com pessoas que já não estão entre eles, como a avó Maria é lembrada por um simples pedaço de pano azul marinho, quase preto, que remete ao luto, e por outro branco, que sugere nuvens, sentimentos sublimes ou, quem sabe, a tia Maria vivendo em paz. Essa ausência faz Felipe conhecer um novo sentimento – a saudade, que deixa sua avó chorosa, o que para esse menino é uma situação nova a ser experienciada. A representação da saudade é feita pelo choro, saudade que Felipe relaciona com a falta de seu cachorro Apolo, que mesmo tendo nome de um deus, já morrera, como também seu avô Luiz.

Para que cada pedaço de tecido que representa uma passagem da vida dessa família seja unido a outro, independentemente de uma sequência cronológica dos fatos, é necessária a presença de uma agulha (feita de metal resistente) e linha (fina e fácil de romper) que costure cada parte representativa das relações dessa família. Coube à matriarca da família unir fatos, histórias, descobertas de sentimentos, fases de crescimento, fatos marcantes para uns ou para outros, como é representado pelo *short* de Felipe e pelo vestido da infân-

cia de sua mãe. O primeiro é de brim, escolhido para substituir o antigo que rasgou quando o menino caiu de uma jabuticabeira, ação representativa da conduta de um menino, enquanto que no vestido de sua mãe eram representadas histórias infantis, utilizando tecido claro e bordado.

A representação da matriarca do grupo surge como o protótipo de avó: com cabelos brancos, óculos na ponta do nariz, cuidadosa com sua aparência, unhas pintadas, usa chinelos – talvez representando conforto para quem muito caminhou – e tem uma cadeira para acolher o neto e contar-lhe histórias, afinal, tem tempo disponível para isso. Vive sozinha, conta com a companhia de um cachorro, é boa cozinheira. Mantém hábitos que estão mais ligados ao passado, como costurar. Sua relação com Felipe é de paciência e bem querer, está disponível para responder a todos os questionamentos de um neto que está descobrindo um mundo do qual faz parte, mas cujos detalhes ainda desconhece.

Conforme a colcha vai se estruturando, Felipe vai lembrando, conhecendo ou reconhecendo passagens de sua vida. A colcha, como elo e forma de proporcionar diálogos entre a avó e o neto, tem seu valor na casa da avó, tanto que, quando Felipe volta para casa, nem se recorda da colcha. Até o dia em que foi presenteado com o que poderia simbolizar passagens de sua vida, relação com seus familiares e o histórico da família, até mesmo com os que partiram, uma maneira de perpetuar as lembranças de todos. Esse confronto com a história familiar representada pela colcha despertou em Felipe um sentimento até então não muito claro para ele, que era a saudade dos que ainda estão próximos a ele. A simplicidade de um presente elaborado com restos de tecidos, restos de histórias de vida, unidos pelos diálogos solidários torna-se, naquele momento da vida de Felipe, um símbolo maior do afeto que o une os familiares

A personagem central da narrativa é considerada uma idosa, uma avó ou uma velha? A personagem que interage com o neto se considera uma pessoa idosa ou velha? Ela pode ser vista como idosa, pois tem muita idade, apresenta degenerescência no corpo, como os cabelos brancos, o uso dos óculos, a postura corcunda ao sentar. Porém, ela não é velha, porque ainda sonha e leva o neto a passear em suas divagações. Nos diálogos, aprende coisas do dia-a-dia, entende como trabalhar na relação com o jovem. Mostra-se dinâmi-

ca, pois costura, cozinha e lê. A avó representa uma pessoa que teve a felicidade de viver uma longa vida produtiva e de ter adquirido uma grande experiência.

Ela está representando uma ponte entre o passado e o presente, com o jovem neto que faz a ponte entre o presente e o futuro. E é no presente que os dois estão fazendo trocas, proporcionando que a idosa se renove a cada dia que começa. No calendário da avó, existe o amanhã, pois ela tem uma construção a terminar, unir lembranças e deixá-las com quem souber dividir momentos de alegria e prazer; seus olhos estão postos no horizonte com esperança, pois ela tem planos. Ela ainda sabe amar e consegue demonstrar esse sentimento entre o dar e o receber. Nesses planos, permite-se aproveitar o que resta de sua vida.

É perceptível também que a avó se moderniza, consegue manter um diálogo com o representante de outra geração, a juventude, como também procura compreender os novos tempos; ocupa seu tempo com projetos e esperanças. Suas rugas são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso. Para ela, o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega, pois velha é a pessoa que perdeu a jovialidade. Sua degenerescência não é a do espírito. Ela não é uma velha que ainda nem chegou a ser idosa, que apenas dorme, não ensina e tem ciúmes e sentimento de posse da vida que já escapou entre um tecido e outro. Vive todos os dias como o último da longa jornada.

Se essa personagem fosse uma velha, não se proporia a costurar lembranças e sonhos, pois não acreditaria que viveria o amanhã. Como uma velha, ela teria que carregar o peso dos anos, o que implicaria transmitir experiência às gerações com pessimismo e desilusão. Para ela, não existiria a ponte entre o passado e o presente, mas um fosso que a separaria do presente representado pelo neto, e um apego ao passado. Ao contrário de movimentar-se, cochilaria no vazio de sua vida. Suas rugas seriam feias, porque seriam vincadas pela amargura.

Idosa e velha são duas pessoas que até podem ter a mesma idade cronológica, mas têm idade bem diferente no coração. A vida, com suas fases de infância, juventude e adultez é uma experiência constante. Cada fase tem seu encanto, sua doçura, suas descobertas. O idoso que se torna sábio é aquele que desfruta de cada uma das fases em plenitude, extraindo dela o melhor.

Somente assim, na soma das experiências e oportunidades, ao final dos seus anos, guardará a jovialidade de um idoso sábio, guardando a esperança de nunca ficar velho no coração dos que lhe querem bem e souberam ser cativados por eles, os idosos.

Na narrativa *Colcha de Retalhos*, a avó passa uma sensação de saudade e ternura pelo tempo vivido. A avó é a testemunha das recordações de um núcleo familiar. Na velhice, essas recordações são tornadas concretas à medida que outras pessoas, no caso o neto, passam a ter conhecimento e participação.

As memórias dessa idosa vão surgindo estimuladas por texturas e cores. A queda do neto, a convivência familiar em um passeio, a perda de um ente querido, o casamento e a infância da mãe do neto - e essas memórias não se prendem a uma temporalidade linear, mas estão apenas aguardando um estímulo visual (cores) e tátil (textura dos tecidos) para emergirem por meio de objetos que “nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”<sup>96</sup>.

O imaginário nessa narrativa não se apresenta em sequência cronológica, talvez aí esteja a razão de as ideias serem lembradas conforme o estímulo, mesmo que sejam atemporais, fracionadas, não seguindo nenhuma ordem.

### **2.2.3 *A Cristaleira*<sup>97</sup>: cerzindo emoções**

O conto infantil *A cristaleira*, desde a capa, convida o leitor a ser um observador de detalhes que os olhos seduzidos de Marina fitam no antigo móvel, que dá nome ao livro. Essa obra não acontece em um espaço aberto, fora de casa, os fatos vão acontecendo dentro de uma casa que identifica de que geração é o morador. Isso nos leva a concluir que esse proprietário tem histórias e costumes presos a um passado antigo. Porém, o tema central da narração é atual, pois trata da separação dos pais de Marina e da disputa pela guarda da filha.

As ilustrações da obra têm uma representação plástica e pictórica de ricos e importantes detalhes. Elas completam os diálogos de uma maneira que

---

<sup>96</sup> BOSI, 1994. *Op. Cit.* p. 441.

<sup>97</sup> HETZEL. 2000

pode proporcionar ao leitor uma complementação dos sentidos do texto escrito, levando o imaginário a se instalar em uma atmosfera aconchegante e segura, representada pela casa e pelos objetos da avó. O silêncio – anunciado seja pelo narrador, pelas poucas palavras da menina ou pelas reticências – tornou-se uma forma de diálogo tão ou mais importante do que as palavras ditas.

Iniciando o passeio pelo livro, já é possível observar uma sala austera, decorada e construída no passado, com destaque para o lustre de peças de vidro, em contraste com os móveis pesados e sem enfeite. Os cristais na cristaleira representam a delicadeza intocável, estão ali dispostos de tal forma que Marina pode acariciá-los através de um vidro. Esse carinho, que é percebido pela avó nos vidros das portas, nas marcas deixadas pelos dedos de Marina, a torna cúmplice da admiração da neta pelas cores, pés finos e estrelas presas nos cálices, estrelas que poderiam estar soltas no céu. Fazem parte desse delicado cenário louças finas e bibelôs, já prometidos para Marina.

Esse cenário quieto, com cada coisa em seu lugar, é atravessado por vozes estridentes, em forma de discussão, acabando com o encantamento de Marina, que passa a experienciar sentimentos como medo e raiva. Quer fugir desse local, mas não está encontrando seu ponto de equilíbrio, que é o colo da avó, com sua voz serena. Seus pais são vistos como opostos: o pai, para ela, é um misto de herói e bandido, amor e medo; a mãe é uma figura um tanto vaga, que pouco pede e pouco dá.

Nas páginas onde é descrito o diálogo entre a avó e Marina enquanto os cabelos da matriarca são penteados, aparece a imagem do unicórnio, que é quem conduz a menina para a terra das histórias contadas pela avó, proporcionando encontros com seres da natureza, como pavões, arco-íris, joaninhas e paineiras floridas.

A sequência dos pentes e escovas colocados nas páginas 14 e 15 – iniciando com escovas com dentes largos e terminando com pentes com dentes finos – nos sugere uma espécie de filtragem das idéias da avó, observadas por uma cabeça de homem.

Na medida em que o tempo da narrativa avança, as palavras tomam outros sentidos e formas: em alguns momentos pesam; em outros, flutuam. É possível sofrer com Marina pela separação dos pais, sentir com ela o medo e

as dificuldades das escolhas a serem feitas. Ao final, a menina aprende a cerzir com a avó, que lhe deu colos quentes e cheios de carinho.

À medida que a narrativa encaminha-se para o final, surgem a linha e a agulha, como na narrativa *Colcha de Retalhos*. A ação de cerzir exige técnica, paciência e muita habilidade, pois, para quem o faz, é necessário buscar cada fio rompido e uni-los para poder fechar o rasgo provocado por alguma força que o tecido não suportou. O coração de Marina está sendo cerzido para poder unir suas escolhas e a nova realidade que se apresenta.

Ao final da narrativa, Marina é colocada diante do dilema de escolher entre o pai ou a mãe. Sua confiança, porém, está depositada na avó, com quem se sente segura. Porém, a decisão de Marina não é explicitada na narrativa, que antes convida o leitor a pensar sobre esses rompimentos familiares, tão comuns hoje em dia, fazendo com que os filhos tenham que escolher, sem serem escutados.

A relação familiar é o tema central dessa narrativa envolvendo uma idosa, uma criança e adultos. A ação acontece em um espaço marcado pelo passado, seja pelos móveis, seja pelos utensílios ou objetos pessoais e decorativos. Pode-se dizer que a narrativa faz uma crítica à representação da criança e da avó como seres pertencentes a um espaço de “não-ser”, visto que ambas não são ouvidas. Essas duas categorias etárias acabam por identificar-se e aproximar-se, pois acabam por estabelecer entre si um diálogo mútuo. Assim, as relações intergeracionais foram construídas entre Marina e sua avó, recheadas de afeto e estima.

A avó pode cuidar da neta e transmitir informações culturais resgatadas de suas memórias e conhecimentos adquiridos através da experiência. Marina, dotada de agilidade e avidez por conhecer e entender um novo mundo que está se desenhando em sua vida, busca na avó uma companhia. Diante da nova Marina que está surgindo, a avó procura acolhê-la e preencher o desejo de viver.

Essa narrativa traz a nova realidade do idoso que está vivendo mais e podendo ser participante na convivência com os netos e acompanhar seu desenvolvimento. Como já foi ressaltado em capítulos anteriores, com o aumento da expectativa e qualidade de vida dos idosos, os avós podem acompanhar o crescimento de seus netos até a adultez. Esse tempo maior de relacionamento

entre avós e netos pode trazer como consequência mudanças nas relações intergeracionais, valorizando o significado do papel dos avós nas trocas entre as duas gerações.

No caso da avó e Marina, ambas passam a vivenciar uma influência de um novo fator, que é a relação dos pais. Haverá uma nova estrutura familiar, e isso poderá significar novas exigências e consequências distintas para a matriarca. Os conflitos e perdas aumentam a cumplicidade entre as duas gerações. O ato de cerzir, ação em desuso, poderia representar o novo papel da avó em relação aos sentimentos de perda e solidão de Marina.

A forte relação de cumplicidade entre a menina e a avó é representada pelo cerzir, pela linha, pelo pentear e escovar os cabelos, finos fios, pela fina louça que deixa transparecer o que se deseja ver, pela força do unicórnio em forma de bibelô.

Além das relações intergeracionais, em poucas frases Marina é amparada e acarinhada pela empregada da família. Uma pessoa fora do círculo familiar, mas que diretamente se envolve nos acontecimentos familiares, quando adoça as dores da menina com guaraná e seu prato preferido, e que, além disso, acolhe com um abraço apertado e “um colo farto e que cheira a cômoda e afeto”<sup>98</sup>. As mudanças estão acontecendo dentro da estrutura organizacional de uma família, estão acontecendo rompimentos na relação pai-mãe, e nos seus mais íntimos sentimentos de entender as alterações que estão sinalizando necessidades de escolhas e tomadas de decisões.

A narrativa faz descrições de pequenos detalhes que contêm lembranças não reveladas, mas que aos poucos vão fazendo parte da história da menina. É uma casa onde a infância é vivida de maneira silenciosa, ou num eloquente diálogo com o mundo imaginário dos objetos. Ao mesmo tempo, há o risco de quebrar uma daquelas lembranças finas e translúcidas. No universo familiar representado na narrativa, o rompimento marido-mulher, pais-filha pode significar a perda de uma parte de cada personagem. Pode-se afirmar que os diálogos e a admiração pelos objetos aparecem como uma atuação criativa, ao

---

<sup>98</sup> BOSI, 1994. *Op. Cit.* p. 17.

passo que a intimidade e o silêncio relacionam-se com as descobertas de Marina.

Nas três narrativas houve a intervenção de crianças no sentido de estimular ou provocar as memórias para que as avós passassem a imaginar ou (re)viver momentos já “esquecidos”. Percebe-se uma relação de profunda cumplicidade e troca afetiva entre crianças e idosos, unidos por lembranças que habitam tanto a experiência quanto o imaginário.

### 2.3 APROXIMAÇÃO VELHOS E CRIANÇAS : ESTÍMULOS AO IMAGINÁRIO

Livros de histórias infantis que tratam das relações velhos-crianças, são o eixo condutor das provocações intergeracionais e do processo da conscientização da velhice, envelhecimento e o papel que o idoso se permite ocupar em um processo de alfabetização. O eixo central das leituras trabalha essencialmente com a reflexão de temas existenciais, relações familiares e a discussão das imagens fixadas e pré-estabelecidas entre as gerações. Esses livros trazem a valorização da caracterização do velho, já que a literatura infantil tradicional, de maneira mais generalizada retratou o velho de maneira pejorativa, como uma pessoa feia, desenvolvendo um papel de bruxa, madrasta ou velha malvada.

Essas histórias trazem a relação entre criança e velho sem esses preconceitos, mas relações de parcerias, amizade, respeito e o velho com o papel de transmissor de conhecimento, de solidariedade, de sabedoria, ou seja, velhice vista positivamente.

É importante ressaltar que nas três obras do *corpus* o velho ou velhice surge representada pela avó. As histórias revelam velhas senhoras que dão colo, afagos, valorizam a presença da criança em seus lares, fazendo bolos, doces, contando histórias enfim retratam o cotidiano dos velhos e como acontece a convivência destes com as crianças. Mesmo que essas avós estejam ocupadas em atividades que visam ao conforto dos netos, há também cuidados com a casa e até mesmo preparar o quarto de dormir.

Até os velhos moradores do asilo se apresentam como pessoas dispostas ao diálogo com uma crianças, auxiliando na busca por respostas que retor-

nariam como estimuladores das memórias de uma velha, também moradora desse asilo. A amizade intergeracional é uma característica das três obras do corpus, o que poderia ter como objetivo evitar o isolamento e a exclusão.

Acreditamos que as obras do *corpus* favorecem a percepção do desenvolvimento de um processo de conscientização da velhice e do envelhecimento, facilitando a compreensão e a retomada da vida de sujeitos idosos quando crianças e suas relações familiares. Lajolo<sup>99</sup> reforça essa visão quando ressalta que “... o texto realiza o milagre de aproximar o inaproximável”. Os diálogos intergeracionais não são, portanto, um ato de compaixão para com os mais velhos, mas um elo anunciador da solidariedade entre as gerações. A solidariedade intergeracional é percebida no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade.

Diferentemente, a realidade que se apresenta traz alterações nos núcleos familiares, na estrutura sóciodemográfica da população e mesmo nos valores sociais. Tais alterações influenciaram as configurações familiares e também o tipo de cuidado que os avôs dispensam a seus netos. Os velhos passam a ter atribuições de pais, devendo agora impor limites e regras. Essa nova configuração, em sua maioria localizada no espaço da casa dos avôs, crianças e velhos passam a ser atores privilegiados de trocas intensas. A sociedade contemporânea privilegia a força da juventude e sua capacidade de produção, assim a criança e o velho convivem num espaço com pouca força de identidade, pois a sociedade considera que a criança ainda não produz e que o idoso deixou de produzir. Essa aproximação e identificação estabelecem um diálogo mútuo e muitas vezes prazeroso. Assim, as relações intergeracionais construídas entre idosos e crianças são recheadas de afeto e estima e pelo silêncio ou ausência dos jovens e adultos.

As histórias infantis nos mostram tal como se apresenta a realidade quando os velhos idosos podem cuidar, transmitir informações culturais resgatadas de suas memórias e conhecimentos adquiridos através da experiência. A criança, dotada de agilidade e avidez por conhecer, pode impelir o velho a movimentar-se para acompanhá-la, a revirar suas memórias e saberes para ofere-

---

<sup>99</sup> LAJOLO.1993, p. 51

cer-lhe o que anseia. Diante da criança, tida como fonte de renovação, que transborda a vivacidade que lhe é própria, o velho sente-se preencher pelo desejo de viver. Essa proximidade pode ser vista com maior facilidade na relação entre avós e netos.

As estruturas familiares presentes nas obras do *corpus* trazem consigo exigências e conseqüências distintas para cada narrativa que também são encontradas na realidade. Há velhos que auxiliam no cuidado com os netos nas rotinas diárias quando eles não estão na escola. Em outra organização familiar pode haver uma convivência atemporal, em períodos de férias, finais de semana, quando os velhos assumem as responsabilidades em relação às crianças.

A modernidade das novas estruturas familiares também aparece nos livros infantis, quando apresenta os avós como cuidadores dos netos, de maneira esporádica e casual, histórias de avós que ajudam os filhos a cuidar das crianças, ou ainda histórias de avós que se tornam cuidadores integrais e até legais dos netos, ocupando mesmo um papel de pais substitutos. Gusmão<sup>100</sup> diz que:

A questão da modernidade, ao sucatear as vidas humanas dos considerados outros em função do capital, expões crianças e velhos a viverem antecipadamente suas próprias vidas: a criança que se faz adulto antes da hora e o adulto que precocemente envelhece e é, assim negado pelo sistema.

As experiências *de trocas* estão cada vez mais raras por falta de tempo. Tudo o que se passa, e passa demasiadamente depressa, e cada vez mais de pressa. Os acontecimentos são dados na forma de estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre as gerações. Atrapalham também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que é igualmente estimulado por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. Por isso a velocidades e o que ela

---

<sup>100</sup> GUSMÃO. 2003, p. 27

provoca nos parece que são a presença do silêncio e da não estimulação da memória, situações algumas vezes próximas às narrativas do *corpus*.

Para a concretização da proposta foram pensadas e elaboradas propostas levando em consideração os conhecimentos prévios, acumulados durante a vida dos participantes, que se tornam essências à construção e aplicação das atividades que passaram por um processo de aproximação e reconhecimento do grupo descritos no capítulo a seguir.

### 3 PROPOSTA METODOLÓGICA

#### 3.1 CRIANDO APROXIMAÇÃO COM O GRUPO

Para desenvolver a proposta de aplicação das atividades de leitura, o trabalho opta por uma metodologia mais adequada para apreender o universo de significados, de crenças e de valores que constituem os horizontes de leitura do público-alvo - um grupo de cinco idosos, em processo de alfabetização, que participa de um projeto extensionista do Centro Universitário Ritter dos Reis.

O público alvo deste trabalho é formado por cinco idosos, em sua maioria nascidos no interior do estado, e uma do interior de Pernambuco, com pouca ou nenhuma escolaridade. São eles: NIC(72 anos), DEO(86 anos), LINO(76 anos), JORA(73 anos) e IZA(68 anos). O grupo traz conhecimentos muito diversificados, resultado de suas diferentes experiências na cultura urbana ou rural, e formas apreendidas pelas necessidades de sobrevivência e manutenção de seus núcleos familiares. Sendo o sujeito concomitantemente produtor e produto sociocultural, os idosos estão vivendo uma fase marcada por grandes transformações psicológicas, ideológicas, físicas e sociais. O idoso deve ter consciência de si enquanto ser finito, mas capaz de produzir e de se fazer como aprendiz, e assim passar a vivenciar sua velhice com certa tranquilidade e buscar aquilo que não pôde ser completado ou elaborado na época apropriada.

Contam que vivenciam a velhice de uma forma mais tranquila, compensando com o que lhes foi negado no passado: alguns freqüentam atividades físicas e de lazer, além das aulas de alfabetização, canto e dança.

Esses idosos não têm especialização em uma profissão, são sujeitos que se tornaram abertos ao aprendizado do mundo, pesquisadores de estratégias para se manter íntegros e capazes de sobreviver com pouca escolarização, mas com informações apreendidas da vivência e do senso comum. Quando se descobriam capazes de alguma atividade, se tornavam exploradores dessa “qualificação” em espaços potenciais, garantindo a manutenção e a sobrevivência num tempo de mudanças e que exige conhecimentos sempre mais qualificados. Chegando hoje com essa sabedoria, eles apresentam uma qualifi-

cação incompleta, mas percebem a necessidade de um aprendizado que agora poderá se tornar permanente, passando aos netos e, em alguns casos, aos próprios filhos, como a importância da escolarização.

Como já assinalado no início, esses idosos trazem conhecimentos prévios e diversificados, mas que experiência de escolaridade eles trazem? Como teriam sido suas relações e trocas de aprendizagem? Cita-se o que nos disse LINO<sup>101</sup>:

– Ouvindo essa professora falá, acho que a gente nem precisa tê medo da régua e da palmatória, acho que ela vai trabalhá com calma, com a gente, agora tô ficando mais tranquilo.

Os participantes só conseguem se perceber como sujeitos adquirindo conhecimentos com o aparecimento das idéias e das noções objetivadas pelas palavras e sinais, isto é, com a constituição dos sistemas cognitivos. No grupo em estudo, foi comum ouvir um colega estimulando o outro a falar, mas ficavam aguardando que alguém se manifestasse primeiro: “Tem que tê a coragem de expor sua opinião” (JORA). A partir dessa iniciativa, se mostraram aptos a elaborar o aparecimento de ideias e noções objetivadas pelas palavras e sinais, constituindo, portanto, o próprio sistema cognitivo.

Enquanto as atividades foram desenvolvidas, eles prontamente tiveram uma justificativa em não participar, por “ter cabeça fraca” (DEO) ou esquecimento total de tudo o que já foi aprendido com a leitura e escrita (JORA). Cabe ao pesquisador manter a autoestima elevada nos leitores que já traziam histórico de depressão, como revela a fala de DEO. Ele lembra como foi sua chegada ao grupo:

“Quando cheguei no grupo *Revivendo a Vida* senti muita vergonha porque não conseguia nem me localizar dentro da Ritter, sentia vontade de ir embora, mas encontrei uma pessoa que lhe ajudou a localizar a sala, mas relutava, a depressão estava tentando me vencer”.

---

<sup>101</sup> Na transcrição das falas dos leitores participantes da pesquisa, procurou-se fazê-lo o mais fielmente possível. Por esse motivo, foram mantidas expressões coloquiais, erros em relação à norma culta, omissões de “esses” e “erres” finais, etc. O motivo de tal postura é mostrar com fidelidade quem realmente são esses sujeitos, e suas falas são importantes para revelá-los.

Essa espera pela palavra e amparo do outro poderia levar a concluir que a rede de apoio social entre esse pequeno grupo, que participa da atividade de alfabetização, e que até então se diziam isolados, cegos, pode ocorrer além da simples resposta que lhes é conhecida; mas estão acostumados “a dar a palavra ao outro mais jovem que sabe mais, que conhece mais, que não é um bichinho do mato” (DEO), que somente agora se percebem pessoas que estão mudando e criando expectativas melhores.

Nas entrevistas, os homens assinalaram com ênfase um estado de ansiedade, depressão e desesperança, principalmente após a viuvez. Mesmo com o esforço e a força de vontade desses idosos estarem trabalhando com a ansiedade, pode-se assinalar que é visível o quanto esse sintoma provoca uma dificuldade com as habilidades intelectuais, mesmo que a proposta fosse a de trabalhar com histórias da literatura infantil.

Buscando nas entrevistas o que foi dito sobre a relação sujeito-histórias infantis, constatamos que poucos tiveram essa experiência. Uma entrevistada enunciou uma história que se perpetua até hoje, que é a do *Gato de Botas*, contada pelo avô em roda de fogo à noite após uma jornada de trabalho na roça. Outras fizeram menção a histórias regionais, religiosas ou inventadas por alguém mais velho. Os homens desconhecem tal prática. O manuseio de livros infantis em suas infâncias era uma possibilidade inexistente.

Os dados levantados sobre o nível de escolaridade dos leitores (Apêndices C e D) mostraram que, por diversas razões, eles não frequentaram a escola; os que tiveram essa oportunidade não o fizeram em busca do sentido das palavras, mas para escrever o nome. Nesta pesquisa, a proposta é de desafiá-los à descoberta de novas palavras, e sentidos para a sua vida, a partir do trabalho com os textos, os quais se associam às ilustrações.

O primeiro encontro com os participantes foi uma explicação do objetivo da atividade. Após esse encontro, foi aplicada uma entrevista (Anexo xx) individual para melhor reconhecimento mútuo entre os participantes e a pesquisadora. Houve a necessidade da interferência da pesquisadora para auxiliar alguns dos participantes no preenchimento dessa ficha de entrevista.

Cuidou-se para que a entrevista proporcionasse ao pesquisado bem-estar, para que ele pudesse falar sem constrangimentos de sua vida e de seus problemas - e quando isso ocorre surgem discursos extraordinários. Bourdi-

eu<sup>102</sup> cita que os pesquisados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazerem ouvir, levarem para os outros sua experiência e, muitas vezes, constitui-se até em ocasião para eles se explicarem, isto é, manifestarem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Por vezes esses discursos foram densos, intensos e dolorosos, mas deram um certo alívio ao pesquisado, pela oportunidade de falar e ao mesmo tempo refletir sobre questões que talvez os estivessem oprimindo.

Esse questionário buscou compartilhar as experiências individuais dos alfabetizados, permitindo observá-los e escutá-los da forma mais natural possível e buscando entender como estas pessoas vivem e dão um sentido ao seu mundo, conforme nos indica Moreira<sup>103</sup>. A principal função da entrevista é conhecer as experiências vivenciadas pelos idosos em seus grupos ou comunidades, no que se relaciona especialmente ao escopo desta pesquisa.

Os primeiros encontros com idosos, alguns conhecidos outros não, sempre é festa, pois “professoras novas” trazem novidades, e é o que mais gostam de experimentar. Afinal têm pressa em resolver alguns problemas, como o fato de “comerem letras”, resolver as falhas da memória e algumas dificuldades de leitura.

Foi exposto ao grupo que a intenção de atuação seria trabalhar com livros da literatura infantil, como forma de incentivar o imaginário, mexer com suas memórias e construir atividades de formas diferentes das que vinham sendo propostas até então no grupo de alfabetização, e que poderiam chamar essas tardes de “oficinas”.

Logo, DEO apresentou uma dúvida: “Professora, nós vamo fazê oficina?” Deve-se lembrar que se estava lidando com dois homens que, durante uma boa parte de suas vidas, trabalharam com transporte, e a palavra “oficina” remeteu a uma visão de lugar de barulho, cheiro de óleo, graxa, ferramentas e, acima de tudo, lugar de homens, e não uma sala de aula. O diálogo assim prosseguiu:

---

<sup>102</sup> BOURDIEU, 2003

<sup>103</sup> MOREIRA: 2006, p 85.

JORA: É aula, guri, e tu nem imagina o quanto a gente aprende, né professora? Como é mesmo aquela palavra que a senhora ensinô lá em 2000 e quanto? 2006, isso, 2006, e nunca mais esqueci *ample*, *plexo*, *aple*, *embele*...

A palavra começou a gerar ansiedade e foi escrita no quadro: AMPLE-XO.

JORA: Essa palavra nós temos obrigação de guardar e saber sempre.

DEO: Poxa!! Mas o que significa pra senhora ficá com ela na lembrança?

Para provocar mais o grupo, foi escrito no quadro verde: “*ósculo*”, e o grupo foi soletrando, sem saber o significado.

PESQUISADORA: Quanto à primeira dissemos que ela pode ser dada por nós mesmos quando nos sentimos sozinhos, mas que a segunda é muito interessante que seja dividida com quem queremos bem, e se alguém nos der uns ósculos nas bochechas, a coisa fica melhor ainda.

DEO: É beijo, assim fica melhor mesmo. Abraço mais beijo é coisa muito boa. Mas tudo é equilíbrio. Chocolate é bom, mas demais faz mal.

JORA: A gente deve buscar o equilíbrio, porque nós queremos viver bem e melhor.

DEO comentou que estava muito bonita a apresentação *Musicalidade*<sup>104</sup> e que fomos vistas por ele, “de longe” no lugar de trabalho” da pesquisadora (PUC) <sup>105</sup>, que a apresentação estava linda. A professora Denise<sup>106</sup> também estava por lá. Com isso surgiu uma dúvida sobre o dia do idoso, que era em setembro, agora é em outubro, e eles não entendiam por que essa confusão. Foi informado que houve uma determinação federal para que o dia do idoso fosse uma comemoração mundial, o que causou a indignação de uma das participantes, que disse:

---

<sup>104</sup> *Musicalidade*: evento promovido pelo Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUC-RS para celebrar o Dia Nacional do Idoso. O 1º *Musicalidade* foi realizado no dia 4 de outubro de 2008, no Salão de Atos da PUCRS.

<sup>105</sup> Eles, os participantes, sabiam que a pesquisadora trabalhava na PUC-RS

<sup>106</sup> Denise C.Ceroni: Coordenadora do Núcleo de Apoio ao Discente e Coordenadora dos projetos de Extensão do UniRitter, onde está incluído o projeto do Grupo Revivendo a Vida.

NIC: Pois pra que fazer a troca, a gente começa a se confundi.

PESQUISADORA: Bem, pessoal, como falamos no início da tarde, o nosso grupo vai participar de oficinas sobre livros, literatura. E hoje, como estamos em outubro, mês do idoso, das crianças, trouxe um pequeno texto de uma mulher que não é nenhuma menina e se chama Rachel de Queiroz.

O nome foi escrito no quadro para que o grupo fosse juntando as sílabas e lesse o nome da autora. O texto trata de uma idosa que resolve viver da sua maneira e passa a ser considerada uma criança pelos seus filhos. A apresentação desse texto “A vovó”<sup>107</sup> (Apêndice F) teve o intuito de criar uma disposição no grupo para as leituras posteriores. As respostas do grupo a propósito do texto deram a entender que alguns precisaram realmente buscar seus cantos solitários para que possam ter seu tempo de resgate do que não foi possível fazer na infância e adolescência. Algumas vezes por serem tolhidos pelos próprios familiares, em especial os pais autoritários. O participante LINO comenta:

LINO: Sim porque quando nós era criança, naquele tempo nós era que nem bicho do mato, aí era só o pai olhá e deu, hoje em dia é essa coisa toda...

No encerramento da entrevista, os alunos chegaram à conclusão de que estavam em boas condições físicas, mantinham boas relações com os colegas de aula, amigos da vizinhança e parentes (nem todos) e que naquele momento asilo era um assunto muito distante, ainda dava para pensar nos bailes vespertinos. Saíram da sala garantindo que na próxima sexta-feira estariam de volta, por gostarem da proposta de trabalhar com leitura de uma maneira diferente e agradecendo pelo lanchinho, que foi também dos tempos passados: mariola.

### 3.2 PROPOSTAS DE TRABALHO

O material literário proposto foram obras da literatura infantil que tratam do tema convivência entre crianças e idosos, cujos personagens principais fa-

---

<sup>107</sup> QUEIROZ, Rachel. Memórias de menina. Rio de Janeiro: José Olympio. 2006. p.17-18

zem parte das realidades dos idosos, conforme já apresentado no capítulo anterior.

Foram propostos dois encontros para se trabalhar cada uma das três obras do *corpus*, com três horas cada um, uma vez por semana, sempre às sexta-feiras. Para a obra *A cristaleira* foram propostos três encontros, pois o texto dessa obra é longo, segmentado, e sua apresentação aos participantes teve uma dinâmica diferente em relação à das outras obras, conforme será explicitado no capítulo seguinte. Após a finalização das atividades de leitura das três obras do *corpus*, realizou-se um último encontro para fechamento das atividades.

Para a apropriação das leituras do *corpus*, cada obra foi escaneada, e apresentada ao grupo através de multimeios, o que facilitou a visualização tanto da escrita como das imagens de cada obra. A leitura foi feita pela pesquisadora, parando quando necessário para elucidar as dúvidas que um ou mais participantes apresentasse. Seguindo as orientações dos planos específicos para cada obra (roteiros de leitura, conforme apêndice D), procuramos fazer com que os participantes interagissem, dando respostas às solicitações propostas, de acordo com as indicações e possibilidades sugeridas pelos próprios textos literários.

Foram propostas atividades diversificadas, buscando despertar a curiosidade dos participantes, de modo a mantê-los interessados em saber qual seria a próxima novidade a ser trabalhada. Assim, fizeram parte das atividades trabalhos manuais como costura, recorte e colagem, ao lado de atividades escritas, construção coletiva de quadros comparativos entre o que o grupo pensava, ou acreditava ser a resposta para questões elaboradas pela pesquisadora.

O desenvolvimento do trabalho de leitura das obras buscou em Zilberman<sup>108</sup>, na obra *Estética da recepção e história da literatura*, apoio metodológico, pois a autora apresenta as etapas do processo de recepção estética, utilizadas por Jauss<sup>109</sup> a partir da hermenêutica de Gadamer, quais sejam: com-

---

<sup>108</sup> ZILBERMAN, 1989. *Op. Cit.* p. 68.

<sup>109</sup> JAUSS *apud* ZILBERMANN, 1989. *Op. Cit.*

preensão, interpretação e aplicação. Segundo Zilbermann, após a etapa compreensiva, o leitor passará para a leitura retrospectiva, momento em que ocorre a interpretação, o que pressupõe a concretização de significações presentes ou supostamente presentes para o intérprete, que pode “navegar” pelo texto, indo e voltando, olhando o macro e o micro que vêm representados; essa liberdade de interpretação pode ser chamada de retrospectiva.

Jauss<sup>110</sup> diz que “na compreensão já está o início da interpretação e a interpretação é, portanto, a forma explícita da compreensão” da leitura, e afirma a existência de caminhos apontados pelo texto, que limita o jogo de leituras possíveis. Um elemento importante é o destaque dado ao prazer que se verifica no encontro entre leitor e texto. Para a *Estética da Recepção*, o prazer é tratado como uma experiência estética, uma situação mobilizadora, que impele o leitor à ação. O prazer é gerado por três forças que atuam no ato de interpretar: a participação do leitor, pois a construção dos sentidos da obra gera o prazer de sentir-se co-autor da obra; o efeito de renovação da percepção cotidiana decorrente do estranhamento provocado pela obra de arte; e o prazer afetivo resultante da identificação com o objeto estético, que suscita tanto a transformação das convicções do leitor, quanto a liberação de sua mente. Segundo Jauss<sup>111</sup>, esse gesto propõe um diálogo com o ouvinte/leitor.

Quanto à *interpretação*, Jauss<sup>112</sup> diz que ela acontece entre as estruturas objetivas da obra e as condições subjetivas e condicionamentos sociais que o leitor trará para a leitura, compondo um momento de retrospectão. Sendo assim, a interpretação sofre dois tipos de condicionamentos: o efeito condicionado pela obra, que é constituído por orientações prévias e imutáveis, e a recepção condicionada pelo leitor, que conduzirá às vivências pessoais e aos códigos coletivos, os quais serão fundamentais na atribuição de sentidos à obra. Essa possibilidade de atribuir sentidos torna a leitura uma forma de transformação subjetiva e social.

Pela *Estética da Recepção*, é a ênfase no impacto subjetivo da leitura que conduzirá o leitor à etapa de *aplicação*, na medida em que, ao pensar a

---

<sup>110</sup>JAUSS *apud* ZILBERMANN, 1989. p. 67.

<sup>111</sup> *Ibid.*

<sup>112</sup> *Ibid.*

identificação, compreende a experiência da leitura como um móvel de transformações subjetivas, pela incorporação de saberes vividos nos mundos criados nas obras literárias. A leitura literária é entendida como um processo de interação em que o leitor assume o papel de co-criador da obra. A liberdade do leitor é maior ou menor, conforme o modo como a leitura é compreendida, mas Jauss<sup>113</sup> afirma que o leitor traz para o texto seu conhecimento textual e contextual.

Desta forma, os sentidos do texto serão construídos no momento em que se dá o encontro vital entre leitor e texto. Assim, conforme o autor, “A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção”<sup>114</sup>.

O autor oferece um modo de compreensão das manifestações expressivas que não se resume à interpretação dos textos numa atividade de aplicação e reconhecimento de códigos, de aplicação e reconhecimento de regras de gênero, mas, sobretudo, de um saber fazer que modifique o conhecimento e a prática. A hermenêutica filosófica, compreendida por Jauss<sup>115</sup> como uma ciência da interpretação dos textos, retoma sua concepção mais existencial e pragmática de um saber sobre o mundo e da interpretação das ações do ser-no-mundo.

Quando o leitor passa pela recuperação temporal, a leitura muda de normativa para histórica, e passa para a etapa da aplicação que “possibilita a compreensão do texto na sua alteridade”<sup>116</sup>. A encenação imaginária da alteridade subjetiva e objetiva torna-se presente como a função emancipadora da obra literária. Além de emancipadora, também responde a uma “específica função antropológica”. Esse é o termo usado por Iser<sup>117</sup> para designar a função afetiva e cognitiva da leitura, que se articula à revelação contínua do ser humano em suas possíveis alteridades.

---

<sup>113</sup> JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>115</sup> *Ibid.*

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 69.

<sup>117</sup> ISER, 1996. *Op. Cit.*

A intervenção do pesquisador é de caráter educativo e esclarecedor de dúvidas, não tolhendo o raciocínio do grupo ou de cada indivíduo, mas desafiando-os sempre a novas buscas. A troca de informações foi estabelecida horizontalmente entre os participantes. A cooperação e a responsabilidade são importantes para a construção de uma postura de autonomia desses sujeitos para a realização de cada etapa prevista nos roteiros de leitura de cada obra literária.

Sabendo que a atividade estava voltada para um público em processo de alfabetização, com idades que variavam entre 68 e 86 anos, as propostas foram pensadas para que pudessem mantê-los interessados em seguir adiante na leitura/escuta do texto, dando oportunidade para expressarem suas memórias e o imaginário durante e após as atividades. Assim foram propostas diferentes atividades com o intuito de promover a integração entre o texto e as experiências individuais, dando autonomia a cada participante de contar, ilustrar e até escrever essas experiências, quando dispostos a dividi-las com seus pares.

As obras do *corpus* trazem ilustrações que passam a ter uma função simbólica importante, pois são mais uma forma de linguagem. Da parceria entre o ilustrador e o escritor, o resultado assume um papel de representar graficamente a função simbólica, ou seja, autor e ilustrador oferecem informações da realidade, dando-lhes expressividade, valores éticos e emocionais, através de palavras, traços ou tonalidade mais ou menos vivos que auxiliarão leitores no processo de identificação com os personagens e as ações do universo ficcional.

## 4 O IMAGINÁRIO EM AÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE LEITURA

### 4.1 OBRA: GUILHERME AUGUSTO ARAÚJO FERNANDES

PRIMEIRO ENCONTRO: 17/10/2008

#### ETAPA DE MOTIVAÇÃO

Como introdução da atividade, foi mostrada a capa da obra para que os participantes falassem a respeito da ilustração:

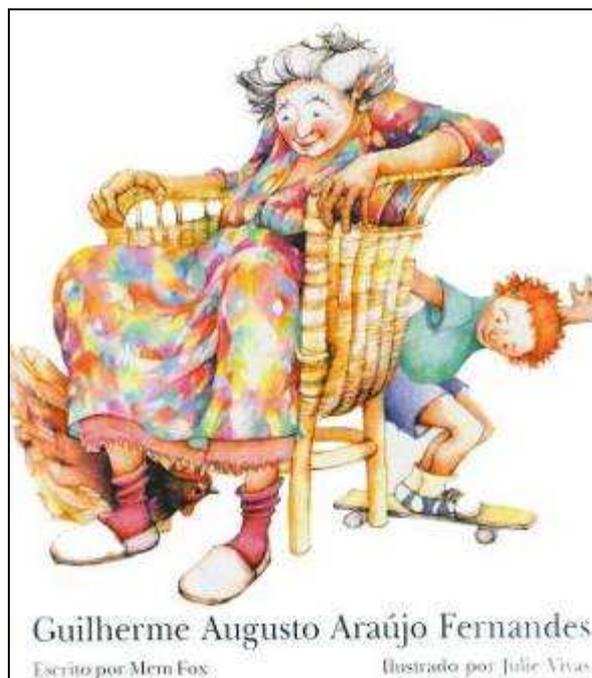


Figura 1: Capa do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes  
Fonte: Fox, 1995.

Em seguida, a pesquisadora fez as seguintes questões:

- Quem poderiam ser as personagens da ilustração?
- Que detalhes chamam a atenção nesta imagem?
- Que história esta ilustração poderia contar?

- A ilustração evoca alguma lembrança ou sentimento?
- Que tipo de interação ocorre entre os personagens?

No conjunto, as respostas foram as seguintes: que as personagens da capa eram a avó e o neto ou bisneto; a galinha remeteu à vida que todos viveram no interior ou aqui em Porto Alegre, com animais em casa; “Essa aí, parece um tanto assustada, porque o piá tá fazendo traquinagem”; que os velhos gostam de sentar e descansar. O *skate* rememorou o patinete como símbolo de vida e alegria.

### Etapa de Leitura

A proposta era de acompanhar a leitura mostrada pelo sistema multimídia, o que facilitaria a visualização para todos, e seguir em silêncio até o final; mas, na introdução do livro, já houve uma parada, quando todos admiraram-se diante da imagem (Figura 2), que os levou a um lugar distante, calmo: praia, areia branca. Tem-se aí o exemplo claro de quanto a ilustração mexeu com o imaginário do grupo.



Figura 2: Imagem do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes, que chamou a atenção dos leitores.

Fonte: Fox, 1995.

Durante a leitura, foi possível perceber que o participante DEO, sempre que possível, repetia a leitura aos sussurros, talvez como forma de reforçar a memorização do que estava sendo lido. O grupo demonstrou vontade de aproximar do texto. No momento dessa aproximação, estabeleceram alguns diálogos, tornando possível o acesso ao mundo fantasioso, lúdico e imaginário. Seguindo essa lógica, eles passaram a organizar suas falas com certa fluência e

versatilidade, que não fora percebida no primeiro encontro – na entrevista – embora não demonstrassem total compreensão da estruturação textual.

### **Etapa de Compreensão**

Após a leitura, iniciaram-se as atividades de compreensão, solicitando-se que os participantes dissessem os nomes dos personagens. Essa questão desestabilizou um pouco o grupo, pois, para a maioria, apresentava certo grau de dificuldade. DEO, com os olhos arregalados, disse:

DEO: Meu Deus, eu disse pra minha filha que vinha prá cá estudá, porque essas falhas da memória estão me prejudicando muito, sei que ouvi tudo isso que a senhora tá falando, mas não consigo lembrar de nada dessas coisas.

Como a proposta causou certo “pânico”, tentamos tranquilizar o grupo, dizendo que não haveria tempo determinado para que isso fosse respondido. Foi então sugerido que eles relacionassem os nomes dos personagens da narrativa com seus apelidos ou formas como agiam, e o retorno foi:

JORA: Remar.  
DEO: Piano.  
LINO: Bengala.  
NIC: Possante.

JORA lembrou também que “o guri se chamava Guilherme, tinha um Augusto, mas era Guilherme Augusto ou seria Augusto Guilherme?”, ficou a dúvida.

DEO: Mas a vovó era Antônia.

O primeiro momento de atividades criou um ambiente de desconforto entre os participantes, mas não desistiram, afinal estavam sendo desafiados a trazer para a sala de atividades os personagens e suas características.

Seguindo com os questionamentos, percebeu-se, também, que houve uma confusão no entendimento da época em que poderia ter acontecido tal história e em quantos dias ela aconteceu, o que não ficou claro para o grupo.

Mesmo para sujeitos que ouviram histórias em suas infâncias, das mais variadas formas, como relatos trágicos ocorridos com familiares, narrativas in-

ventadas pelo povo e algumas narrativas do mundo do faz-de-conta, detectar quem narra as histórias (narrador) gera certa dificuldade, assim como distinguir personagens. Essas dificuldades de certa forma eram previstas, mas era necessário prosseguir com o objetivo de instigar o imaginário, para o qual os elementos da ficção deveriam funcionar como móveis. As ilustrações da obra serviram como fuga do foco, pois chamaram tanto a atenção dos leitores, que disseram ter se distraído do texto por causa delas.

NIC: Pois é, a gente tava aqui quietinho olhando aquela lindeza de figuras, uma história tão bonita, e não consegue se lembrar dessas coisinhas.

Na próxima atividade, eles foram convidados a desenhar, situação que agravou a impotência sentida pelos participantes, pois um coro uníssono nos respondeu: “Não sabemos desenhar”.

Foi sugerido que cada um relaxasse, fechasse os olhos e tentasse rever os passos do menino Guilherme na busca dos objetos que retomassem a memória de Dona Antônia, ou buscassem nas lembranças o significado dos objetos, fazendo uma relação que poderia auxiliá-los a lembrar o que foi colocado na cesta. Como segundo passo, foram tranquilizados por não saberem desenhar, salientando-se que os trabalhos não exigiriam nenhuma perfeição, que o importante era identificar, através de traços, o que o participante tivesse condições de fazer. Para isso, fechar os olhos, ver o objeto na memória e ir passando para o papel ajudaria na tarefa. E assim, encorajados, foram timidamente pegando as folhas de papel e iniciaram suas ilustrações.

Enquanto alguns demonstravam dificuldade em desenhar a bola, a leitora NIC estava enchendo a folha com pequenos desenhos: “Mas estas outras coisas também se pode botá numa cesta” (frutas, disse ela), e permitimos que ela continuasse suas ilustrações.

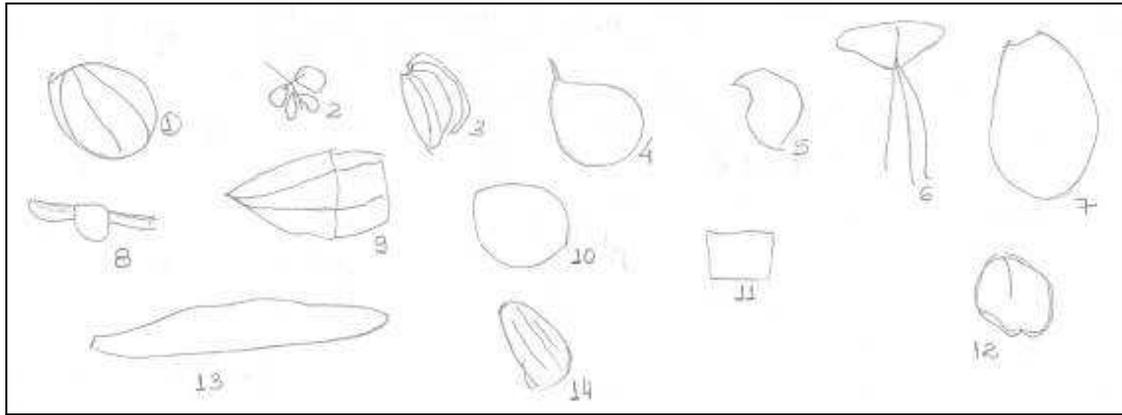


Figura 3: Ilustração de NIC para a história Guilherme Augusto Araújo Fernandes: (1) laranja; (2) uva; (3) banana; (4) pera; (5) castanha; (6) fantoche; (7) ovo; (8) bola; (9) concha; (10) bola; (11) envelope; (12) maçã; (13) cenoura; (14) mamão.  
 Fonte: pesquisa de campo

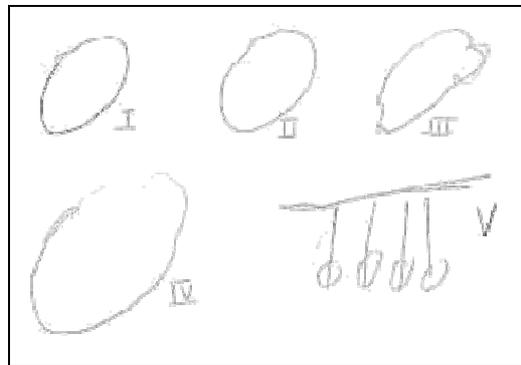


Figura 4: Ilustração de IZA para a história Guilherme Augusto Araújo Fernandes: (I) ovo; (II) bola; (III) medalha; (IV) concha; (V) marionete  
 Fonte: pesquisa de campo

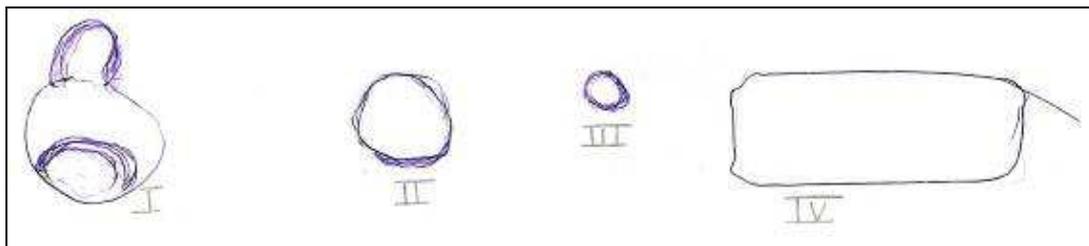


Figura 5: Ilustração de JORA para a história Guilherme Augusto Araújo Fernandes: (I) cesta; (II) bola; (III) ovo; (IV) concha.  
 Fonte: pesquisa de campo

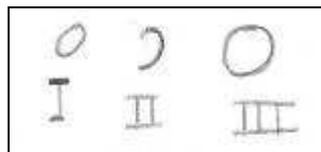


Figura 6: Ilustração de LINO para a história Guilherme Augusto Araújo Fernandes: (I) ovo; (II) bola, (III) ovo.  
 Fonte: pesquisa de campo

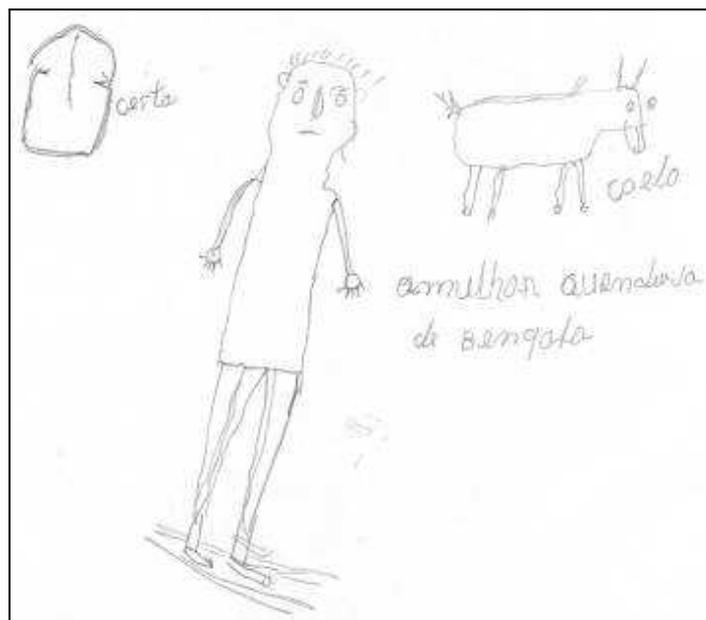


Figura 7: Ilustração de DEO para a história Guilherme Augusto Araújo Fernandes.  
Fonte: pesquisa de campo

Dissemos que o medo de errar impede-nos de enfrentar até mesmo um desenho, que as idéias estão na nossa cabeça, basta um momento de calma, e que nesse grupo não existiam cobranças. A nossa atitude foi de não valorizar os erros, ou os não-acertos desses participantes que passaram por curtos processos de aprendizado e até hoje refletem no comportamento o receio de falar o medo de desenhar e escrever com receio de errar.

JORA: Eu não consigo dominá essa ansiedade, querer fazer as coisas, descobrir as coisas como os desenhos aqui. Eu não sei me dominá porque eu quero aprendê, preciso aprendê. Quando me dominá, acho que vou desenhá a concha.

Em alguns momentos, as vivências dos participantes e suas memórias auxiliaram nas respostas, como no diálogo a seguir:

PESQUISADORA: O que mais vai na cesta?

JORA: A concha

PESQUISADORA: Por quê?

IZA: Nem tenho ideia.

PESQUISADORA: Quando ela viu a concha do que ela lembrou?

NIC: Boto no ouvido pra ouvi aquele barulho que lembra a praia, aí ela lembrô do mar que ela foi quando era calor e ainda estava de botas. Isso eu lembrei porque quando eu era pequena, a gente botava o caramujo na orelha pra ouvi aquele barulhinho que os grande diziam que era o barulho do mar.

Terminadas as ilustrações, desviou-se um pouco do planejado: foi desenhada uma grande cesta no quadro verde e, conforme cada participante quisesse, foram colocando os objetos desenhados por eles e recolhidos por Guilherme. O grupo já havia colocado o ovo, a bola e a concha, mas faltavam dois objetos que estavam relacionados com a alegria e a tristeza. LINO começou a fazer a seguinte relação:

LINO: Quando a gente tem uma alegria, busca alguma coisa que faça os outros ficarem alegres ou rirem, mas as tristeza a gente tem quando perde uma pessoa. [Voltou a sentar e continuou] Eu fiquei muito triste quando perdi minha mulher, é isso, o livro falô da tristeza do vô do guri, de uma pessoa amiga da Antônia.

NIC: Não tenho certeza, mas acho que era o irmão da Antônia, alguma coisa da guerra, é isso mesmo.

JORA: Se ele foi pra guerra, então deveria ser a medalha do irmão, aí ela olhô a medalha do vô do guri e lembrô de mais um pedaço das memória dela.

O cesto do quadro verde estava quase completo e o grupo empenhado em completá-lo, mas não estavam conseguindo fazer novas relações para encontrar o que seria a representação da alegria. Cada participante, em silêncio, fazia uma retomada do que lembrava e esta informação falhava. DEO disse se sentir frustrado por não conseguir colaborar com as colegas. NIC começou a levantar hipóteses:

NIC: Essa coisa da alegria não seria um objeto de plumas, aquilo que se meche com uns barbantes, eu não sei o nome, mas é uma coisa alegre e colorida.

DEO: Isso, aquilo que ela usava para fazer a irmãzinha dar risadas, mas o nome não sei não.

JORA: Palinetes, ou alguma coisa assim parecida.

LINO: Seriam marionetes?

Completando os cinco objetos da cesta, o grupo demonstrou alegria em conseguir “vencer essa etapa”, dizendo querer completar as atividades que ficaram incompletas no próximo encontro, “fazer a cabeça funcionar na próxima aula”, como finalizou DEO.

Para algumas respostas, a ilustração teve fundamental importância, pois os leitores gravaram a imagem e não o nome, como no caso da marionete. Como eles mesmos disseram, as imagens eram tão belas que acabaram por distraí-los, não deixando que sua atenção ficasse focalizada no texto, que tra-

zia tantas informações de nomes relacionados às ações ou apelidos dos personagens da narrativa. Mesmo com certas dificuldades, o grupo se sentiu desafiado e prometeu voltar no próximo encontro para terminar o restante das atividades.

SEGUNDO ENCONTRO: 24/10/2008

### **Etapa Interpretativa**

Na retomada das atividades, ficou claro que, para os participantes, os objetos relacionados com os sentimentos de tristeza (medalha) e alegria (marionete) ainda não haviam sido lembrados.

DEO: Isso faz parte da vida!

Foi mostrada no multimídia a lista referente à caracterização dos personagens, que ficou incompleta: remar, piano, possante e bengala.

PESQUISADORA: Quando Dona Antônia olhou, tocou o ovo quentinho lembrou de quê? Além do ninho, vocês lembram o que mais o ovo lembrou?

Repetiu-se a leitura do livro oralmente com a apresentação das páginas do livro pelo multimídia, e ao ser mostrada a capa, JORA comentou: “esse menino já tem um nome, e é amigo dos velhos, que ele conhecia todo mundo que vivia lá, sim, porque ainda mais uma criança!”

Na leitura do trecho “ajudava a Sra. Mandala”, NIC disse: “Mandala, que nome estranho, não?”

Na ilustração que mostra Guilherme organizando os objetos no cesto, os participantes chamaram a atenção para o detalhe da “cara da galinha”, afinal o ovo era dela:

DEO: Olha bem a cara dela Ela não tá com cara de amigo, ela não tá em posição de brincar.

Os participantes demonstraram que pequenos detalhes ilustrados ou nomes não convencionais podem despertar curiosidade e instigar a busca de respostas. Em um dado momento, NIC disse: “a memória voltou!”.

Mesmo com a participação de todo o grupo na tarefa de completar o cesto, DEO ficou falando baixinho que não iria dar jeito porque ele não tinha nenhuma memória, mas o grupo pôde organizar, lembrando o que havia colocado na cesta no encontro anterior, da seguinte forma: bola valia ouro e trouxe as memórias, sim, porque Dona Antônia lembrou que o menino contou os seus segredos; ovo quentinho lembrou ovo pintadinho de azul, no ninho que JORA disse “é de pássaro, porque quem põe ovo pintadinho é pássaro”; concha lembrava coisas de muito tempo atrás, o passado, como a praia quando ela era menina, tinha o bonde ou trem, e as botinas que ela usava; marionete lembrava a irmãzinha que sorria de alegria, e ela, a dona Antônia, gostava de ver, e ainda mais quando a “guriuzinha” estava comendo mingau.

DEO [para JORA]: Tá boa de memória, hein?

JORA: Ora, eu tô aqui é pra puxá, é como um fio, precisa puxá. Agora a cesta tá completa.

Quanto ao narrador, JORA queria lembrar quem escrevera a história, nome que ela se lembrava de ter visto na capa do livro. Esclarecemos que o autor de uma obra não é o narrador.

JORA: Então esse alguém viu essa história e passou para o escritor, que depois escreveu no papel, e nós não sabemos quem é. Então é alguém oculto.

PESQUISADORA: E quem poderia ser?

DEO: Essa história das memórias é horrível, não é fácil.

NIC: Mandala [para essa aluna, no momento da leitura, a palavra lhe chamou a atenção, por ser um nome estranho].

Retomando as atividades do plano, solicitou-se que o grupo apresentasse um resumo da história. Podiam iniciar da seguinte forma: “Hoje, na Ritter, ouvi uma história que começava assim... DEO reclamou que não se lembrava de nada.

NIC: Tinha um menino que chamava Guilherme Antônia, né?

PESQUISADORA: Podes deixar somente como Guilherme.

NIC: Não, era Guilherme Araújo.

PESQUISADORA: Isso, e onde morava?

NIC: Morava perto do asilo.

PESQUISADORA: Quem e quantos moravam no asilo?

NIC: Eram velhinhos, eram cinco.

JORA: E tinha a dona Antônia que perdeu a memória e o menino que ajudou ela a encontrá as memórias.

DEO: Tem os caramujos também.

No final do encontro anterior, havia sido solicitado que os participantes trouxessem para a oficina objetos e fotos que lhes recordassem algo. Pedimos, então, que os participantes colocassem seus objetos e a foto sobre uma mesa e explicassem o que significavam.



Figura 8: Vestido do batizado da filha de JORA.  
Fonte: pesquisa de campo

JORA: O objeto que eu trouxe é o vestidinho [Figura 8] que a filha usou no dia do batizado. Foi presente da dindinha e do dindo, eles nem estão mais aqui, fazem 36 anos que ela foi batizada. Eu escolhi o vestido porque me faz lembrar dela no colo, bonitinha, me faz sentir saudades daquele tempo, do carinho. Nada em especial. O batizado teve aquilo que todo batizado tem. Mas o vestidinho foi guardado com carinho e estimaçã, uma lembrancinha. Coitado, tá até amarelado. Mas guardado.

Sobre a foto, bastante antiga, nem lembra em que época foi tirada:

JORA: Era um tempo que eu era danada, gostava de férias, passear, dançar, trabalhar, era muito bom. Eu morava em Porto Alegre. Hoje em dia, quando me olho no espelho, vejo uma velha feiosa.

Enquanto falava, NIC contou que JORA foi atleta, o que foi confirmado por ela. Contou que participou da 1ª, 2ª e 3ª Maratonas de Porto Alegre, recebeu “certificado e tudo”. Estava feliz porque podia provar:

JORA:, Porque se fica falando assim por aí não vale, tem que provar o que se fala. Até recebi convites para ir para São Paulo e Rio de Janeiro. A gente ficava nos estádios hospedados, depois os ônibus levava os atletas pros locais de corridas. Eu nem era tão novinha assim. Tinha uma coragem!

DEO: Tá velha e feiosa nada, tá bonitona.

DEO [para JORA]: Lembra quando eu cheguei aqui?

JORA: Lembro sim, parecia até que tinha medo, graças a Deus ele (Deo) mudou. Me alegro que ele tenha mudado.

DEO: Tava na beirinha do poço pra cá, aí apareceu uma alma boa, me trouxe pra cá e me tiraram do poço.

JORA: Graças a Deus, parecia um veinho, o senhor tava tão desleixado, atiradinho, parecia que dizia “ninguém me quer, ninguém me ama”.

DEO: Eu tenho muitas coisas na memória, mas eu não sei se a gente pode falar. Assim, por exemplo, quando eu era pequeno, com uns quatro anos, meu pai nunca bateu em mim, quando ia visita lá em casa ele sentava numa ponta do banco e eu tinha que sentá na outra ponta, enquanto as visita sentavam no meio, e se eu balançasse as perninhas, ele só se abaixava um pouquinho e me olhava assim sério e com a cabeça mostrava o caminho da rua. Aí tinha que i brincá lá fora. Nunca apanhei dele, mas tinha um respeito que era uma barbaridade.

JORA: Naquele tempo era assim mesmo.

DEO: Eu acho que essas pessoas tinham uma autoridade que vem de dentro, que nem o falecido meu pai. O olhar parecia que doía. A falecida mãe cortava as vara de marmelo grosso assim que nem meu minguinho, e depois queimava a ponta no fogo e servia pra “zás” nas pernas. Eu apanhava muito de minha falecida mãe.

JORA: Eu apanhava muito, mas também eu era birrenta, eu era abusada.

DEO: Eu apanhava muito por qualquer coisa, quando eu era pequeno o médico disse que eu tava doente do fígado e não podia toma sol, eu era pequeno e ia brincá debaixo da figueira e nem via nada. Mas o sol caminhava e acabava pegando em mim, ela vinha de lá dentro e “zás”. O pai, quando eu fazia uma coisa, ele só dizia “nós temo que conversá, eu já chorava, parecia até que tinha apanhado.

Na sequência, LINO falou sobre seus objetos:

LINO: A foto foi tirada por um irmão, mas faz muito tempo, quando ele chegou com uma máquina que fotografava eu tava segurando um machado e ele queria me retratá, aí pedi pra trocá o machado pelo violão, eu nem toco, só fiz de conta. Nós ia na sexta-feira até Alegrete com um ônibus que chamava de Olga. Nem sei se esse ônibus ainda existe. Na época dessa foto, eu nem pensava em casá, o ano dela é 45 ou 46, e eu casei em 55, então era muito rapazote.

Com relação ao objeto, trouxe uma bainha de faca de alpaca, entalhada com motivos típicos de gaúcho:



Figura 9: Bainha de alpaca do leitor LINO  
Fonte: pesquisa de campo

LINO: O outro é um objeto muito perigoso, não é explosivo, mas aconselho a ninguém mexer, é perigoso. O primeiro objeto foi presente do falecido pai, eu até nem gosto de usá faca. Porque uma vez eu tava montado numa rez e ela deu uns pinotes e assim, sem eu entendê até hoje, a faca se separou do cabo. Nunca mais andei com a faca na cintura. A segunda também foi o falecido pai que deu, e disse que quando eu comesse churrasco eu ia lembrá dele. Quando vim morá em Porto Alegre, morava num quarto com uma porta sem muita segurança, fiquei com medo e me desfiz de uma outra que o pai também me deu. Essa outra eu digo que é explosiva porque quem olha acha que é só uma faca, mas puxando assim é um garfo e uma faca. É muito perigosa.

DEO: Como pode tê uma faca e um garfo?

IZA mostrava com orgulho um objeto “diferente” para os colegas.

NIC: Aqui no sul, os homens gostam de se mostrá com facas, eu fui lá onde comemoram a festa dos gaúchos e olhei cada facão muito grande. É costume daqui, né??

A seguir, quem falou sobre seus objetos foi NIC:

NIC: A foto foi tirada em 1969, e me remete ao primeiro trabalho registrado, porque era importante trabalhar registrada para poder me aposentar depois. Os livros lembram a minha mãe, quando a gente nascia a mãe já era crente, então deu de presente uma Bíblia e o hinário. O pai era católico, mas não tinha problema, ele respeitava a escolha da mãe e juntas nós orava, fazia culto, por isso me lembro dela. Ela era uma pessoa boa, tinha defeitos, mas era legal. E o pai, quando ele queria, ia na igreja da mãe sem problema.

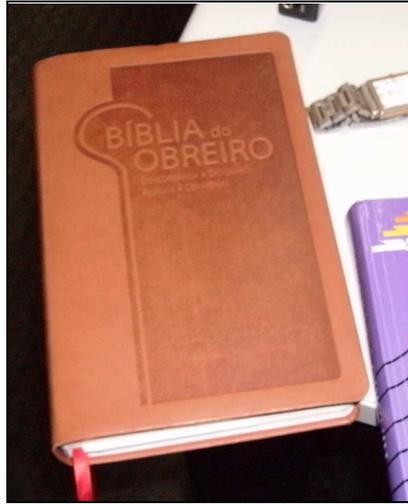


Figura 10: Livro do Obreiro da leitora NIC.  
Fonte: pesquisa de campo

DEO, por seu turno, assim falou de sua foto e objeto (um relógio):

DEO: Essa foto foi tirada em 1976, ela até me representa mais forte do que eu era, como pode ser isso? Eu viajava pela Ativa colocando propagandas da Minuano Limão por todas essas estradas, até em Santa Catarina a gente foi. Quando chegava o verão a gente ia na segunda e ficava até o sábado nas praia colocando as placas. Na época dos filmes do Teixerinha e da Mary, a gente ia na frente deles e o povo já ia dizendo, “olha o cafezinho pra turma que chegou”. Conheci pessoalmente o Teixerinha. Nossa, eles andaram muito mostrando os filmes. Depois fui trabalhar com pintura de geladeiras. E essa foto me lembra também uma vez que nós fomos lá em Guaíba naquela fábrica, a Ciolel [Riocel], onde fui junto com o meu colega fazer uma entrega, fomos maltratados no portão e ficamos lá algumas horas Hoje quando lembro disso, que me marcou demais, fico chateado. E sobre o relógio, até estraguei ele com três anos de uso.

### **Etapa de Aplicação**

Iniciou-se esta etapa com a colocação de duas frases no quadro verde que serviram de estímulo para que os participantes escrevessem seus textos. Foi necessário explicar que cada participante escolheria um início de frase para seu texto, no qual apareceria(m) o(s) objeto(s) trazido(s) por cada um.

A atividade teve duração de 35 minutos. Foi necessário auxiliar DEO na organização das idéias, na construção das palavras e frases; no entanto, quando leu a primeira frase “Vou te contar uma história sobre minha família e o meu primo”, demonstrou ter entendido a proposta. As produções dos participantes estão apresentadas a seguir:

Vou te contar uma história  
sobre minha família e eu gostava de  
carnava de salão de praças  
cuidava no relógio a hora pra ir no  
carnava. Se eu vendia, com a família.  
Jogar confete / pra se divertir com os  
colegas as pessoas / pra se divertir  
refrigerantes bastante como pastel.  
Eu lá na minha casa eu lavo roupas  
eu varo pátio

Figura 11: Produção textual do leitor DEO.

Transcrição: Vou te contar uma história sobre minha família e eu gostava de carnaval de salão de praças cuidava no relógio a hora pra ir no carnaval. E se divertir, com a família jogar confete para se divertir com os colegas as pessoas pra se divertir com nos pegava cerveja refrigerantes bastante come pastel. Eu lá na minha casa eu lavo roupas eu varo pátio.

Fonte: pesquisa de campo

Vou te contar uma história <sup>história</sup>  
sobre minha família e o meu avô.  
Minha mãe era mulher muito inteligente  
ela aprendeu ler na Bíblia eu não sei como  
ela pode uma letra tão pequena é bem  
ruim de aprender. Ela trabalhava na roça no  
sol quente e na chuva mas ela gostava.  
Meu pai era agricultor trabalhava num pedaço  
na fazenda eu e meu irmão ia ajudá-lo  
a fazer barro, tijolos e colher mandioca, milho,  
feijão, tomate e castanha, mamão e etc.

Figura 12: Produção textual da leitora NIC.

Transcrição: Vou te contar uma história sobre minha família e o meu avô. Minha mãe era uma mulher muito inteligente ela aprendeu a ler na Bíblia eu não sei como ela pode uma letra tão pequena e é bem ruim de aprender. Ela trabalhava na roça num sol quente e na chuva mas ela gostava. Meu pai era agricultor trabalhava num pedaço de fazenda eu e meu irmão ia ajuda a fazer barro, tijolos e colher mandioca, milho, feijão, tomate e castanha, mamão e etc.

Fonte: pesquisa de campo

vou te contar uma história sobre minha  
família. Quando nos faziam baile tinha uma carreira  
de damas que tinha que conta um verso  
isto era de quinze em quinze minutos, canta  
passava a noite esta faca muitas festas  
me acompanhavam horas de churrasco muitas  
me pediam pra cortar carne porque as  
que tinham eram muito ruins.  
Esta faca foi meu pai que me deu. Quando eu peguei  
ela eu lembro dele ele era muito maníaco  
mas depois que eu casei ele me procurava  
muito mais também ia na casa dele seguido.

Figura 13: Produção textual do leitor LINO.

Transcrição: Vou te contar uma história sobre minha família. Quando nos faziam baile tinha a carreira de damas que tinha que conta um verso isso era de quinze em quinze minutos canta passava a noite. Esta faca muitas festas me pediram pra cortar carne porque as que tinham eram muito ruins. Esta faca foi meu pai que me deu. Quando peguei ela eu me lembro dele ele era muito maníaco mas depois que eu casei ele me procurava muito mais eu também ia na casa dele seguido.

Fonte: pesquisa de campo

Quando conheci um garotinho parecido  
com Guilherme que pegou o umbiguinho  
da minha filha que eu tanto guardava  
para lembrança. E o menino jogou para  
fora. Como eu fiquei muito triste?

Figura 14: Produção textual da leitora IZA.

Transcrição: Quando conheci um garotinho parecido com Guilherme que pegou o umbiguinho da minha filha que eu tanto guardava de lembrança. E o menino jogou para fora. Como eu fiquei muito triste.

Fonte: pesquisa de campo

Vou te contar uma  
história quando conheci  
um menino parecido com Guilherme  
Ele tinha amiguinha e Brincava muito jogava  
bola e Sapata Cinco maria  
pularava corda para toda a tarde  
Brincando  
Ela tinha um Vestido Branco

Figura 15: Produção textual da leitora JORA.

Transcrição: Vou te contar uma história quando conheci um menino parecido com Guilherme. Ele tinha amiguinha e brincava muito jogava bola e sapata cinco Maria, pulava corda para toda a tarde brincando. Ela tinha um vestido branco.

Fonte: pesquisa de campo

O que foi possível perceber é que, mesmo aparecendo as palavras “menino” e “Guilherme”, os participantes elaboraram seus textos sem ficarem presos à narrativa da obra *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, buscando fatos de suas infâncias ou vivências particulares, o que demonstrou uma capacidade de buscar no passado (memórias) e no imaginário as sugestões para conseguirem elaborar a atividade. Após a entrega dos trabalhos, foi proposto ao grupo uma última leitura do livro (a terceira) e DEO reclamou:

DEO: É muito angustiante querer fazer as atividades, resolver as atividades, essa história de querer lembrar das coisas eu fico agitado porque sei que tá na minha memória, mas na hora que preciso ela não vem.

Foi lembrado ao grupo que as lembranças a serem estimuladas aparecem, mas que é preciso ter paciência, sem pressa ou angústia. O grupo chegou à conclusão que realmente precisa ter mais paciência, força de vontade, pois estar envelhecendo não significa ficar “atirado”, basta ter saúde e força para exercitar o corpo e a mente. DEO disse:

DEO: Mas o melhor de tudo é quando a gente faz os trabalhos e as professoras dizem que estamos fazendo as coisas pelos caminhos certos.

A sensação que esses participantes passaram é que estavam estimulados pela proposta de “acordar” as memórias e descobrir que podiam imaginar, sem preocupação com o certo e o errado.

#### 4.2 OBRA: COLCHA DE RETALHOS

TERCEIRO ENCONTRO: 31/10/2008

##### **Etapa de Motivação**

Iniciou-se a atividade dessa tarde pela exposição, no multimídia, da imagem de uma colcha de retalhos:



Figura 16: Imagem de uma colcha de retalhos.

Fonte: [www.microsoft.com/brasil/educacao/espaco/dicas/dicas\\_robin9.msp](http://www.microsoft.com/brasil/educacao/espaco/dicas/dicas_robin9.msp)

Questionamos o grupo sobre o que essa imagem representava, e as respostas mais frequentes é que era um quadrado formado de vários quadradinhos, alguns com imagens; mas, ao final, a conclusão foi a de que se tratava de uma colcha de retalhos. Perguntou-se se o grupo já vira alguma dessas colchas e onde. Essas colchas eram de conhecimento de todos do grupo, alguns até tinham uma feita de quadradinhos de tricô ou mesmo de tecido.

NIC: Parece uma cerâmica, tudo em pedacinhos.

PESQUISADORA: E quanto à origem dos retalhos?

O grupo não teve dificuldades em informar a origem dos tecidos: sobras de costureiras ou confecções para grupos de voluntárias que, em sua maioria, hoje se dedicam a esse trabalho.

### **Etapa da Leitura**

A leitura foi feita a partir da projeção em multimídia das páginas do livro.

Ao iniciar a história, quando apareceu a primeira imagem, JORA disse:

JORA: Olha, e não é que a danada achou um livro que se chama Colcha de Retalhos, e tem até uma vovó fazendo uma colcha, que beleza!

O grupo também observou que cada página trazia, na borda superior, uma barra contendo objetos mencionados no relato ou diálogos daquela página. Após a leitura, os primeiros comentários foram:

IZA: História linda demais, de uma vovó mesmo!

NIC: Muito linda!

### **Etapa de Compreensão**

Foi solicitado que os participantes indicassem os personagens anunciados no texto, o que não foi tão difícil, até porque, segundo NIC justificou, “está mais fácil, pois vovó esta se chama só Vovó, e não com quatro nomes como a outra”.

Os demais personagens foram divididos em dois grupos – os personagens que estavam vivos e mantinham o convívio com a vovó e Felipe, e um segundo grupo, dos que partiram, mas viviam nas lembranças.

PESQUISADORA: Onde acontece a história?

JORA: Acontece na casa da vovó. A história é tão bonita que a gente quer prestar atenção nas coisas, que agora a gente vê que esqueceu do resto.

PESQUISADORA: Quem nos contou essa história?

O grupo, por consenso, disse que foi a vovó.

PESQUISADORA: E qual é a intenção da vovó?

O grupo concluiu que a vovó queria fazer uma colcha, e tinha a intenção de dar a colcha para Felipe:

PESQUISADORA: E o que ocorreu depois de terminar a colcha?

JORA: Mandou para o Felipe como presente pra ele e ele adorou. Ele não tava em casa, depois ele chegou em casa e alguém avisou que tinha um presente

PESQUISADORA: Quem avisou?

GRUPO: A mãe dele, aí ele abriu a porta e ficou muito alegre com a surpresa. Ah! Era a colcha de retalhos! Tem uma colcha de retalhos tão bonita!

PESQUISADORA: Depois o que aconteceu? Ele chegou, entrou no quarto e daí?

IZA: Ele ficou alegre, e muito contente, porque ela era muito bonita.

PESQUISADORA: E o que ele fez?

JORA: Ele deitou na cama em cima da colcha que estava estendidinha na cama.

PESQUISADORA: Tem diferença em sentar ou deitar na colcha?

JORA: Se ele sentasse, ele nem veria tudo, e é bem diferente.

NIC: Ele alisou, abraçou, deitou, e o coração dele ficou apertado.

PESQUISADORA: E quando ficou olhando os quadradinhos?

JORA: Ele achou pedaços da camisa do pai, do vestido da mãe, do seu pijaminha, da roupa de uma parente.

DEO: Ele lembrou de alguém daqueles que estavam na colcha.

PESQUISADORA: O que ele pediu para fazer?

LINO: Pediu pra ir na casa da vovó. Para abraçar a vó, agradecer pela colcha, e dizer que sentiu saudades da vó, pediu um abraço para a vó, e contou que já sabia o que era saudades.

PESQUISADORA: Quem contou a história?

Para os participantes, quem narra a história geralmente são os personagens principais, ou aquela pessoa que aparece anunciada na capa como o autor.

PESQUISADORA: Durante essa segunda narrativa, a vó ou o Felipe [os mais indicados como narradores em algum momento] foram os narradores da história?

O grupo demonstrou clareza em não ter percebido essa apropriação, o que afasta o papel de narrador dos personagens principais. Uma das participantes, IZA, concluiu que:

IZA: A pessoa que conta a história não está na história, então.  
JORA: O narrador é uma pessoa que vai a todos os lugares, olha os acontecimentos.  
DEO: É isso mesmo, agora ele pode contar tudo o que viu.

NIC finalizou dizendo que ele, o narrador, esteve na casa da vovó e em todo o lugar. Sua característica é de valorizar os sentimentos, pois nas duas histórias trabalhadas os sentimentos foram o que mais chamou a atenção dos participantes.

NIC: Ele narra, mas deixa a gente saber o que as pessoas estão sentindo ou como estão passando pelas coisas.  
DEO: O narrador dessa história é diferente da história do “Guilherme Augusto Araújo dos Santos”.  
JORA: Porque essa história tem sentimento. O neto chega em casa e ele até deita na cama, abraça a colcha como se fosse carinhar a vovó.

Para o grupo, mesmo tendo dificuldade em indicar quem é o narrador, conseguiram perceber as duas diferentes formas de serem narradas as histórias.

### **Etapa de Interpretação**

A narrativa conduziu os participantes para as ações entre a avó e o neto, deixando passar despercebidas as brincadeiras que Felipe fazia, e, pelos relatos das entrevistas, algumas das brincadeiras narradas foram parte das infâncias deles. Duas participantes se reconheceram numa brincadeira de Felipe, que era de subir em árvores, e contaram:

JORA: Eu era parecida com ele, ia no mato, subia nas árvores e aprontava.  
IZA: Eu uma vez fiz como ele, subi numa bergamoteira do vizinho, aí chegou a cachorrada e nós tivemos que sair correndo e deixei a manga do avental presa no espinho da planta. E eu disse pra minha mãe que perdi a manga numa briga na escola.

Foi mostrada, então, a imagem a seguir:

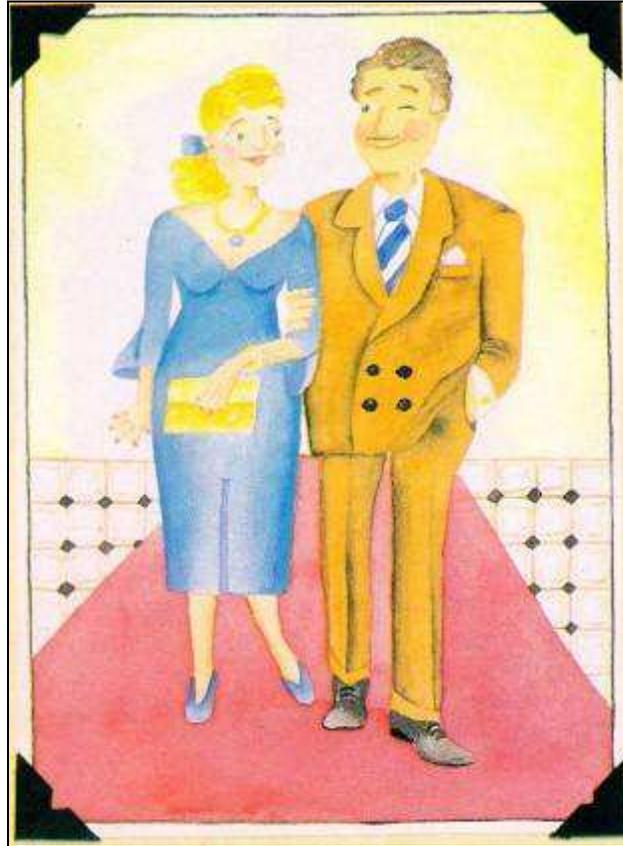


Figura 17: Ilustração da obra Colcha de retalhos  
Fonte: SILVA e RIBEIRO, 1995, p. 9.

Os participantes reconhecem o par como os pais de Felipe. Ao serem questionados por que os pais de Felipe aparecem, os participantes fazem a relação a um pedaço de retalho; como todos os demais, tinham alguma relação com alguém da família da avó e Felipe.

Quando solicitado ao grupo que se separassem em duplas para trocarem informações sobre as avós de cada um, foi dado um tempo de 10 minutos. Após, voltaram ao grupo maior e contaram sobre a avó do colega. NIC falou da avó de DEO, que ele não teve a oportunidade de conhecer:

NIC: Eles, os bisavós, moravam em Portugal. O avô veio para o Brasil e foi morar em Viamão, depois veio o pai, que também ficou morando em Viamão.

DEO falou da avó da colega NIC:

DEO: Ela sofreu muito nas mãos do segundo marido, que batia, era um horror. Até que um dia ela estava assim espalhando o milho no sol para secar e tinha dois cocos perto dela, e não teve dúvida, ela disse: “De hoje em diante tu não vai me dá mais”, pegou um coco e enfiou na boca dele, até que um vizinho acudiu.

A participante completou:

NIC: Mas preciso dizer que o avô era uma pessoa muito boa, esse segundo marido é que atrapalhou, o vô era boa pessoa. Minha avó era lá do interior de Pernambuco.

JORA percebeu que a maioria dos nomes de nossos avós e avôs era Francisco, Francisca, “Vai vê que era o nome da moda ou queriam homenagear São Francisco”.

IZA contou sobre a avó de JORA: Era moradora do interiô, mas lá nos matos, fazia café da manhã, angu, botava leite e depois iam na roça, de pé no chão, voltavam com tamancos nos pés. Ela era uma pessoa muito boa. E se chamava Tomásia.

JORA esqueceu o que ouvira da colega e pediu ajuda para ir mostrando como era a avó de IZA, que se chamava Francisca; também trabalhava na roça, no interior do mato de Itaqui.

DEO: Mas a questão é que não é que não me alembro, mas os avós moravam no Brasil, os bisavós é que ficaram na Ilha da Madeira, e eu fui criado por uma família como meu pai, aí perdi contato com todos da minha família, as coisas e as pessoas, a única coisa que me alembro e tenho guardada na minha mente é que meu pai era filho de português. O avô veio novo de lá casado, e foi cedo empregado em um armazém, fazendo o serviço pesado, ele não escrevia nem lia, assinava assim com o dedão. Com oito anos juntei uns trocadinhos que meus padrinhos me deram, fui no bar e comprei meu primeiro caderno e fui procurá um colégio pra eu estudar, eu ia pedindo e consegui, só que foram os piores 14 meses da minha vida, porque cheguei lá, e em vez de estudá, só queria saber de briga, saí sem nem saber o meu nome, foram os 14 meses mais tristes da minha vida, porque eu só apanhava.

Outra constatação feita pelo grupo foi que a maioria dos antepassados era do interior e depois vinham para a cidade em busca de trabalho menos pesado que lá.

Foi, então, proposta outra atividade, mostrando-se a cartela a seguir:

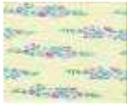


Figura 18: Cartela com 10 pedaços de tecidos para trabalhar os sentidos do tato, olfato e visão.  
Fonte: pesquisa de campo.

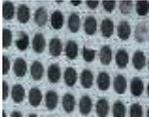
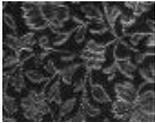
Nela estavam anexados dez pedaços de tecidos com diferentes texturas, padronagens, cores e cheiros, e os participantes foram convidados a tocar, cheirar os tecidos, observar e, após, poderiam tecer comentários, com os quais foi montado o Quadro 1, a seguir.

DEO: O número 6, não era tecido, mas um papel.  
 JORA: Logo que vi me lembrei da PESQUISADORA Marta, do nosso grupo de dança, ela gosta muito de brilhos.  
 DEO: Este aqui [apontou para o de número 9] tem cheiro de naftalina.  
 PESQUISADORA: E o que lembra a naftalina?  
 JORA: Roupa guardada de tempo, mas o número 1 tem um cheiro de colônia fresquinha, sabonetinho.  
 NIC: Cheiro de criança.  
 IZA: Roupa velha que esteve no baú.  
 NIC: E o tecido 7 até parece uma colcha de retalhos cheia de cores.  
 JORA: O número 10 era para fazer uma camisa, agora não uso mais.  
 DEO: Por quê? Tu não tem mais 17 anos?  
 JORA: Não agora estou com quinze, quem diria que eu sairia na rua toda de jeans, quem diria né, eu mudei.

Com as observações dos participantes, organizou-se o seguinte quadro:

OBSERVAÇÕES FEITAS SOBRE OS TECIDOS					
Tecidos	IZA	DEO	NIC	JORA	LINO
 Tecido em algodão, macio com cheiro de loção para bebê.	Me faz lembrar roupas de crianças que minha mãe fazia a mão, a gente tinha pouca roupa e deu. Hoje em dia é esse exagero de roupa.	Tecido com cheiro de xampu, roupinha de criança, fazenda delicada.	Tanto para gente grande como para criança, mas o cheiro me diz que é para criança.	A sensação de maciozinho, camisolinha de bebê, não machuca a pele delicada do bebê.	Esse pano com essas cores e assim fininho parece para roupa de criança, bem macio.

 <p>Tecido de lã, com acrílico</p>	<p>Tecido de lã, roupa muito pesada, para o frio.</p>	<p>Fazenda de roupa de inverno.</p>	<p>Um sobretudo, chique e elegante.</p>	<p>Chambre bem lindo, comprido, não até o chão para não pegá o pó, assim bem chique. Pra botá por cima da camisola.</p>	<p>Para colorado, e faz um casaco grosso</p>
 <p>Tecido de algodão cru, utilizado para sacos de açúcar</p>	<p>Pano de prato, para cozinha.</p>	<p>Algodão, algodão. Ah! Pode ser pano de prato.</p>	<p>Minha mãe fazia pano de prato, toalha pra mesa, lençol, fronha, e a mãe fazia também vestido pra minha irmã pôr depois ela tingia com urucum e eu não gostava da cor e não usava. Aí ela nem fazia pra mim.</p>	<p>Paninho de copa, toalhinha de mesa, toalha para secar os cabelos, a mãe e as tias desmanchavam alguns fios e depois faziam aquele trabalho nas pontas (macramê), aquilo ficava tão bonito, fronha de travesseiro, nem sei como elas conseguiam fazê tanta coisa.</p>	<p>Dá pra fazê pano de prato, guardanapo e até camisa.</p>
 <p>Tecido de poliéster.</p>	<p>Camisa para homens.</p>	<p>Fazenda pra camisa, mas hoje em dia pode ser pros homem como as mulher.</p>	<p>Tanto faz, esse pano pode ser usado por homem e mulher, pode ser uma saia.</p>	<p>Tanto para homens e mulheres, camisinhas com punho, bermudas, tecido macio, não provoca machucado na pele delicada das crianças.</p>	<p>Camisa bem fresquinha.</p>
 <p>Pedaço de uma peça de tricô confeccionada com lã fina e delicada.</p>	<p>Roupa de nenê, conjuntinho agora, porque antigamente nem faziam.</p>	<p>Pra fazê toquinha, sapatinho, casaquinho e pode ser pulôver, uma brusa, um colete, uma palinha.</p>	<p>Roupa de criança, um azul muito bonito, até uma saia pra gente grande, é muito delicado para bebê.</p>	<p>O azul tanto serve para um colete, macio e serve até mesmo como uma bermudinha para nós as meninas</p>	<p>Crochê para se fazê um boné, meias.</p>

 <p>Pedaço de tecido lamê prateado.</p>	<p>Roupa de festa, carnaval, coisa fina com muito brilho.</p>	<p>Pra usar no carnaval.</p>	<p>Artista, pro grupo de dança,</p>	<p>Tecido muito bonito, alegre, tem vida, até mesmo para uma blusa.</p>	<p>Esse pano, pra saí de noite deve ficá parecendo um céu cheio de raios e luzes. Mas é próprio para uma mulher fazer um vestido de festa.</p>
 <p>Tecido de malha "gelada" para o verão</p>	<p>Vestido, roupa bonita, esse tecido no meu tempo nem existia, é molinho e frio.</p>	<p>Vestido.</p>	<p>Lembra a colcha de retalho de tanta cor que tem.</p>	<p>Muito berrante, eu até tenho um parecido, meio cafona, aqueles cantores que são um espalhafato e ganham dinheiro.</p>	<p>Esse também pode ser um vestido até pra festa.</p>
 <p>Tecido chamado de Brocado.</p>	<p>Vestido de qualidade diferente do anterior.</p>	<p>Vestido. Dependendo da festa, um vestido bem bonito.</p>	<p>Cortina, forro de sofá, bastante delicado.</p>	<p>Tecido bonito para almofadas, fazer um arranjo com outras cores, esta cor está muito escura. Pode até botar umas lantejoulas, mas tem cuidar para sentar.</p>	<p>Pra uma blusa, porque tem esse desenho de rosas e flores escura.</p>
 <p>Tecido 100% lã, com cheiro de naftalina</p>	<p>Um casaco grosso, um pano guardado num roupeiro ou baú por muito tempo.</p>	<p>Mais apropriado para o frio.</p>	<p>Esse eu botaria no lixo, ou melhor lavava e fazia um sobretudo.</p>	<p>Me fez espirrar muito com esse cheiro de naftalina. Não é bonito, nada de alegria, é triste. Numa loja nem olharia pra ele.</p>	<p>Bem, essa cor eu adoro, acho que pro inverno é muito bom, Um casaco.</p>
 <p>Renda branca em fundo azul para melhor visualização</p>	<p>Uma blusa bacana e bonita.</p>	<p>Pra uma blusa de mulher chique.</p>	<p>Para blusa, batas para as mulheres de batuque, e também a saia de mãe de santo, assim mesmo só que forrada de branco.</p>	<p>Serve para tudo o que a gente quiser, em especial para a gente ficar bonita.</p>	<p>Uma blusinha, mas para mulheres.</p>

Quadro 1: Observações dos participantes sobre os tecidos da cartela.  
Fonte: pesquisa de campo.

LINO: Eu gostaria de dizê pra senhora que essa coisa de olhar panos e tecidos não tenho nada contra, mas nunca comprei nada pra mim, lá em Alegrete quando chegava o pano azul-marinho que os moços das Pernambucanas sabiam que eu gostava de fazer camisas, eles avisavam e eu ia lá pra buscar, mas só. Nunca comprei nada. A primeira mulher comprava os panos e dava conta de tudo. Depois que ela faleceu, a filha assumiu isso, aí chegou a segunda esposa, e de saída fui avisando sobre esse problema, mas ela deu conta. Agora que fiquei viúvo, de novo a filha voltou a comprá as coisas pra mim.

Após foi comunicado ao grupo que a atividade dessa tarde estava encerrada.

PESQUISADORA: Qual a avaliação de toda a atividade, o livro, as questões e os tecidos?

Ao finalizar a aula, passaram-se os recados para a próxima atividade, solicitando que trouxessem uma “peça” de roupa que preferencialmente tenha sido confeccionada com o resto de algum tecido (algo que evocasse alguma lembrança), agulha e linha (sem determinar o número da agulha e nem a cor da linha).

DEO: Nem acredito que a senhora com essa carinha, vai fazê a gente costurar! Vamos sair fazendo de tudo dessas tal oficinas. Mas o que é isso, estamos aprendendo tantas coisas, ainda isso.

IZA: Pois é, minha filha mais velha, que já conhece a professora, diz que ela é uma pessoa que mesmo que conte histórias tristes, a gente fica levinho, e vai desenvolvendo o pensamento sem prestar atenção, é o estudo.

## **Quarto encontro: 07/11/2008**

### **Etapa da Aplicação**

JORA: Mas é alguém com muito sentimento, delicado, mostra as coisas comuns com muito carinho, doçura.

PESQUISADORA: O que o senhor acha dessa fala da colega, o senhor concorda?

LINO, com expressões faciais, se mostrou em dúvida, mas foi percebido pelos colegas que se manifestaram:

JORA: O Sr. viu como ele conta que o Felipe deita na colcha da vovó, a gente até vê ele abraçando a colcha, e o abraço?

LINO: É, é uma história de sentimentos.

PESQUISADORA: E sobre a atitude de Felipe ao ver o presente?  
LINO: Ele foi respeitoso, deitou na colcha e lembrou de muitas coisas boas que fizeram com que ele ficasse adorando a colcha e pediu pra visitar a vó e contar o que era saudades.  
IZA: Mas falou em segredo, né?  
DEO: Os meninos são tímidos.  
PESQUISADORA: Por quê?  
DEO: O jeito que nossos pais nos criaram.

PESQUISADORA: Vamos retomar uma questão que apresenta dúvidas, quem narra uma história? Vamos pensar em um narrador de futebol de rádio. Para quem está ouvindo o jogo, esse narrador acaba tendo a função de “mostrar” aos ouvintes como jogam, quem é o público, como está a entrada do estádio, e outras tantas coisas que vão acontecendo. Também é o narrador que, além do jogo, o público, acaba contando para o público, outros detalhes como os momentos de apreensão, alegrias, tristezas, até mesmo quando ocorrem brigas entre torcidas.

Nesse momento o grupo diz que nunca mais vai esquecer de descobrir quando a história tem um narrador, “que é um pouco diferente do Galvão narrando um jogo pela televisão, porque a gente vê o que está acontecendo, até mesmo as coisas que ele ( o Galvão) nem fala”.

Passou-se para a segunda atividade proposta. Cada participante trouxe uma peça de tecido que lhe evocasse alguma lembrança, e tudo foi colocado sobre uma mesa:



Figura 19: Peças do vestuário pessoal ou da casa dos leitores, na maioria peças antigas.  
Fonte: pesquisa de campo.

Foi solicitado aos participantes que apresentassem sua roupa ou objeto de tecido ao grupo:

DEO: Trouxe um pano de copa, tem uma grande importância além de lembrar da esposa que cuidava muito desses panos para durar bastante, quem lhe deu esse foi a filha. Para mim tem um significado muito importante, pois ela lembrou que ela precisa dessas coisas também, e foi uma demonstração de preocupação.

JORA: Trouxe outra lembrança da filha, hoje foi o lençol do berço. Eu guardo até hoje, pois a filha sempre foi muito sapeca, imagine que ela tinha um berço de grades, e aos nove meses a safadinha pulava por cima e ia pro chão. A gente saía na rua e as pessoas perguntavam quantos anos ela tem? Porque as perninhas dela eram gambotinhas e compridas. Essas coisas do passado dos filhos sempre são bem-vindas nesses momentos, a gente acaba contando para os colegas e agora amigos coisas que na aula a gente nem tem tempo, não lembra, mas, veja só, estavam todas guardadas na nossa cabeça.

IZA: Trouxe uma flalda da neta Aline [hoje com vinte e um anos]. A flalda de pano teve que ser a saída porque na época que a guria nasceu, 1986 [ano do plano de troca de moeda], as prateleiras do supermercado ficavam vazias, e pra ajudá a gente tava passando por muita dificuldade, até fome a gente quase passou, a mãe da nenê tinha 19 anos, quis sair de casa para ter vida própria e voltou de bucho cheio. Meu marido se desesperou e estava desempregado, pegou o primeiro serviço porque queria criar a neta. No primeiro trabalho que arrumou, saiu de casa e meu coração estava num aperto só, não deu outra, ele voltou pra casa pra sê enterrado, caiu do quarto andar de um prédio. Aí uma semana a Aline nasceu, fiz tudo e mais um pouco pra criá essa guria. E hoje é meu orgulho, sou mãe e vó dela. E ela merece todo meu carinho e admiração, porque ela é ajuizada, correta e faz as coisas bem pensadas. Por isso trouxe a flalda que guardo comigo como lembrança de uma época que a gente sobe vencê.

NIC se esquecera de trazer a peça de tecido solicitada, mas mencionou que seria um vestido de tecido listradinho de azul e branco (buscou-se na caixa de retalhos um muito parecido, segundo a aluna). A admiração por esse vestido, segundo ela, é porque “ele é lindo, simples, fresquinho, eu me sinto muito bem com esse vestido, tem o maior cuidado para não deixar que ele fique velho, é um apego, talvez porque quem o fez foi uma prima por quem tem muito apreço”. LINO não pôde trazer a roupa porque a peça de que ele mais gostava não existia mais, mas era uma camisa avermelhada (buscamos na caixa de retalhos um tecido de cor aproximada a essa que ele mencionou).

LINO: A camisa tem muita história com início, meio e fim. O início porque foi presente do meu irmão quando arrumei um trabalho pra ele. Depois eu adorava a cor, o tecido, usava sempre, mas com o maior cuidado, minha falecida cuidava na hora de lavar porque ela sabia o quanto eu apreciava a tal camisa. Usei muito a camisa. O fim dela foi triste, pois não é que um dia eu fui ao banco e, na saída, tava guardando uns papéis no bolso e apareceram dois caras, e a primeira coisa que fizeram, achando que eu tinha guardado dinheiro no bolso, puxaram por ele, aí foi um desastre, arrancaram o bolso, os botões caíram e ela acabou com esse triste fim. Fiquei sentido porque ela me foi muito importante, não merecia esse fim, mas fiquei ileso, sem nenhum machucado, mas perdi a camisa.

Como os relatos foram detalhados, não foi solicitada sua elaboração por escrito. Os participantes foram, então, surpreendidos por uma grande quantidade de retalhos, com cores, padronagens e espessuras diferentes. Frente a essa coleção de tecidos, foram convidados a escolher a quantidade de pedaços desejada, mas em especial as que lhes trouxessem lembranças.



Figura 20: O grupo fazendo suas escolhas de tecidos.  
Fonte: pesquisa de campo.

Feitas as escolhas, foi solicitado aos participantes que elaborassem suas colchas de retalhos em um tamanho A4 (foi fornecida uma folha nesse tamanho para cada participante). Conforme foram elaborando, cada um foi narrando que tecido proporcionou associações a fragmentos de memórias. E deveriam responder à seguinte questão:

PESQUISADORA: Que pessoa você presentearia com sua colcha de retalhos? Envie um bilhete junto com o presente, falando do significado da colcha na sua vida.



Figura 21: Momentos da confecção das pequenas colchas de cada leitor.  
Fonte: pesquisa de campo.

Enquanto trabalhavam, seguiam trocando idéias sobre a atividade, principalmente sobre as dificuldades de acertar a linha com a agulha. Segue parte do diálogo durante a atividade:

JORA: Estar aqui é um santo remédio, se a gente fica em casa, fica pensando bobagens, assim estamos todos trocando idéias, conhecendo melhor os amigos quando eles contam suas histórias.

DEO: E eu, costurando! Olha aí o LINO todo concentrado em organizar os pedaços de pano. Veja a senhora, quem diria que eu, aos 86 anos, estaria costurando, precisava vir ouvir a linda história, essa professora leva a gente de mansinho e estou costurando

JORA: É, veja só, o senhor está costurando!!! E bem faceirinho.

DEO: Assim estamos numa família só.

IZA: Em casa a gente acaba as lidas e fica só pensando no nada.

DEO: Aqui a gente se sente muito bem, ouve tantas coisas boas, se distrai, aprende muito.

IZA: E o DEO era fechado e não era de muitas palavras, veja só.

JORA: Aqui a gente se conhece melhor e vai se conhecendo cada vez mais, pode até passear. Mas se a gente não confia nada feito. Eu tinha amigos, mas todos foram morrendo.

JORA demonstrou ser contida quanto à sua intimidade, falou pouco de si como mulher sozinha em uma sociedade tão discriminatória com idosos.

DEO pediu auxílio, pois está preocupado porque seus pontos apareciam, mas, voltou-se para uma imagem do livro onde, na colcha da vovó, os pontos eram visíveis, o que serviu de estímulo para que ele continuasse.

Conforme as “colchas” ficavam prontas, cada participante era convidado a fazer a última tarefa, que foi escolher uma pessoa para quem mandar a colcha e escrever um bilhete contando da importância do presente que estava sendo encaminhado. A elaboração dos bilhetes apresentou maior dificuldade

em “colocar as palavras certas no papel, porque na cabeça elas estão todas aí, falta dominá as letras” (JORA).

Nas leituras dos bilhetes encaminhados aos amigos e/ou parentes, se percebeu o resgate pelos tecidos que levaram os leitores aos seus locais de origem, relações, amizades, e até mesmo brinquedos executados pelas avós desses idosos.



Figura 22: Colcha de DEO.  
Fonte: pesquisa de campo.

DEO: [Referindo-se ao tecido xadrez] É muito especial pra mim, eu tinha uma camisa que eu era tão apaixonado por ela, que vivia com ela e a falecida, como era muito cuidadosa, qualquer buraquinho ou botão que caía ela arrumava. [Tecido rosa] Essa cor era de uma brusa que a falecida usava, e quando ela usava o rosto ficava mais corado. Sabe, PESQUISADORA, que a roupa enfeita a pessoa? [Tecido de lã] Era de um casacão que eu ganhei de uma tia, ela era uma pessoa muito boa, mesmo. Eu tinha pena até de usá o tal casacão e ele mais ficava no roupeiro do que em uso. Acabei dando pra uma pessoa que agora não me alembro pra quem foi.

fiz a essa colcha de retalhos  
para meu neto Alas  
filho do meu filho  
Permutimo do filho por mesmo inamita  
que o meu avô lede de presente  
de Amiversono  
soda do meu casacão  
soda da minha camisa  
A BUZA que queda da  
LISOVA ficava na bonita

Figura 23: Bilhete de DEO para seu neto.

Transcrição: Fiz essa colcha de retalhos para meu neto Alan, filho da minha penúltima filha, por nome Ironita que seu avô desse de presente de aniversário. Sobras do casacão, sobra da minha camisa, a bluzinha que ela (falecida) usava ficava muito bonita.

Fonte: pesquisa de campo.



Figura 24: Colcha de LINO.

Fonte: pesquisa de campo.

LINO: [Referindo-se ao tecido brim] Tem uma cor muito parecida com umas bombachas que eu usava. [Tecido preto e branco] Esse tecido eu tinha uma camisa, ele me traz muita recordação porque quando eu pegava meu neto Rodrigo, ele contava as estrelas, quando tinha uns 5 ou 6 anos. [Tecido marrom] Ah! Essa cor é apropriada mesmo para fazer bombachas. [Azul claro] É apropriado para se fazer camisa, não gosto de camisas com desenhos, essa é muito bonita. [Azul escuro] Esse outro tom também é apropriado para camisa de homem, eu gosto. [Verde] Este tecido assim pegando e a cor me parece apropriado para fazer bombachas.

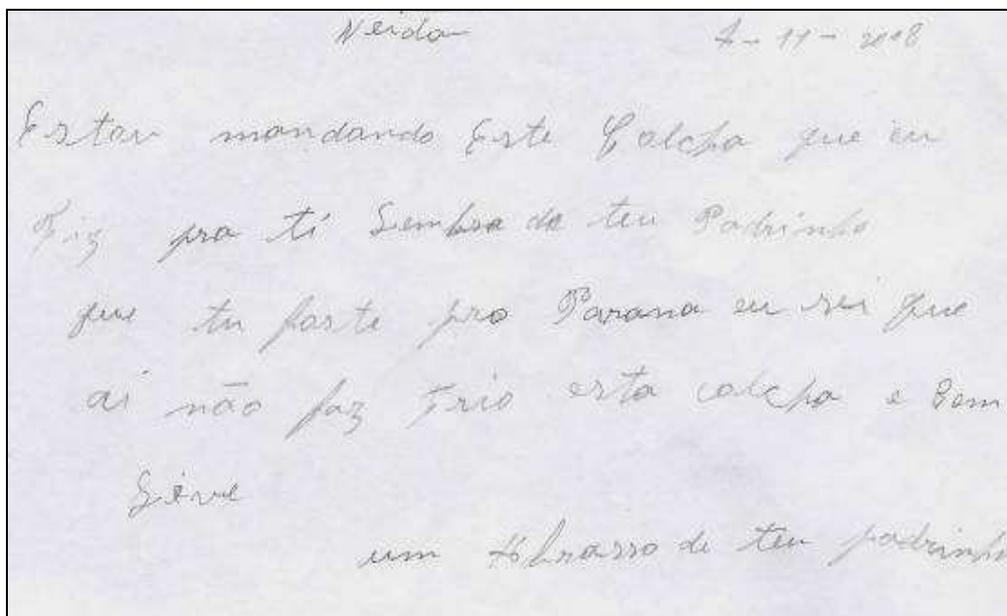


Figura 25: Bilhete de LINO para a afilhada Neida.

Transcrição: Neida, 7/11/2008

Estou mandando esta colcha que eu fiz pra ti se lembra do teu padrinho que tu foste pro Paraná eu sei que aí não faz tanto frio esta colcha é boa serve.

Um abraço do teu padrinho

Fonte: pesquisa de campo.



Figura 26: Colcha de IZA.  
Fonte: pesquisa de campo.

IZA: [Referindo-se ao tecido rosa] É um almofadão que tem na minha casa, e veio lá de fora (de Itaqui), quando a gente foi buscá a mãe de ambulância a gente troxe ela assim amparada nele, e eu adoro porque ele me lembra dela. [Tecido com estampa de cenouras] Ah! Esse das cenouras, era um vestidinho da Aline [primeira neta]. Ela ganhou também um de moranguinho. A gente fazia de tudo por ela, pois o vô que queria muito vê a primeira neta e foi arrumar mais um trabalho pra ajudá em casa e uma semana antes da guria nascê, ele despencô do 4º andar e morreu. A gente passou muita dificuldade, até fome a gente passou, e eu criei a guria porque a filha não dava conta. Hoje ela estuda Letras na UFRGS. É um orgulho. [Tecido petit pois] Eu tenho um vestido assim, usei muito. Mas faz anos que ele tá guardado, porque no dia do falecimento da mãe eu usei, aí fiquei com aquela coisa, e nunca mais usei. [Tecido azul] A minha falecida mãe tinha um vestido assim, e eu gostava de vê ela vestida com ele. Adorava o vestido também.

Tia estou te mando esta colcha  
de retalho com muito carinho  
este pedaçozinho azul me lembra  
muito um vestido da minha  
mãe o outro é um vestidinho  
que eu fiz para minha neta.  
e rosa é uma almofada da minha  
mãe. e o de balinho é um vestido  
que eu tenho muitas lembranças dele.  
eu espero que tu goste um abraço  
de tua amiga.

Figura 27: Bilhete de IZA para a Tia.

Transcrição: Tia estou te mandando esta colcha de retalho com muito carinho este pedacinho azul me lembra muito um vestido da minha mãe o outro é um vestidinho que eu fiz para minha neta. E o de bolinha é um vestido que eu tenho muitas lembranças dele.

Eu espero que tu goste um abraço de tua amiga

Fonte: pesquisa de campo.



Figura 28: Colcha de NIC.  
Fonte: pesquisa de campo.

NIC: [Referindo-se ao tecido marrom] Esse tecido me lembra uma calça que me caía muito bem, mas era sem a risquinha branca. Ela me traz saudades porque eu fui pro Norte com ela. [Tecido de estampa floral] Esse é pura cor, eu tinha uma blusa, me sentia muito alegre com essa roupa. [Tecido xadrez] Esse tecido era de uma camisa que eu usava muito, era fresquinha e ganhei o pano de uma parenta.

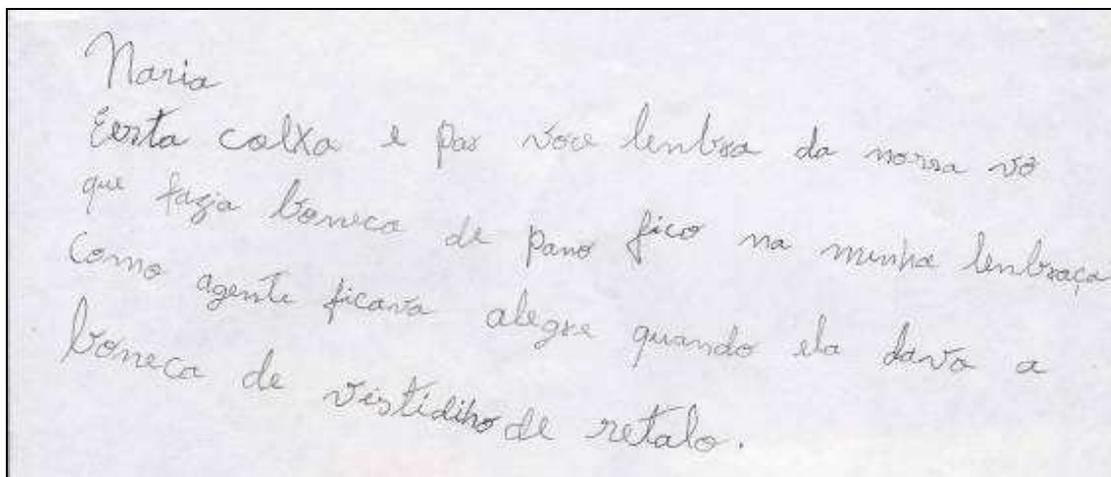


Figura 29: Bilhete de NIC para sua irmã.

Transcrição: Maria

Esta colcha e para você lembrar da nossa vo fazia boneca de pano fico na minha lembrança como a gente ficava alegre quando ela dava a boneca de vestidinho de retalhos.

Fonte: pesquisa de campo.



Figura 30: Colcha de JORA.  
Fonte: pesquisa de campo.

JORA: [Referindo-se ao tecido de estampa floral colorida] Esse é colorido, já tive um casaco, usei muito, depois passei pra minha filha que acabou sendo roubado. Mas como eu gostava dele! [Tecido de estampa floral preto e branco] Esses tecidos em branco e preto é lindo, dá vida, veja, hoje mesmo estou com um vestido nessas cores.

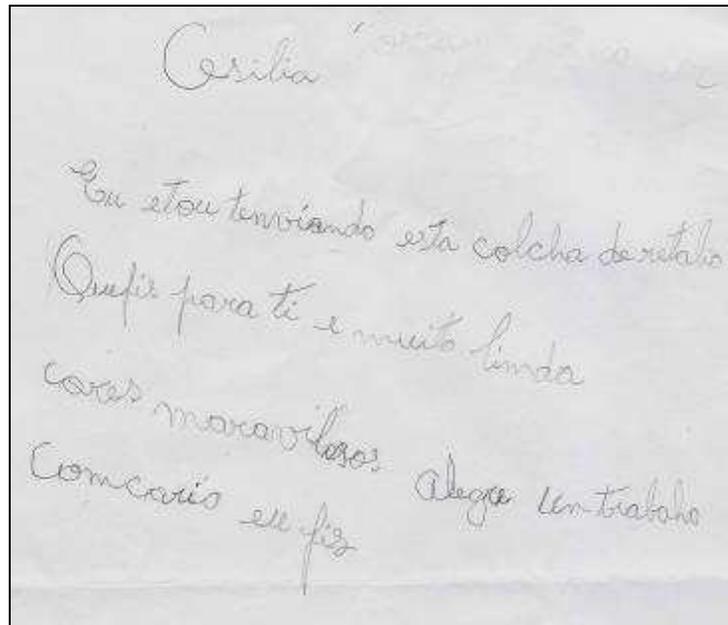


Figura 31: Bilhete de JORA para a amiga Cecília.

Transcrição: Cecília

E estou te enviando esta colcha de retalhos que fiz para ti é muito linda cores maravilhosas  
alegre um trabalho com carinho eu fiz.

Fonte: pesquisa de campo.

Ao finalizar as atividades, o grupo disse que essa experiência de “misturar estudo e costura” foi muito boa, mas o melhor ainda foi conhecer essa avó tão carinhosa (referindo-se à avó da obra *Colcha de retalhos*).

### 4.3 OBRA A CRISTALEIRA

QUINTO ENCONTRO: 14/11/2008

#### **Etapa de Motivação**

Para motivar o grupo, foram mostrados fragmentos (olhos e taça, Figura 32) da imagem da capa da obra *A cristaleira* e questionou-se como seria a imagem e a quem pertenceriam os detalhes mostrados: “Qual a relação entre os olhos e a taça?”

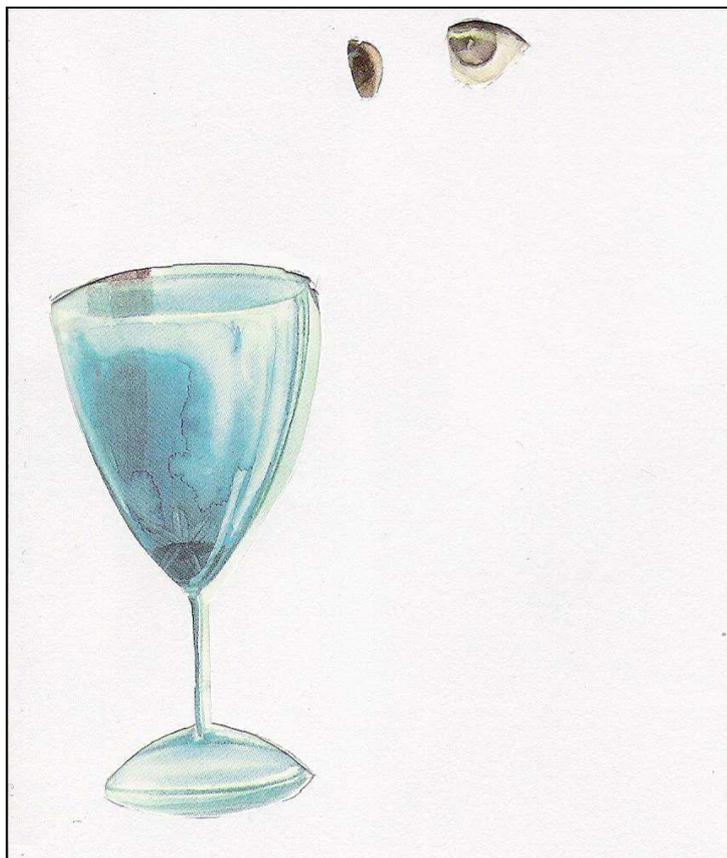


Figura 32: Recorte em papel deixando aparentes os olhos de Marina e uma taça de cristal.  
Fonte: HETZEL, 2000.

Mostrado o fragmento da imagem da capa, os leitores foram questionados e, para melhor organizar as respostas, montamos o quadro a seguir:

PERGUNTAS	O que vemos na imagem?	Como seria a imagem a que pertenceriam os detalhes mostrados?	Após a constatação de que se trata de um par de olhos e uma taça, qual a relação entre os olhos e a taça?
JORA	Cálice azul. E umas bolinhas que podem ser olhos.	Cabeça [olho maior] querem pegar o cálice para beber água.	Olhos olhando um cálice.
LINO	Um cálice azul, um vaso de flor [olho menor], um olho.	Uma pessoa tomando água.	Olhos estão vendo o que está dentro do cálice para beber.
NIC	Uma taça azul vazia, um risco [olho menor], um olho.	Um rosto bebendo água ou vinho.	Tem dois olhos, um bem, outro doente, as lágrimas caem no cálice.
IZA	Uma taça com água, um olho e um sinal [olho menor].	Cabeça de uma pessoa.	Uma taça com água azul, as coisinhas não são olhos.
DEO	Uma taça com um mapa. Essa coisinha maior [o olho maior] é uma espécie de pessoa com gorro na cabeça como o das gangues. O outro coisinho até pode ser um caramujo, mas não tenho certeza.	Com certeza tem uma mesa, porque uma taça não pode ficar no ar, e tem o cara com a máscara e o tal caramujo.	Pois é, continuo achando que tem uma mesa e um cara de gorro, o outro vou deixar pra lá.

Quadro 2: Observações dos participantes sobre o fragmento de imagem da capa de A cristaleira.

Fonte: pesquisa de campo.

## Etapa da Leitura e Compreensão

Iniciando a leitura, foi mostrada a capa do livro (completa) e o grupo levou algum tempo até perceber os olhos e o cálice. JORA ficou admirada ao ver uma cristaleira, um móvel tão antigo, que é todo de vidro com partes de madeira, onde se guardam os copos finos e enfeites de cristal.

NIC: É um móvel fino.

DEO: Cristaleira é um móvel fino, guarda taças, CDs, coisas de vidro, objetos de enfeites.

JORA: Um símbolo de quem pode ter uma coisa tão bonita e que dá um destaque para uma sala, e olha só o pavão, que símbolo de beleza!

NIC: Essa é uma casa antiga, não é?

JORA: Olha só esses móveis, é uma bela casa, das antigas.

IZA: Daquelas que cupim nenhum atacava, e organizada.

NIC: E o nome da avó?

PESQUISADORA: Quem pergunta hoje sou eu.

IZA: Essa professora não ajuda, só pergunta!

Foi, então, feita a leitura das páginas 4, 6 e 7 da obra *A cristaleira*. Assim que foi desligado o multimídia o grupo foi se posicionando sobre o que havia escutado

NIC: A menina vive no mundo dela, todo organizadinho que nem a casa, aproveitando todos os espaços da casa da vó.

JORA: Na nossa casa, nós somos a autoridade, no mínimo a guria fez alguma coisa errada e a avó que era autoritária gritou. Se a gente vê as barbaridades não pode ficar de boca fechada.

IZA: Pra sabe quem bateu a porta a gente tem que imaginá, né?

PESQUISADORA: Sim, a imaginação vai ajudar e muito.

IZA: A menina estava passando uns tempos na casa da avó, e tinha um pensamento de coisas diferentes.

NIC: Tinha uma imaginação à frente

LINO: A senhora hoje tá puxando pela memória e pela imaginação da gente?

PESQUISADORA: Alguns momentos são de memória, outros são da imaginação mesmo.

Para que o grupo chegasse às conclusões que estão no quadro abaixo, a partir das questões formadas, entre discussões, pareceres e trocas de idéias, foram gastos 25 minutos. Com as respostas ouvidas, foi possível montar o seguinte quadro:

<b>PERGUNTAS</b>	<b>De quem são as vozes altas?</b>	<b>Por que são altas?</b>	<b>O que está acontecendo?</b>	<b>Por que deram uma pancada na porta?</b>
IZA	Vó mais outra pessoa.	Alguém tentando imitar a voz da vó.	O vento bateu a porta.	Porque a menina deixou a porta aberta e o vento estava forte.

JORA	Vó.	A vó não gosta do que viu. Ela era a autoridade da casa, e a menina deve ter deixado uma coisa errada.	O vento bateu a porta.	Porque a menina deixou a porta aberta e o vento estava forte.
LINO	Vó.	A vó era a autoridade da casa e deve ter visto a menina fazê alguma coisa que ela não gostou. Viu uma mãozinha tentando pegar o cálice que o olho maior estava vendo.	O vento bateu a porta.	Porque a menina deixou a porta aberta e o vento estava forte.
NIC	Vó.	Alterada, o vento que bateu a porta	O vento batendo forte.	Foi o vento.
DEO	São vozes de estranhos que assustaram a guria.	Pra assustar.	Como pode ser uma bruxa, ele veio pra assustá a menina.	Pra assustá a guria, e deu aqueles gritos de bruxa [e imita uns grunhidos].

Quadro 3: Observações dos participantes sobre a primeira parte de A cristaleira.  
Fonte: pesquisa de campo.

Passou-se para a segunda parte, leitura das páginas 8, 9,10 e 11. Antes de prosseguir com a leitura, questionamos se o grupo sabia o que era um unicórnio, sua origem e forma. Como era desconhecido por todos, foi mostrada uma ilustração de um unicórnio e dadas breves informações sobre esse ser mitológico, conforme segue:

É um ser da mitologia grega, tem forma de cavalo, normalmente branco, com apenas um chifre em forma de espiral. Segundo a mitologia, os unicórnios são seres dóceis; no entanto, são as mulheres virgens que têm facilidade para tocá-lo. Sua imagem está associada à pureza e força. Os caçadores usavam jovens virgens para poder capturar os unicórnios, punham-nas no caminho do animal, que no momento em que as avistava, aproximava-se com grande reverência, deitava-se ao seu lado, e, colocando sua cabeça sobre o colo da moça, dormia. Então, neste momento, os caçadores o capturavam.<sup>118</sup>

Após a leitura da informação e a observação da ilustração, seguiram-se os comentários:

JORA: Será que era pra vender os unicórnios que os caçadores matavam eles?

LINO: Hoje matam os elefantes pra tirar as trombas deles.

IZA: Tudo por dinheiro!

JORA comentou com os colegas que acenaram afirmativamente como é “degradante” a forma como Sílvio Santos trata do dinheiro.

PESQUISADORA: E sobre a avó?

LINO: Eu desconheço uma avó que seja ruim para seus netos, ou que fizesse uma maldade para crianças.

IZA e as colegas disseram que existem sim avós ruins, que maltratam, brigam com noras ou genros e são más. E cada um foi contando alguma história que reforçava essa afirmação.

LINO: Diz que hoje em dia as coisas são muito diferentes, talvez seja por isso que as avós acabam por ficar ruins.

IZA: Minha avó foi sempre muito braba, nada de colo ou abraços.

JORA: A minha era valente, não precisa ninguém pra resolvê quem robava as galinhas dela, ela ia e pronto, solucionava. Mas e sobre o tal unicórnio o chifre é na testa, é um chifre grande, lindo maravilhoso. Aqui no Brasil tem unicórnio?

Esclareceu-se a dúvida, enfatizando o caráter mitológico do unicórnio.

PESQUISADORA: E quanto à relação de raiva (assinalada pelos participantes) da neta com a avó?

---

<sup>118</sup> [www.brasilecola.com/mitologia/unicornio.htm](http://www.brasilecola.com/mitologia/unicornio.htm), em 13/08/2008

JORA: Ela não queria ir embora com o pai.  
 IZA: Ela não estava presente, e o pai e a mãe brigaram.  
 JORA: Uma criança ouvindo essas brigas deve marcar pro resto da vida  
 LINO: Ela apartou a briga.  
 JORA: Pra fora não tinha essas coisas, ninguém falava, ninguém brigava, ninguém se agredia.  
 NIC: Porque a vó falava alto, ficou surpresa?  
 JORA: Ela estava ouvindo tudo, na pontinha do pé.  
 PESQUISADORA: Conversas da mãe e filha?  
 NIC: Uma conversa só no olhar.

O restante do grupo disse que a resposta fugiu ou o vento levou. Mas durante o lanche (quindins), foram trocando idéias e retomaram a busca pelas respostas.

IZA: Era uma conversa no silêncio.  
 JORA: Ela escutava, mas não respondia.  
 LINO: É mesmo, ela escutava a avó.

Quanto às demais indagações, entre debates e pensamentos que iam e voltavam, a grade de respostas ficou assim:

<b>PERGUNTAS</b>	<b>Como era a avó?</b>	<b>Que tipo de histórias ela contava?</b>	<b>Por que a menina sentiu raiva da avó?</b>	<b>Como eram os diálogos de Marina com a avó?</b>
IZA	Ela tinha cabelos compridos presos num coque, sempre igual, serena, colo quente e macio.	Unicórnio, pavão e estrelinhas.	Porque os pais brigavam.	Em silêncio.
JORA	Boa, bondosa.	Unicórnio, arco-íris e estrelinhas.	Porque não queria ir embora.	Escutava a avó.
LINO	Boa, muito boa.	Pavão.	Por causa da briga dos pais.	Escutava a avó.
NIC	Medrosa.	História de arco-íris, estrelinhas no copo.	Falava alto e chegou sem fazer ruído, fica surpresa.	No silêncio.
DEO		Contava histórias	Ela queria que	Como a vó era

	Era uma vó boa. Era uma boa pessoa. Mas ficou esperando para acalmar a briga, porque ela queria o bem da neta e queria mais calma na casa. Mas Marina só queria que os pais não brigassem.	de vários tipos, contava de bonecos, de um inseto, sobre um bicho, e sobre macacos.	a vó apartasse a brigagem dos pais.	carinhosa, ela, a vó, questionava e a neta não prestava atenção para não sofrer.
--	--	---	-------------------------------------	--

Quadro 4: Observações dos participantes sobre a segunda parte de *A cristaleira*.  
Fonte: pesquisa de campo.

Foi feita, então, a observação da ilustração da página 11 da obra *A cristaleira*:

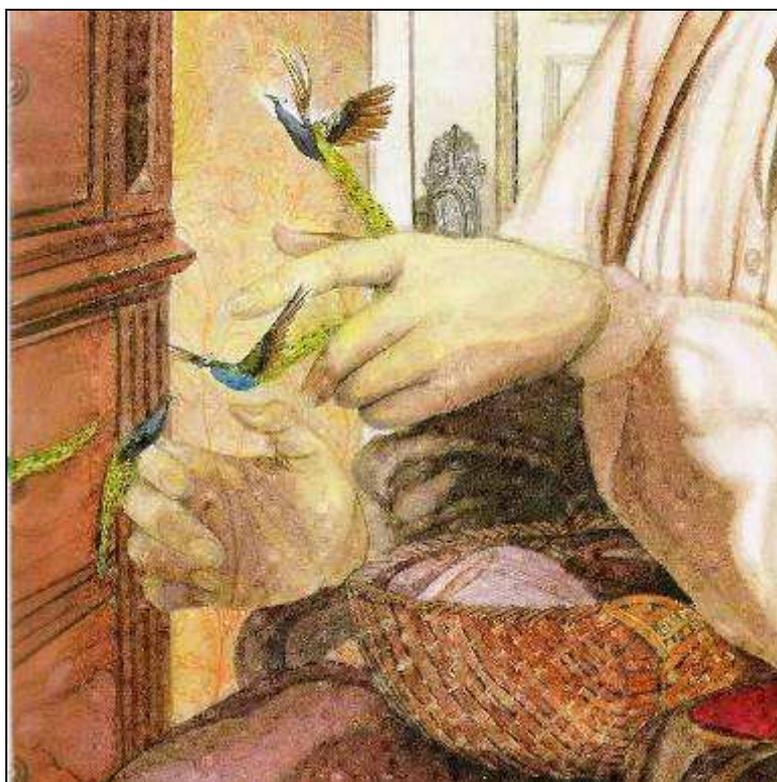


Figura 33: Ilustração do livro *A cristaleira*.  
Fonte: HETZEL, 2000. p. 11.

JORA: São aqueles pássaros lindos lá no início do livro, pavão, pavo?

Foi necessário parar e esclarecer que os pássaros que aparecem na gravura são pavões machos e que a origem dessas aves é a Ásia e a Índia, onde já foram considerados animais sagrados. A beleza e a exuberância das

cores das penas do macho o tornam um pássaro ornamental, um símbolo de *status*.

DEO: E a pavoá?

PESQUISADORA: As fêmeas não têm esse rabo colorido que serve para o macho abri-lo em formato de leque para conquistá-las.

JORA: E por que saem das mãos da vó? Porque ela é endinheirada?

PESQUISADORA: Não seria porque das mãos da avó saem as histórias, o carinho, o cesto de costura, o importante nem é o rosto dela, mas as mãos que fazem carinho?

Instalou-se a dúvida, mas o grupo não quis seguir com essa discussão. Continuaram com a atividade de observar a imagem (figura 33) e repararam que nem é importante o rosto dela, mas as mãos que fazem carinho.

Passou-se à leitura da terceira parte: páginas 12 e 13.

PESQUISADORA: “- Vó – grita, calada. – Vó!!” Qual o significado dessa fala?

JORA: Ela tá desesperada, coitadinha!

IZA: Assustada, a avó é o amparo.

JORA: A avó é o seguro dela, ela se libertou pelo grito, pela explosão.

DEO: Força para sair a palavra vó, a voz fica dentro da menina.

PESQUISADORA: E a relação de Marina com a mãe, como é?

JORA: Nada bom, o pai e a mãe brigam, a mãe é tensa, não tinha nada pra dá para a menina, vivia tensa e aborrecida, calada, como mãe não tinha nada de bom para passar para a filha. Da mãe não vinha nada, e nada poderia receber. O casal brigando, xingando, não é nada agradável. A menina estava sofrendo calada.

IZA: Ela estava guardando dentro dela tudo isso que ela assistia, calada, péssima relação entre mãe e filha, acho que nem existia.

NIC: Nem existia.

PESQUISADORA: E com a avó?

JORA: Com a vó não tinha essas incomodações, era com quem a neta poderia desabafar, confiar, ela nem precisava falar, porque a vó entendia ela.

IZA: Com a vó existia carinho e amparo.

NIC: A única pessoa em quem ela podia confiar e contar, porque ela nem via o pai nem a mãe.

JORA: Uma história de angústia.

LINO: Um belo livro.

JORA: Deve ser horrível viver em uma família assim, as mulheres antigamente engoliam em seco, nem reclamavam.

NIC: A esposa chamava o marido de senhor.

Passou-se à quarta parte, leitura das páginas 14 e 15.

PESQUISADORA: Qual o significado da frase: “Ali tudo sempre é igual. Seguro” [p. 14]?

LINO: Como o quarto é da avó, então tudo fica organizado, quando alguém mexe, a gente se perde. Agora é que as mulheres estão mudadas, não passam muito tempo em casa, nem têm muito tempo de organizar as coisas da casa.

IZA: A segurança era a avó dela, e como só as duas ficavam no quarto a ordem era importante.

DEO: Tudo é sempre igual, significa que, significa que... tudo é igual, como eu, tudo está sempre no mesmo lugar, quando ela [a avó] quer pegar alguma coisa, ela sabe onde está.

PESQUISADORA: “Os dedos da avó se trançam com os dedos de Marina” [p. 15]. O que significa?

DEO: As mãos tavam trabalhando no cabelo, mas aí se cruzaram e elas puderam se sentir.

As respostas às indagações feitas nesta fase da leitura são mostradas no quadro 5:

<b>QUESTÕES</b>	<b>Por que no quarto da avó tudo é seguro e sempre igual?</b>	<b>O que significa a ação de Marina de trançar o cabelo da avó?</b>	<b>Qual o significado da ilustração?</b>
IZA	A segurança era a avó, só as duas ficavam no quarto.	Carinho, auxiliava a vó.	Pentear os cabelos.
JORA	Porque é só dela, gosta assim.	Maneira de carinhar a avó com as mãozinhas.	Pentear, ordem.
LINO	Porque a avó cuidava das coisas dela.	Auxiliar a avó.	Põe as joias na caixinha.
NIC	Porque era o quarto de dormir das duas.	Carinho, amor à avó.	Pentear os cabelos.
DEO	Porque a vó tem uma mania que nem eu, tudo no seu lugar.	Ajudar a avó, e ter um jeito de ficar perto dela.	Parece minhas coisas, tudo em ordem.

Quadro 5: Observações dos participantes sobre a quarta parte de A cristaleira.

Fonte: pesquisa de campo.

Perguntamos ao grupo o que suscitava a ilustração a seguir:



Figura 34: Imagens retiradas das páginas 14 e 15 do livro A cristaleira.  
Fonte: HETZEL, 2000., p. 14-15.

O grupo numerou da primeira escova ao último pente, atribuindo as seguintes “funções” a cada um:

1ª escova: uma escova que serve para desembaraçar os cabelos, quando tem nós muito grandes;

2ª escova: usada quando o cabelo está menos “inozado”;

1º pente: quando o cabelo começa a ficar mais liso;

2º pente: quando o cabelo tem que ser separado para começar a trança.

Logo após, houve as seguintes manifestações:

IZA: O unicórnio está na figura, porque a avó gosta muito da imagem e das histórias dele.

NIC: Para sempre lembrar das histórias dele.

JORA: Estão em ordem, o pente da avó é a maneira de ela demonstrar carinho, já que ela é uma avó maravilhosa. Quando uma pessoa tão tensa recebe um abraço, aí fica mais calma e sente-se amparada.

NIC: Minha mãe, quando tinha a gente e estava triste, ficava passando a mão no cabelo e a gente ficava mais tranquilo e até dormia.

DEO: Esse desenho dos pentes mostra como o cabelo da avó ficava, primeiro precisava de abrindo o cabelo, por isso a escova tem os dentes longes, depois já ficava melhor de penteando com a outra escova, quase liso, entra o pente com os dentes largos, depois usa o pente como minha avó fazia com as netas, o fino serve para ir abrindo os cabelos em pedaços que vão se cruzando até ficá a trança pronta.

SEXTO ENCONTRO: 21/11/2008

### **Etapa de Interpretação**

A atividade iniciou com uma retomada do que foi trabalhado na aula anterior. Quiseram saber sobre a ave na contracapa. Foi retomada uma rápida explicação sobre o pavão e as diferenças entre o pavão macho e fêmea. Uma participante comentou:

DEO: A casa onde acontece a história tem plaquet no chão, e era preciso muito cuidado e capricho. Coisa que hoje nem tem mais”.

JORA: Será que naquele tempo nem existia cupim?

PESQUISADORA: Mas de que tempo ela está falando, a história não anuncia nenhuma data, nenhuma época.

JORA: Sim, até a cristaleira era um móvel antigo que durava anos e anos.

IZA: Os cristais que são tão admirados pela menina são muito finos, mas ela cuida, nunca quebrou nada.

JORA: O único objeto que ela tomô conta foi o bibelô da menina com o pontinho, e ela se dava o direito de mexê prá lá e prá cá, mas dentro do mesmo espaço, a sala.

LINO: Ela era obediente, mas só mexia nesse bibelô porque ela achava que era dela já.

Enquanto ia sendo retomado o que fora lido, foi lembrado que uma palavra “assustou a guria”, disse DEO, e que tinha sido o nome dela.

PESQUISADORA: Mas tem mais uma palavra que assustou Marina, lembram qual foi?

DEO: A briga do casal.

PESQUISADORA: Sim a briga assustou, mas lembram de uma palavra que a deixou mais assustada?

DEO: Ah! O resultado da briga: SEPARAÇÃO, que foi um choque pra ela.

JORA: O silêncio entre as pessoas é uma coisa séria. E isso acontece na vida real.

IZA: É o que mais acontece.

PESQUISADORA: Como Marina se afastava dos problemas?

JORA: Ia pra cama da avó.

IZA: Falava com a avó.

DEO: Não contava nada pra vó.

NIC: Não falava nada dos problemas, escondia os problemas.

DEO: Ela buscava nas histórias da vó, daquele cavalão branco.

JORA: Aquele que tinha só uma guampa, o tal unicórnio.

PESQUISADORA: Que outras histórias a avó contava?

DEO: Joaninha.

JORA: Aquelas que têm uma capinha durinha, vermelha, cheia de pintinha preta.

LINO: Não lembro bem das histórias, mas eram com animais.

PESQUISADORA: E a mãe o que faz?

JORA: Fica sozinha com a vó

PESQUISADORA: Em que momento elas ficam próximas, Marina e a avó?

DEO: De noite quando elas se arrumam os cabelos.

PESQUISADORA: E a relação da neta com a avó?

DEO: Ela é muito carinhosa, e conta histórias.

PESQUISADORA: E por que o quindim aparece e o narrador diz que caíram lágrimas?

IZA: Mistura do doce com o salgado.

PESQUISADORA: E quando a vó diz “vem”, o que vocês entendem?  
DEO: A avó quer receber a menina pra escutá ela e abraçá.

PESQUISADORA: E nos beijos, existem diferenças?

JORA e IZA concordaram que há diferenças muito grandes entre os beijos do pai, da mãe e da avó, e chegam à conclusão de que o beijo da avó é melhor, é verdadeiro.

Passou-se à leitura das páginas 16, 17 e 19. Após a leitura, foi solicitado aos participantes que escrevessem uma frase que retomasse a passagem que mais lhes chamara a atenção desse trecho. Cada um deveria ler o que escreveu e comentaria o motivo da escolha.

Enquanto trabalhavam, comentavam a dificuldade que é passar para o papel as ideias que existem “aos montes nas cabeças”, mas “achar o sinal correto para escrever é que é o problema”.

IZA: E aí como a Marina não está aqui...  
DEO: Pois é, ela nem tá aqui!

Como a fala da participante Iza percebemos que o projeto estava trazendo a oportunidade de mostrar outras formas de se trabalhar com a atividade do imaginário, o que empolgou e contagiou o grupo por alguns momentos. A pesquisadora resolve sugerir que o grupo poderia imaginar a presença de um personagem da história participando da atividade lúdica. Ver nos rostos de Iza, Nic e Jora uma expressão de “brincadeira” e que por diversos motivos, que foram relatados durante a entrevista, essas participantes não se sentem muito à vontade de se mostrarem capazes de alguma “brincadeira, e partimos para um exercício de imaginário fazendo os seguintes questionamentos:

PESQUISADORA: Quem disse que ela não está aqui? Será que ela não poderia estar lá no cantinho da sala só observando tudo o que tem acontecido por aqui? Deixar nosso imaginário contar com a presença da menina?

DEO: É! Mas que barbaridade!

JORA: É sim. Ela pode estar olhando, não, olhando não, mas escutando tudo o que estamos falando sobre ela, pensando, é sim, ela pode estar percebendo o que estamos pensando sobre ela.

DEO: Falando o nome dela.

O grupo passou a trabalhar com a idéia de que a passagem da fantasia para a realidade poderia ser bem aceite, e acolher Marina como parte do grupo, até Iza demonstrou que a aceitava como colega de classe quando diz “Eu estou aqui bem pertinho”, e indica a classe ao lado. Solicitada a leitura das frases, o grupo disse, em coro, que todos tentaram fazer o melhor possível, mas existiam “aquelas dificuldades”(Jora).

A primeira a falar foi JORA: “Foi da cristaleira. A Marina acariciava os cristais, as mãozinhas delicadas”. Escolheu essa frase “porque chamou a atenção, né, o carinho, o olhar, ela se sentia feliz e alegre tocando com os dedinhos, eu queria escrevê dedinhos, mas botei mãozinha, nos cálices, passa a mãozinha sempre e não caía nada, era o toque dela, o prazer”.

NIC escolheu a frase “Marina falava com a vó e a vó contava a história pra ela”, assim justificando: “Porque a minha avó também me chamava pra contá histórias e eu gostava muito”.

IZA: E quem não gostava?

PESQUISADORA: E hoje como é?

IZA: As pessoas não têm tempo.

JORA: Nessas histórias a gente viajava naquele lugar da história

PESQUISADORA: E aqui conosco a senhora não viaja?

JORA: Não, porque eu já viajei.

PESQUISADORA: Nem um pouco?

JORA: Sim, porque viajo na história, mas quando a gente é criança viajava com mais facilidade, quando contavam que na fuga dos animais alguém cortava uma árvore para vira ponte a gente se via correndo no tronco e sentia a história, mas só na imaginação. Era uma viagem tão boa! Tão gostoso! Eu subi muito em árvores.

Retomada a atividade, IZA mostrou a frase por ela escolhida: “Marina na janela olhando para as estrelas”. Justificou a escolha da seguinte forma:

Porque eram tão lindas admirando as estrelas, ela tava viajando nas estrelas, imaginando aquilo ali né, no pensamento dela. Até a gente vai na janela e fica olhando o céu olhando aquilo ali, procurando coisas lindas, procurando um cometa em um espaço na noite de lua cheia.

A frase de DEO foi: “Marina escondida atrás da cristaleira, da briga dos pais, como arrumava os cabelos da vovó fazia as tranças do cabelo”. Sua justificativa:

DEO: Ela tava escondida, não queria ouvir a briga dos pais. Se ela ouvisse aquilo, ela ficava muito sentida com aquilo. Em ver aquilo que não queria ver. Ela queria paz entre os dois né, é um desgosto muito grande vê os pais brigando, se maltratando, a separação, tudo isso traz uma grande tristeza para Marina que é uma criança. A cristaleira significava que ela se sentia aliviada daquela angústia. Com a cristaleira, ela se sentia protegida. Eu até estou escrevendo em casa coisas sobre os textos, posso trazê pra senhora olhá?

PESQUISADORA: Pode sim.

LINO escolheu a frase “Quando a empregada fez o prato predileto pra Marina” justificando: “Achei tão interessante a empregada se preocupá com a menina e fazer a comidinha que ela gosta com carinho e afeto como tá escrito aí. Foi muito bonito”.

Passou-se a chamar a atenção do grupo para algumas frases da obra:

PESQUISADORA: Prestem atenção para o significado da frase a seguir: “Cristaleira chama por ela” [p. 16].

IZA: Ela fica realizada, está aí paradinha admirando os cristais.

JORA: No real existem coisas tão bonitas que a gente nem se cansa de olhar, como os cristais, mas não precisa ser eles, a delicadeza dela. Se fosse humana tudo bem. Os cristais chamam a atenção dela. Sim, a cristaleira sendo de madeira nada de chamar. É uma luta do bem contra o mal. Enchem os olhos dela. Ela fica paradinha apreciando o que é belo.

IZA: É o conteúdo da cristaleira

DEO: A cristaleira chama por ela... A cristaleira chama por ela... Os cristais, é uma coisa fina. Fica passando a mão. É isso mesmo, é como um ímã que chama ela, é o que está dentro da cristaleira.

NIC: É como um ímã, como se fosse uma amiga dela.

LINO: Que ela tá sonhando, é o que ela tá sonhando. Eu acho que ela tá pensando na avó.

PESQUISADORA: E o significado de: “O coração mede o peso da solidão” [p. 16]?

JORA: Porque ela está triste e magoada. Se os pais estivessem bem, ela seria outra pessoa. Coração pesado, não tem a companhia dos pais. Mesmo com brigas, falta os pais,

NIC: Ela sente falta do aconchego dos pais.

DEO: É o peso do silêncio é um pouco embaraçado. O peso no coração quando ela brigô com a avó. E como a avó não falava com ela, ficou o peso no coração.

IZA: Ausência dos pais, só ela e a empregada, sentiu a solidão. Falta dos pais, ela é sofredora.

LINO: A casa tá toda em silêncio, ela se acha sozinha na casa, isso é a solidão

PESQUISADORA: E o significado de: “A menina responde com um abraço apertado, o rosto enfiado no colo farto que cheira a comida e afeto” [p. 17]?

JORA: Ela ficou muito contente porque a empregada estava fazendo o prato que ela gosta. Em agradecimento ela abraça a empregada, agradecida. O que será que ela fez de prato gostoso?

PESQUISADORA: Será que o imaginário permite a presença de Marina, podíamos chamá-la para nos contar!

JORA: Pois é, quem sabe a gente fica sabendo, porque a bebida a gente sabe que é guaraná. E mesmo sendo só a menina, a empregada caprichô na comidinha.

IZA: Ela se aconchegou porque ela encontrou o amor da empregada. Ela tem amor para dar para a menina.

NIC: Porque a empregada fez uma comidinha com amor e afeto.

DEO: Ela [a empregada] faz a comida e ainda cuida dela.

LINO: Ela ficou faceira porque a empregada fez um agrado para ela, e devia ser coisa que ela gostava mesmo, e foi como um carinho.

PESQUISADORA: Qual o significado de: "Lugar bom para criança assustada se esconder ou sonhar" [p. 19]?

JORA: Ela vai para o quarto dela e se esconde embaixo da cama

IZA: Porque ficava no peitoril e podia olhar a varanda e depois da varanda vem a mata. As árvores, a mata

NIC: Um lugar onde se vê o luar

DEO: Mas para se esconder é bom debaixo da cama. Como ela não sai de casa, ela fica se escondendo ou debaixo da cama ou dentro do ropeiro.

LINO: Lugar para ela se esconder do problema, e sonhar com o que tá acontecendo com ela, porque tá difícil.

PESQUISADORA: E o significado de: "O pai preso em si mesmo"?

DEO: Preso em si mesmo... Preso em si mesmo.

IZA: Ele ficou em si mesmo, sem falar com a menina e a mãe, e o olhar dele era de assustar. Aquilo tudo tava ruim para ele próprio, mesmo em vez de fazer o que fez tinha que mudar. JORA: Assustado porque ele sabia o que tinha feito, tava com raiva da vida e dele mesmo. Por causa do que ele fez, tinha que desmanchar o que ele fez. Aprontam, e não querem assumir, ficam de um lado para outro. Ele mesmo ficou brabo por coisas que ele é o culpado, mas culpar o outro é errado isso, e nem pediu desculpas pra esposa dele, ele é que tava errado. E a menina que não tinha nada a ver, ficou triste em ver a discussão entre pai e mãe. Errado mesmo é o pai e a mãe dela. Com a separação, tava perdendo a esposa e a filha.

DEO: O pai preso em si mesmo... O pai preso em si mesmo... E o pior ainda é que sobrou pra ele. Estou tentando me puxar. A tristeza maior era dúvida dele se ele ia ficar bem, a dúvida não deixava saber o que seria o melhor. Separado ou viver juntos.

NIC: Pois é, ele estava uma fera fria, ele tava com medo da separação.

LINO: Ele não quer assumir que ele tá errado pela briga, aí fica difícil aceitá.

PESQUISADORA: O significado de: "A mãe é sombra, toda ela contida, o rosto desfeito das noites mal dormidas"?

IZA: Impressionada com tudo o que estava acontecendo, supernervosa, ela fica atucanada, não dorme. No outro dia tá mal. Mãe amargurada, cansada, ela tá passando por isso porque quer, ela gostava do marido aí passava por isso. O casamento não tava dando certo. Deveria entrar em acordo com ele. O filho não segura casamento.

JORA: Tá um travesseiro enrugado a cara dela. A vida dela e do esposo não tava boa. Qual caminho seguir, o que ela deveria fazer? Continuar braba não adianta nada. Ela deveria sentar, conversar com ele e dizer ao pai que eles têm uma filha para criar. Dar assistência para a filha. A menina tava sofrendo demais. Deveriam parar com as bobagens que estavam fazendo. A filha precisa, eles deveriam pensar, do nosso carinho, ela depende de nós. Eles tavam era brigando, às vezes é por nada e cria uma situação tão grave, e acabam fazendo com que um filho tenha que ir morar na casa dos avós. Isso é uma judiaria, porque os netos devem amar os avós, mas tem que ter o pai e a mãe se dando bem.

DEO: Ela estava aborrecida pelo seguinte, porque uma briga era entre os dois, para ver quem ia ficá com a filha, então o aborrecimento maior dela era não saber se a filha ia fica com ela ou o pai. O pai queria a filha e ela também queria. A briga era essa. Não sabia o lado que ela ia ficá, a filha.

LINO: Ela tá dormindo, porque tá só pensando, só pensamento, não faz nada, sofrendo.

PESQUISADORA: O significado de: “Marina viaja nas histórias da vó”. Que histórias ? [p. 19]?

NIC: Unicórnios, joaninhas, pavão, arco-íris, flores de paineiras.

JORA: Pavão misterioso

IZA: Pavão que abria um leque para cortejar a namorada porque a pavo é muito feia, as flores da paineira.

DEO: Unicórnio e pavão.

LINO: Contava várias histórias, mas não lembro.

JORA: Essa mãe era vazia, não tomava atitudes.

Passou-se à leitura da sexta parte: páginas 20, 21, 22, 23, chamando a atenção para os textos e ilustrações (Figura 35) das páginas 20 e 21, em especial para o último parágrafo, a seguir:

“Dentro dela outra menina luta para se libertar.

É a menina que quer ser bailarina, fazer travessuras, malcriação, gritar:

“Olhem pra mim, eu estou aqui!!”, e também não tem medo de nada, enfrentar as feras e não precisar se esconder para chorar.

Por isso as histórias da avó são importantes.

Nela Marina cavalga unicórnios, mergulha com sereias, voa nas asas de pássaros fantásticos, enfrenta lobos, caminha em cima de ovos sem quebrar nenhum. “É princesa, bortalheira, meio bruxa, meio fada, chora e ri.”<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> HETZEL, 2000. *Op. Cit.* p. 20-21.



Figura 35: Imagens retiradas das páginas 20 e 21 do livro A cristaleira.  
 Fonte: HETZEL, 2000, p. 20-21.

PESQUISADORA: Qual a relação da ilustração com o texto?

LINO: Essas coisas antigas eram muito delicadas e ela tinha muito cuidado com tudo.

IZA: Marina no bibelô é só sofrimento, podia tocar o unicórnio, era pura viagem. Ela quer mergulhar com a sereia. Quando ela precisa ser outra pessoa para resolver os problemas, buscou os bichos.

DEO: Ia no fundo do mar com a sereia porque era só o imaginário. A vó falou sobre as coisas pelas histórias. Ela quer liberdade

NIC: Os pássaros, flores eram muito bonitos. E ela quer voar com os pássaros. Ela quer andar de unicórnio. Usou o imaginário para ajudar.

JORA: Liberdade

LINO: A sereia existe pra ela e ela pode mergulhar porque é na cabeça dela. No bibelô ela tá pequena, em perigo mas tá firminha. Essas coisas aí, o lobo, o unicórnio, ninguém pode tocá porque são das histórias que a avó contou só pra ela. Ninguém é dono. Nós não podemos enxergar as coisas que a vó contava, isso só existe na imaginação dela, a vó contou pra ela.

PESQUISADORA: E sobre o 1º parágrafo página 22:que diz “O tempo vai passando pingando. Ora cor de vinho (feridas abertas pulsando) ora verde (esperança, sempre esperança), ora azul cheio de estrelas (mas equilibrando-se em pé fino...). O tempo pingando, Marina crescendo”.

JORA: O tempo passou. Ela cresceu, mas aquela mágoa, os problemas que houve, a dor continua né, ela não se libertou. Abriu uma ferida dentro dela. Ela cresceu mas a dor ficou. Ela é uma moça e não esqueceu o que ocorreu por causa dos pais e nem do carinho que ela tinha pelos cálices. O sofrimento dela que não é assim que acaba.

IZA: O tempo passou, feridas abertas, o que ela passou continua ferida aberta, manteve a dor, mas fecharam as feridas, e os cálices são a coisa de bom que ficou desde o tempo de pequena. As taças ficaram na lembrança dela.

NIC: Ela tinha esperança, apesar da ferida aberta.

DEO: Ferida aberta com a esperança que vai melhorar, tem que fazê o medicamento certo para ela fechá. Como diz o ditado antigo, a esperança é a última que morre. E a passagem que eu não esqueço é dela arrumando os cabelos da vó.

LINO: O azul com pé fino e estrela era o cálice. Ela tá crescendo sabendo das coisas da vida, ela tá se dando conta do tipo de vida que ela vai levá, vai ter que superar as coisas que ela sofreu e ainda marcou a vida toda.

PESQUISADORA: “A vó passa a mão nos cabelos de Marina” [p. 23].

DEO: Os cabelos da vó? Ela passa a mão nos cabelos da menina. O cabelo de Marina não daria para fazê o que ela fazia com o cabelo da vó, porque o cabelo dela não é do tamanho do cabelo da vó que tem que ser grande pra fazê as três partes, trança e depois fazê o coque.

NIC: Acariciando

IZA: Acariciando para ela se acalmar, como ela fazia com a vó.

LINO: Pra vó o importante não é como fazê o carinho, mas mostrá pra ela que ela pode ainda dá carinho pra menina.

PESQUISADORA: O que é cerzir [p. 23]?

NIC: O coração dela ia ficando moderado. Cerzir significava que a avó, sentindo isso, tava dando amor a Marina, e tava cerzindo, voltando a alegrar o coração.

JORA: Para se cerzir tem que usar o ovo de madeira dentro de uma meia, não usando o ovo fica uma costura boa, cerzir é melhor. O cerzido é uma costura perfeita ninguém vê onde foi feita a emenda dos fios.

IZA: A avó tava unindo o coração dela. O que se partiu, tava como que colando o coração da neta.

LINO: Cerzir é juntar os pedacinhos que se rasgaram. Mas aqui é outra coisa, elas estão se achando muito importante na amizade delas. As duas estão se ajudando, a avó e a Marina são muito amigas, e ela, a avó, tá ajudando o coração da menina.

PESQUISADORA: A vó e Marina trabalham em silêncio, por quê [p. 23]?

NIC: Não é preciso falar para a gente se entender. É pra ninguém escutá. Uma coisa entre as duas. O pensamento às vezes é melhor que falar.

JORA: Tem pessoas que tem necessidade de passar, distribuir para o outro o que está sentindo, mas elas duas sempre foram quietinhas, não tinha necessidade de passar uma coisa para a outra. Trabalhando, cerzindo, pensando, de vez em quando Marina olhava prá vó. O pensamento é longo. Às vezes o outro tá calado, mas a pessoa sente o que o outro quer falar.

LINO: Elas quando estão trabalhando, aí prestam atenção. Eu mesmo quando trabalho prefiro trabalhar em silêncio. Elas querem fazer o melhor e as duas são parecidas e se entendem no silêncio.

Ao questionar-se qual a importância das histórias na vida de Marina, foi consenso para o grupo que ela se valeu de todas as histórias para poder sobreviver a tanta tristeza em sua vida.

PESQUISADORA: O que muda e o que permanece na passagem do tempo [p. 22 e 23]?

IZA: Marina cresceu, ficou adulta e escolheu o que ela quer. Usou o cerzir para ficar perto da avó e conhecer as coisas do tempo antigo.

DEO: O caminho que ela tanto queria, ser bailarina.

JORA: Hoje ninguém tem tempo para contar e ouvir histórias, e as crianças dizem cada coisa que nem quando nós era adultos ouvíamos. As avós entristecem porque os netos dizem coisas horríveis pra elas.

IZA conta que criou dois netos e está feliz porque seus dois netos estão trabalhando, estudando, e a procuram, mostrando preocupação com a avó.

LINO: Ela nunca saiu de perto da vó, só tem aquilo aí, a vó... Sua proteção, os cálices só pelo gosto dela, são coisas que estão aí pra vida toda, porque ela mesmo sabe cuidá daquilo tudo.

O grupo, conversando sobre situações próximas ou não, concluiu que as famílias mudaram e mudou a estrutura socioeducacional e econômica das famílias. Mudaram os hábitos.

NIC: Uma mudança de hábito de ser família.

IZA: Hoje as avós não têm mais tempo e os netos até nem aprenderam a querer ou saber o que é uma história do imaginário.

SÉTIMO ENCONTRO: 28/11/2008

### **Etapa de Aplicação**

Foi retomada a leitura breve do texto, comentando-se os dados e detalhes que ainda deixavam dúvidas. Os participantes levantaram como principais temas da narrativa: o relacionamento de Marina com seus familiares, na casa da avó, na sua escola; o papel que ela desempenhava frente aos adultos; formas de fugir dos problemas; modos comportamentais dos adultos em relação a uma criança; as fugas de Marina quando surgiam os problemas, fazendo uso das histórias da avó; o crescimento de Marina; seu encontro com a avó, fazendo uma antiga atividade manual que era o cerzido, tanto das meias como do coração da menina.

Para essa tarefa, foi solicitado aos leitores que trouxessem gravuras que pudessem fazer relações com a história *A Cristaleira*.

JORA trouxe algumas gravuras; DEO, como não encontrara nada que tivesse relação com a narrativa, fez uma ilustração (abaixo, figura 36) e LINO trouxe um “texto com tudo imaginado, PESQUISADORA” (figura 37).

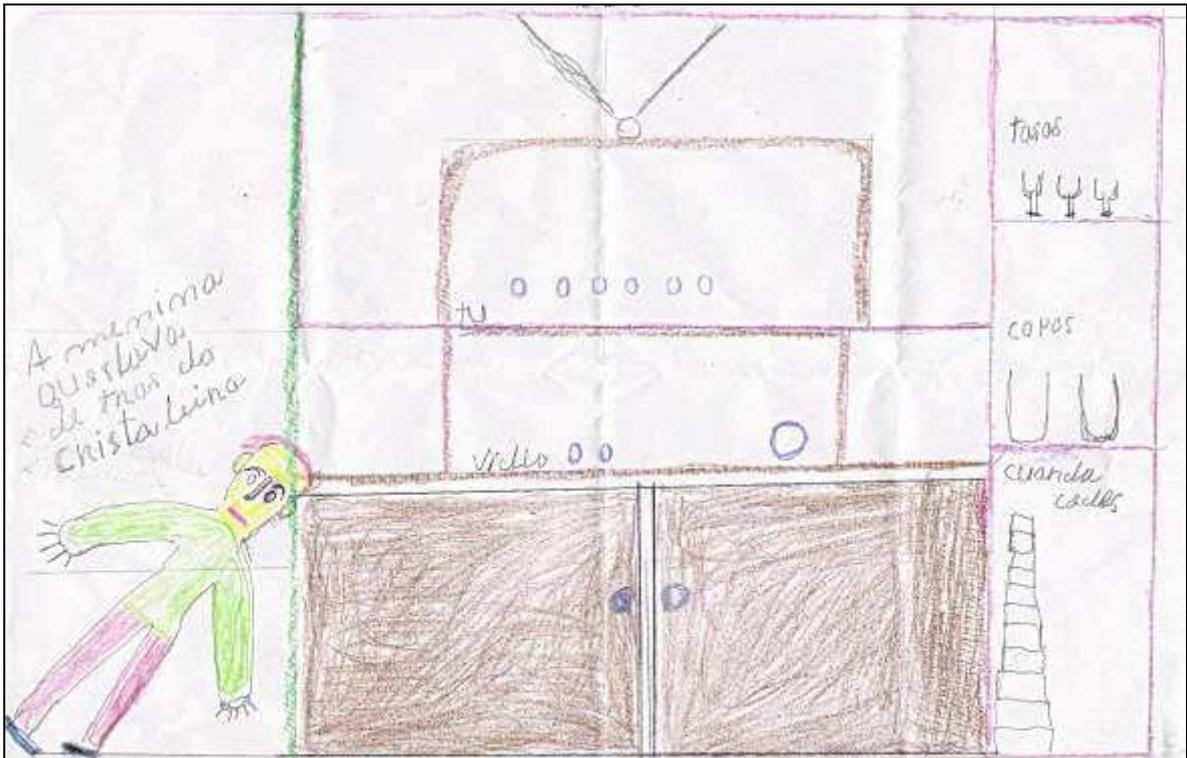


Figura 36: Ilustração de DEO que lembra o que foi trabalhado até essa data com o livro A cristaleira.

Fonte: pesquisa de campo.

Segundo a idéia de Bachelard<sup>120</sup>, a imaginação tem um poder que pode mudar/alterar, combinando as experiências adquiridas, à nova fonte de informação, com a inclusão do ilusório e da originalidade. O participante DEO, aliando a imaginação e a realidade construiu uma representação própria da cristaleira. Para ele, a cristaleira não servia para guardar os tesouros que Marina admirava, mas objetos que talvez para ele tenham um valor e compreensão maior em ocupar esse espaço tantas vezes destacado na leitura, como a tevê e o vídeo, objetos de sua experiência.

Como o aluno LINO não tinha acesso a revistas, “pesquisou” e construiu um texto agregando personagens nacionais com internacionais. Seu imaginário pôde apresentar uma situação com certo impacto, já que fala da ecologia, cinema nacional, da beleza da atriz inglesa. A pesquisa o tornou um caçador de informações da realidade.

<sup>120</sup> BACHELARD, 1994. *Op. Cit.*

*Lino*  
Tânia Eunice Baia cresceu  
aos 11 anos parece uma  
miniatura da atriz inglesa  
Catherine Zeta-Jones  
protegida pelo muiiraquitã  
amuleto sagrado que usa em  
um colar e ~~trata~~ tendo  
sempre ao lado o inconveniente  
sudo um papagaio que mete o  
bico em tudo  
a menina assumiu outra respon-  
sabilidade além de continuar  
cuidando da preservação

Figura 37: Texto de LINO.

Transcrição: Tânia Eunice Baia<sup>121</sup> cresceu aos 11 anos parece uma miniatura da atriz inglesa Catherine Zeta Jones<sup>122</sup> protegida pelo muiiraquitã<sup>122</sup> amuleto sagrado que usa em um colar e tendo sempre ao lado o inconveniente sudo [Ludo] um papagaio<sup>123</sup> que mete o bico em tudo. A menina assumiu outra responsabilidade de continuar cuidando da preservação.

Fonte: pesquisa de campo.

<sup>121</sup> Eunice Baía foi selecionada entre 3 mil candidatas para viver Tainá, a defensora da fauna e da flora da exuberante Amazônia. Noêmia Duarte foi a diretora de elenco que ajudou a encontrar, em uma epopéia que foi do Oiapoque ao Chuí, aquela que daria vida à cativante guerreira. Responsável pelo casting e assistente de direção de “Tainá, Uma Aventura na Amazônia”, de Tânia Lamaca, Noêmia Duarte é também atriz e produtora. Com o filme tornou-se também mãe, já que a pequena Eunice, então com apenas sete anos, a escolheu como tal durante as filmagens.

<sup>122</sup> Muiiraquitã é um amuleto indígena. Segundo a lenda era retirado sob a inspiração de Iaci (lua) do fundo de um lago denominado Espelho da Lua.

<sup>123</sup> Ludo: papagaio companheiro inseparável de Tainá. Fanfarrão e tagarela, vive “metendo o bico onde não é chamado”. Amigo fiel de Tainá nos momentos de perigo, ajuda-a nas estratégias de combate aos vilões. Suas tiradas bem-humoradas dão a graça nas cenas em que aparece.

Para trabalhar com a leitura interpretativa, os idosos foram incentivados a escrever suas idéias a respeito de alguns pontos tratados, como separação, família, conflitos e afeto. Lendo a proposta do trabalho, já houve o confronto com alguns termos usados nas questões da leitura interpretativa, como *extrair de situações relatadas*, o que seriam os *conflitos*, *sentimentos*. Após uma explicação sobre cada um dos termos, “conflito” mereceu um maior detalhamento para que o grupo percebesse o que estava sendo solicitado no exercício, que levou 35 minutos para ser terminado.

IZA: Conflitos é o que fica dentro de uma pessoa.

Como o grupo manteve essa dúvida, foi usado o exemplo de um semáforo: quando está amarelo, gera a dúvida se ainda há tempo para seguir ou se se deve parar. Isso deixou o grupo com um entendimento melhor sobre o termo “conflito”.

Enquanto faziam o exercício, JORA comentou que “O pai da Marina não gostava da filha”.

Perguntou-se ao grupo se na narrativa aparecia algum sinal que ele não gostava de sua filha. O grupo concordou que em nenhum momento é dito que ele não gosta, o que fez JORA concluir que “Se ele gostasse ia lá, falava, não tinha coragem, tímido, deveria pensar, ela é minha filha, é meu sangue”.

Foram lembradas as antigas relações entre pais e filhos, em que o ato de beijar e abraçar os filhos era impensável, principalmente pelo pai. Os participantes concordaram.

JORA: Deus me livre um pai beijar um filho homem.

IZA: Isso era uma ignorância. As esposas chamavam os maridos de senhor.

DEO: Hoje não.

JORA: Beijos e abraços poderiam ter aproximado mais as pessoas e quanto ao pai de Marina, concordo que o texto não anuncia o não gostar dele pela filha.

IZA: Ele não consegue chegar nela. Falta alguma coisa.

JORA: Eu acho que ela achava que ele não gostava dela porque ele não conseguia botar pra fora. Ele devia pedir perdão, mas ele acha isso uma humilhação, então não fala.

IZA: Mas ele deveria ficar perto da filha.

JORA: Acho que ela não tinha medo dos pais dela.

LINO disse que tivera um diálogo com a filha mais velha naquela semana, provocado por questões tratadas nos encontros das atividades, sobre o que foi falado, lido e conversado, como as formas de se tratar os pais, o respeito sem ter medo. Afirmou: “O pai pode beijar uma filha”.

JORA: Sobre a escolha de Marina ela só pode ficar com a avó, imagine se ela escolhe ficá com o pai e mãe dela.

Foi montado um quadro para maior e melhor visualização de como os leitores perceberam a obra:

<b>Questões</b>	<b>Escreva três sentimentos que, para você, definem o conflito vivido por Marina.</b>	<b>Escreva três atitudes que, para você, definem o modo de ser da avó de Marin.,</b>	<b>Escreva três palavras que, para você, traduzem o significado da relação entre a neta e a avó.</b>	<b>Escreva três palavras que, para você, traduzem o significado da relação entre Marina e os pais.</b>	<b>Escreva três palavras que, para você, representam a escolha feita por Marina.</b>
JORA	O conflito da Marina o pai dela acho que ele não gosta dela por não dar atenção para ela.	Marina gostava de dar carinho.	Um carinho e gostava de ouvir as histórias da avó.	Preocupada, será que vai dar certo, tem de dar certo.	Com a vó.
IZA	Vozes, medo, muita dor.	A vovó era muito boa.	A avó era uma pessoa muito calma.	Ela era uma menina triste pelas brigas.	Ela queria ficar com a vó.
DEO	Dor no coração, raiva da vó, tristeza.	Era muito boa para Marina, fazendo costura, quietinha.	Amiga, respeito, medo.	Raiva, angústia.	Ela ficou com o pai e a mãe.
LINO	Quando batia a porta, quando ela ouvia barulho.	Avó de Marina tinha várias amigas com Marina.	A relação era muito amiga de Marina.	Marina tinha muito respeito dos pais.	Marina gostava muito da avó.

NIC	Assustada, raiva, triste.	Observadora, acalmava, carinhosa.	Boa, bonita, respeito.	Nenhuma	Entre o casal, saudável e amor.
-----	---------------------------	-----------------------------------	------------------------	---------	---------------------------------

Quadro 6: Observações dos participantes sobre a obra A cristaleira.  
Fonte: pesquisa de campo.

Passou-se a uma atividade que relacionava palavras e imagens. A proposta inicial dessa atividade era ser feita individualmente e por escrito, mas, pelo pouco tempo, optou-se por fazê-lo oralmente e em grupo, organizando as respostas em forma de quadro, no quadro verde.

PESQUISADORA: Nas histórias que a avó conta a Marina, aparecem unicórnios, pavões, joaninhas, arco-íris, paineiras floridas, sereias.

Questões	Se você fosse contar para Marina histórias que a ajudassem a superar os seus conflitos, que objetos apareceriam nelas?	Que objetos definiriam para você o modo de ser da avó?	Que objetos melhor definem para você a relação entre a neta e a avó?	Que imagens expressam a relação entre Marina e os pais?	Que imagens definiriam para você a escolha feita por Marina?
IZA	Sentimento é uma coisa, imagem é outra. Sereia, sobre um teatro, praça, andar de balanço.	Agulha e ovo de cerzir, cadeira de balanço? Mesa, cadeira.	Bibelô de menina com pintinho, lobo, unicórnio – a estatueta da penteadeira, joaninha? Potes na penteadeira.	Zoológico, lua, janela do quarto dela.	Ela chorou, estrela, linha e agulha.
JORA	Uma viagem de ônibus, falar de bastante pessoas, praia.	Escovas de cabelo, grampos. Cristaleira.	Cristaleira, janela do quarto da Marina que ficava na casa da vó, na casa da vó tinha tanta coisinha e a gente nem consegue distinguir, banheiro? Nem deu tem-	Triste, travesseiro, algodão.	As taças de cristais, ovo de madeira.

			po pra mostrar toalha, pessoas, escova de dente, lavar o rosto. Nem ga-to, nem cachorro. Baleia? Não era uma sereia, num vidro de água ou perfume. Espelho mágico da vovó, ela ria.		
LINO	Cinema, contava sobre minhas viagens, computador.	Sabe que eu esqueci tudo sobre a avó. A estátua, estante. Vai lá no cantinho e fala com ela.			
DEO	História sobre viagens, olhar o panorama lá de cima, um jardim florido, muitas cores, sobre uma praia.	Livro de histórias para contar pra neta. Ela penteava os cabelos da avó. A caixinha onde ela tinha guardadinho tudo dentro, lustre da sala.	Cálices de cristal.	Acolchoado.	Descendo as escadas.
NIC	Passarinhos, arco-íris e pequenos cachorros.	Cristaleira, bibelôs, ovo de madeira.	Taças, bibelôs, pentes e escovas.	Não tinha relações, tinha muitas brigas.	Taças, e agulhas de cerzir.

Quadro 7: Observações dos participantes sobre a a relação entre palavras e imagens.  
Fonte: pesquisa de campo.

Para seguimento com a atividade de *Aplicação*, foi solicitado ao grupo que buscasse gravuras que lembrassem a narrativa. Entretanto, a maior parte do grupo não trouxe as gravuras por não terem revistas em casa. JORA contou que recortara uma imagem de uma vovó, retirado de uma revista de uma amiga uma menina que seria a Marina e uns armários com copos verdes, de um encarte de jornal, o que seria tudo da história da Cristaleira.

Após, foram expostas várias imagens relacionadas à obra, conforme figura 38, abaixo, e cada participante selecionou quatro imagens. Foi solicitado que os participantes elaborassem uma história e a ilustrassem com as imagens selecionadas, na ordem que eles desejassem. Houve necessidade de esclarecer as diferentes formas de se organizar uma história, originalidade e formatação.



Figura 38: Imagens disponibilizadas pela pesquisadora para auxiliar os participantes na atividade de fechamento da leitura de A cristaleira.  
Fonte: pesquisa de campo.

Houve mais um termo que mereceu uma explicação: “originalidade”. Foi informado aos participantes que esse texto seria de sua autoria e cada um poderia usar as imagens, idéias, memórias e imaginar como achasse mais interessante. Eram suas criações. Entretanto, as dúvidas persistiram, como se pode observar a seguir:

IZA: Nós vamos criar uma história, então?

LINO: Para cada figura uma história?

JORA: As quatro figuras numa folha? E eu que nunca escrevi essas coisas. Acho muito complicado. Eu sou muito atrapalhada.

LINO: Mas boto todas as figuras num papel só?

Voltou-se a auxiliar os participantes sobre como poderiam organizar uma história, imaginando uma história que tivesse quatro imagens, como, por exemplo, um caminhão, uma estrada, um guarda-sol e um cacho de bananas.

Como exemplo, foi dito que deveriam ordenar as imagens de tal maneira que a história poderia ficar assim: “Joãozinho tinha um caminhão e pegou a estrada para ir visitar a família na praia. Na ida comprou um cacho de bananas na beira da estrada”. Desse exemplo, partiu-se para outros, mostrando a flexibilidade que as imagens poderiam nos dar em ordená-las imaginariamente e escrever a sua história. O resultado dessa explicação foi a fixação da idéia de caminhão, banana, estrada pelo participante DEO, que iniciou a sua história, ilustrada por cálices, casa e vovó com o seguinte texto; “Joãozinho comprou muita banana, vendeu...” . Nessa atividade, o participante usou o mesmo início, dado pela pesquisadora como exemplo. Ele, o autor da atividade, não percebeu a proposta de fazer relação entre o texto e as gravuras.

JORA resgatou suas figuras para incluí-las em sua história. Enquanto DEO, LINO e IZA trabalhavam, JORA continuava se dizendo incapaz de fazer uma história.

IZA: Todos somos capazes.

LINO: Mas é a mais pura das verdades, olha que eu aprendi com a vida que se a gente não tentar, não consegue mesmo.

JORA: Não sei. Acho que vou colar essa figura da guriazinha.

Os participantes foram terminando suas tarefas e JORA, que permaneceu em dúvida até o final, disse ter feito “o que podia e pronto, tá feito!”

As produções elaboradas estão a seguir:

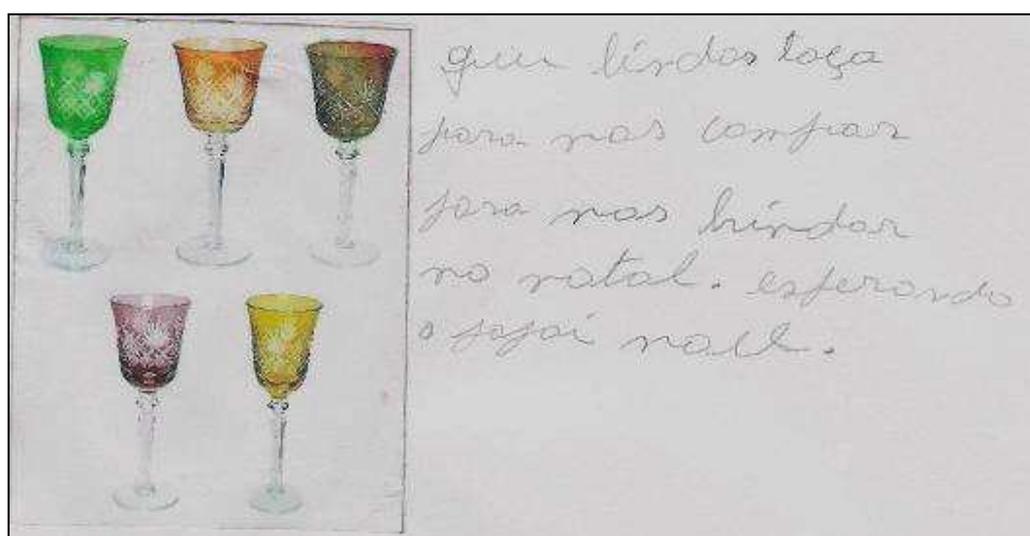


Figura 39: Produção textual da leitora IZA, com imagens.

Transcrição: Que lindas taças para nós comprar para nos brindar no Natal. esperando o papai Noel.

Fonte: pesquisa de campo.

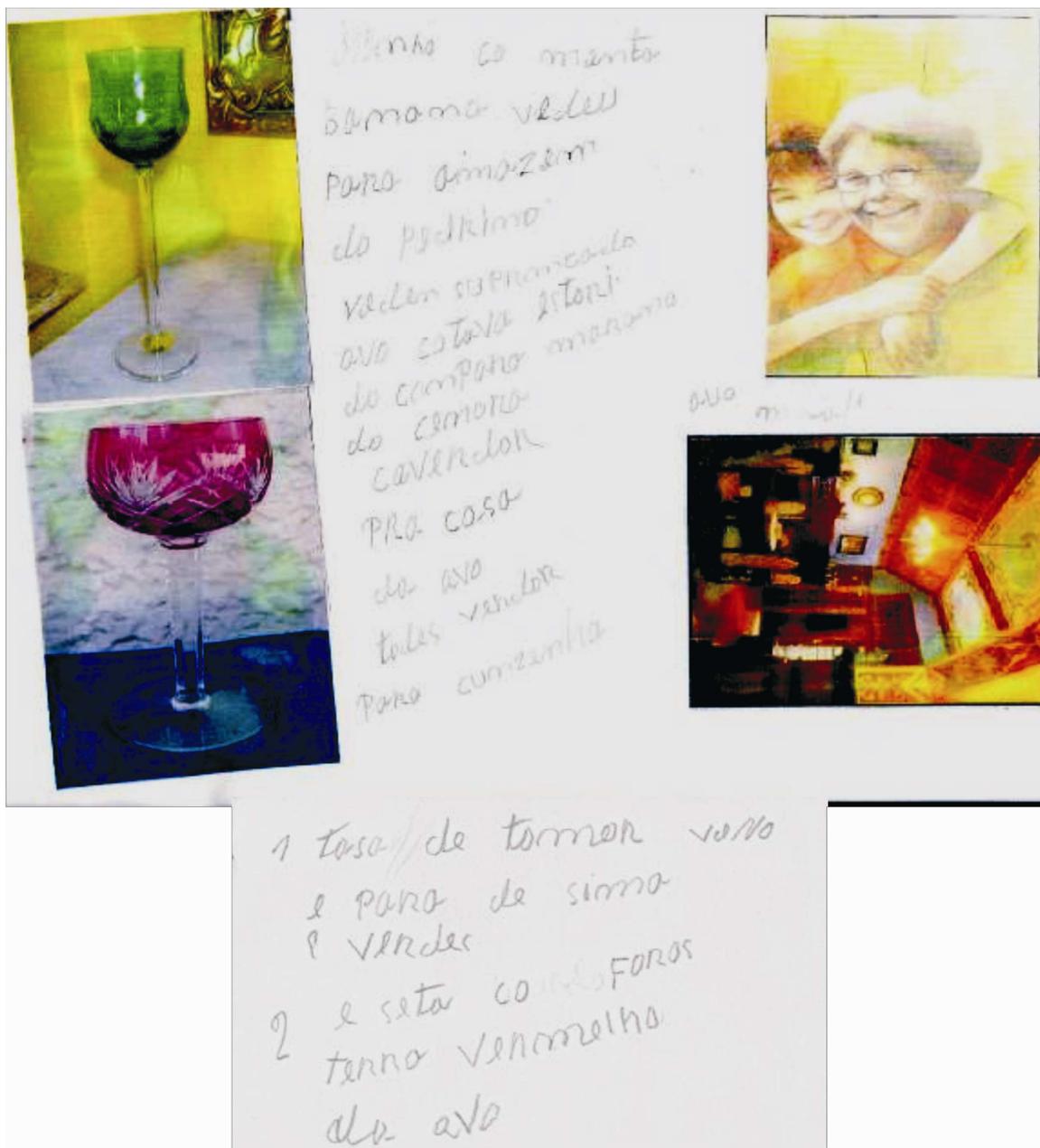


Figura 40: Produções textuais do leitor DEO, com imagens.

Transcrição: Joãozinho comprou muita banana vendeu para o armazém do Pedrinho. Vendeu para o supermercado. Vovó contava história pra Marina da cenoura, verduras para casa. Da avó todas as verduras para a cozinha e a vovó e Marina. Uma taça de toma vinho a de cima é verde a 2 [segunda] está com flores, terra vermelha da avó.

Fonte: pesquisa de campo.

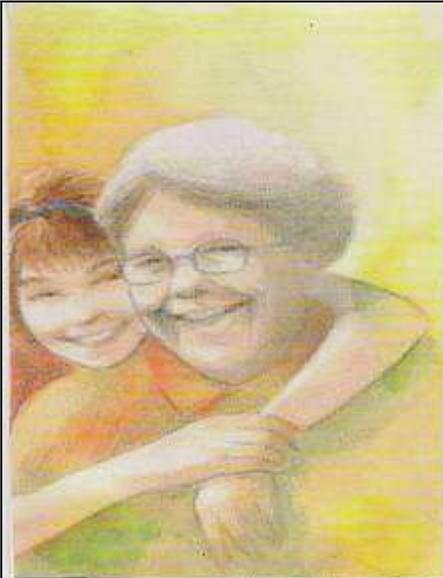


A vó de Marina está sempre sorrindo menina abraçada com a vó ela está fazendo carinho na vó e a gosta muito. Os Cali serve para bebe vinho verde e náta o vermelho amor o amarelho ouro.  
Erança da vó para Marina será a coleção artigos de cristal.

Figura 41: Produção textual da leitora NIC, com imagens.

Transcrição: A vó de Marina está sempre sorrindo menina abraçada com a vó ela está fazendo carinho na vó e a gosta muito. Os Cali serve para bebe vinho verde e náta o vermelho amor o amarelho ouro. Erança da vó para Marina será a coleção artigos de cristal.

Fonte: pesquisa de campo.



vovó vamos ao teatro hoje.  
vai ter uma peça muito boa hoje sim.  
Minha neta só espera  
um minuto para eu  
me arrumar e pentear  
os meus cabelos.



vovó me dá um  
quindim sim podemos  
comprar quando terminar  
a peça do teatro.

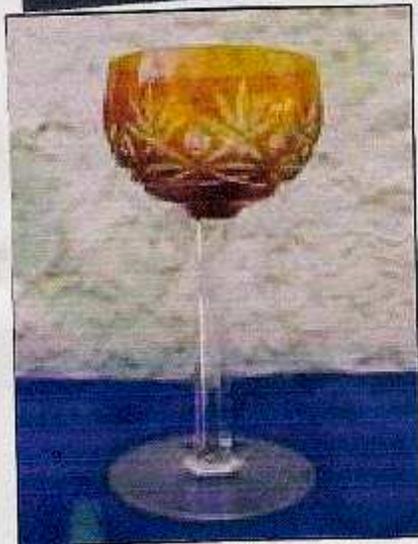
Figura 42: Outra produção textual da leitora IZA, com imagens.

Transcrição: Vovó vamos ao teatro hoje, vai ter uma peça muito boa hoje sim. Minha neta só espera um minuto para eu me arrumar e pentear os meus cabelos. Vovó me dá um quindim sim podemos comprar quando terminar a peça de teatro.

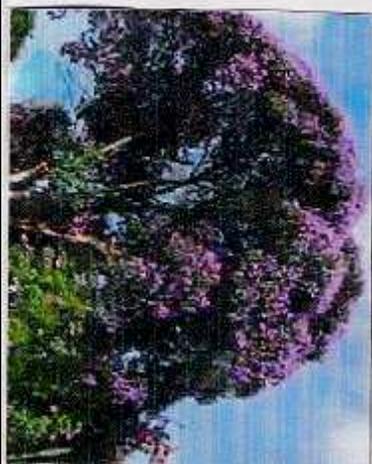
Fonte: pesquisa de campo.



Esta moça esta indo para uma festa mais esta faltando condução então ela esta pensando como chegar a festa



Esta taça muito bonita pra numa festa tomar um vinho geladinho



Estas árvores muito boas pra gente num dia como hoje tira uma soneca

J. Golbelino

28-11-08

Figura 43: Produção textual do leitor LINO, com imagens.

Transcrição: Esta moça esta indo para uma festa mas esta faltando condução então ela está pensando como chegar a festa.

Esta taça muito bonita pra numa festa tomar um vinho geladinho.

Estas árvores muito boas pra gente num dia como hoje tira uma soneca.

Fonte: pesquisa de campo.

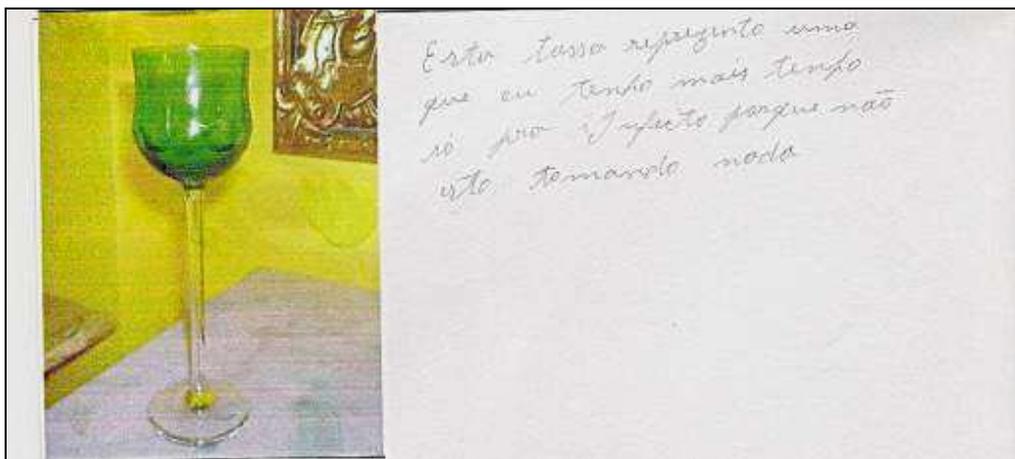


Figura 44: Outra produção textual do leitor LINO, com imagens.  
Transcrição: Esta taça representa uma que eu tenho mais tempo só pra enfeite porque não esto tomando nada.  
Fonte: pesquisa de campo.

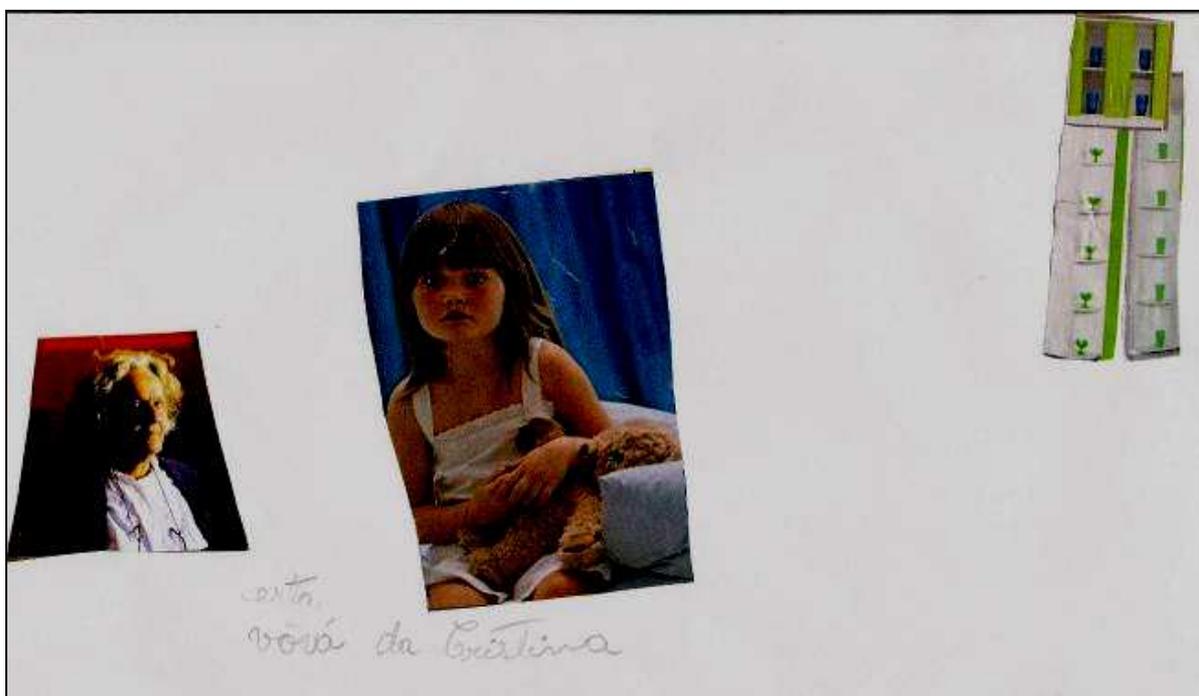


Figura 45: Produção textual da leitora JORA, com imagens..  
Transcrição: Esta vovó da Cristina  
Fonte: pesquisa de campo.

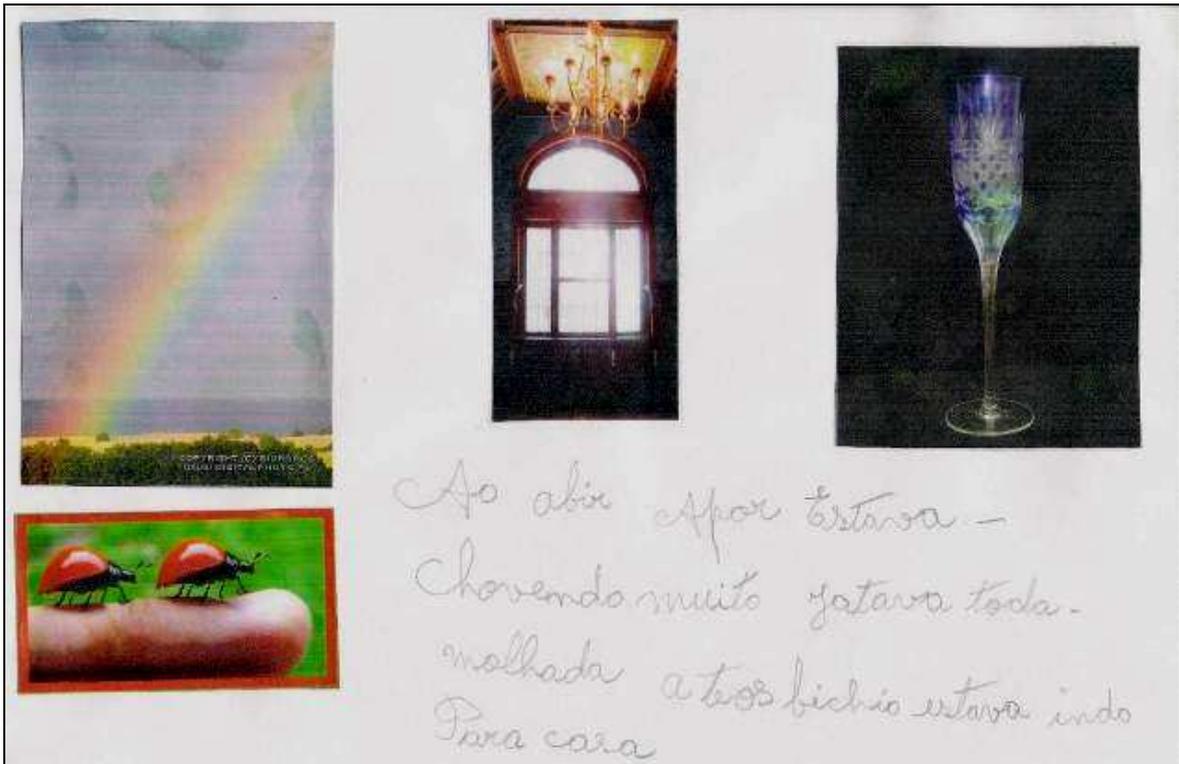


Figura 46: Outra produção textual da leitora JORA, com imagens..  
Transcrição: Ao abrir a porta estava chovendo muito já tava toda molhada até os bichinhos estavam indo para casa.  
Fonte: pesquisa de campo.

OITAVO ENCONTRO: 05/12/2008

#### 4.4 ATIVIDADE DE ENCERRAMENTO

Foram feitas questões orais (Apêndice E), com a retomada das histórias (*Guilherme Augusto Araújo Fernandes, Colcha de Retalhos e A Cristaleira*) e os diálogos foram gravados para posterior transcrição.

Iniciou-se com um questionamento envolvendo as três obras trabalhadas:

PESQUISADORA: Na primeira história, apareceu uma medalha que foi da avó de Guilherme Augusto e pôde trazer a memória do irmão de Antônia; na segunda, alguns retalhos fizeram a avó e Felipe lembrarem fatos e pessoas; e na terceira, apareceram vários objetos antigos. Nas suas casas existem objetos que os prendam ao passado? Quais e por quê?

LINO: É a batinha de prata ou alpaca que eu já trouxe quando a gente leu as coisas da memória da dona Antônia, me é preciosa, pois foi um presente do meu pai, as gurias tão querendo mandá desmanchar e fazer anéis, mas parece que esqueceram o assunto, porque ela tá lá guardada.

NIC: Sim tenho um livro muito antigo, quase podre, mas é uma Bíblia que ganhei há muito tempo, nem sei há quanto tempo faz.

DEO: Um objeto que era da falecida esposa, muito antigo, um radinho, deve de ter uns 50 ou 60 anos, desde que fomos morar juntos, ele ficava assim em cima da geladeira e ligado 24 horas por dia. E eu continuo andando pela casa com ele. E eu trago ele no meu coração, por ser o objeto mais precioso na minha casa.

JORA: Não tenho nenhum objeto, nenhum, não guardo nada, me desfaço das coisas. Guardo só as lembranças. Não junto mais nada.

IZA: Também não guardo coisas, não junto mais nada, mas tenho todas as lembranças guardadas.

PESQUISADORA: Que importância as histórias lidas tiveram para vocês?

NIC: para mim as leituras tiveram muita importância.

DEO: Foi tão importante que eu tô escrevendo em casa, que quando, conforme me lembrava, escrevi sobre aquele bicho que não me lembro o nome [mostra com as mãos o chifre] e o pavão. Tudo feito em desenho, que tá em casa, e por falta de tempo hoje não consegui trazê. Eu fiz conforme vinha na cabeça quando me lembrava, pavão e o outro o tal unicórnio, o pavão com a cauda grande, conforme o meu imaginário permitiu. Para mim, as histórias serviram muito bem.

JORA: Foi importante porque guardei a menina Marina, a avó da Marina, e o carinho entre as duas. Os outros dois também foram bons, mas o último foi o que mais me tocou.

IZA: Gostei muito da história da avó, até porque que sou bisa, fiquei muito tocada.

LINO: A história da avó, porque mostrou umas coisas que a gente vive perto da gente e nem se dá conta.

PESQUISADORA: As histórias trouxeram algum tipo de lembranças? Boas, ruins – que tipo de lembranças?

NIC: As duas últimas. As lembranças foram boas quando tinha pai e mãe e eu era a última das mulheres, então era Nicinha pra cá, Nicinha pra lá. Eu era o dengo. Parecia muito com a Marina e Felipe.  
DEO: Lembranças, olha... Mais pro lado ruim, do que bom. Quero falar sobre a Marina porque ela se sentia mal quando os pais brigavam. Ela se escondia atrás da geladeira [cristaleira, depois ele reconhece a troca do móvel], sentimento de ver os pais brigando. E hoje eu não tenho os meus pais. Como é triste não ter pais. Como é triste não ter pais e ou mãe. Não existe nada que se compare com a presença do pai ou da mãe. Porque embora a gente tenha a companheira da gente, a mãe está em primeiro lugar em todos os sentidos. Se o filho tá com uma dor, a mãe tá sempre preocupada em fazer alguma coisa, o pai também, né? Então é um lapso que se tem, em não fazer carinho pro pai. Eu acho que todos deveriam pensar nesse pensamento que eu vou falar. Todos deveriam fazer carinho pro pai, pra mãe, trazer todos juntos. A parte que mais me chamou a atenção, nesse sentido, foi ela vê o pai brigando. Isso ficou guardado. Porque os meus pais já foram embora e não tenho ninguém pra substituir eles, e embora a parceira seja boa, eles sempre sabem alguma coisinha mais.

JORA: Eu e minha avó, nós era muito amiga, quando minha vó inventava de ir na loja fazê compra, ela sempre comprava tecidos, ela as vez mandava fazer, ou mesmo fazia a mão mesmo, sem óculos, sem dedal. Ela fazia as minhas roupas, sem máquina. A avó da Marina.

IZA: A minha vó, com a vó da Marina, que era a avó paterna, ela me deixava enrolar o cigarro dela de palha com fumo enrolado. Eu era a única neta autorizada a fazer isso. Lembranças boas.

LINO: Concordo com o colega DEO. A Marina se sentia acoada e não podia fazer nada. E o pai e a mãe não tem substituto. Hoje eu vejo filhos e pais fazendo um absurdo. Aquilo, pra mim, é uma coisa que não tem explicação. Eu conheço gente que fala horrores dos pais. Sai do costado do meu pai [da casa dos pais] pelo jeito dele falá. Um dia quando tava preparando o chimarrão pra ele, que era minha obrigação, comentei que tava pensando em casá, isso que eu nem tinha noiva. Aí ele disse que se casá aqui não tem lugar pra ti, foi aí que saí à procura da noiva, tinha umas em vista. Hoje, conversando com meu irmão que mora em Alegrete, soube que ele, o mais velho, saiu de casa por causa do jeito do pai tratá os filhos, mas eu nunca, nunca percebi nada. Nunca discuti com ele. Ele morreu e ficou assim. Numa segunda-feira fui deixar o cavalo lá na casa dele para segui a Alegrete e ele me acompanhou até a porteira, nós dois tava sozinho naquela imensidão, e ele comentou eu quero passar mais domingo contigo e quero te contar o meu passado, só que na quinta ele faleceu e eu fiquei sem saber nada do que ele queria me falar. Ele podia ter me dito aí, só estava eu e ele no campo. Não fiquei sabendo de nada e nem meu irmão imagina o que poderia ser. Ele tinha umas coisas estranhas, quando eu tinha 5 anos, ele nos chamava pra fazê o fogo, enquanto ele fica dormindo, Deus o livre se ele levantasse e o fogo não tava pronto.

IZA disse que ela era chamada às 5 horas e também preparava o fogo, o café e saía “de enxadinha no lombo pra roça”.

LINO: Pois, quer dizer, nem assim com nada, eu fiquei assim, ele era assim. Só que ele não falava, era fechado.

IZA: O meu também não falava, ele parava, chamava e a gente descia pra lavoura e pronto.

PESQUISADORA: Mas hoje em dia nós conhecemos pais que também contam histórias para seus filhos.

LINO: Exatamente, é tudo diferente.

JORA: Já o meu avô botava toda a meninada em volta do fogo de chão e ficava contando histórias inventadas, ou causos.

PESQUISADORA: Que acontecimento, entre as histórias lidas, foi mais marcante para você?

DEO: O caso da Marina, as brigas do casal, porque nós sempre tivemos um sistema que a gente não deve brigar, então aquele negócio de estar brigando, aquela separação, aquilo me deixou muito marcado e a Marina também, porque eu venho desde pequeno... com idade que já estou fazendo, 84 anos, eu me lembro até os dias de hoje, quando bateu uma doença braba lá em casa, chamada de tifo negro, perdi três irmão mais velhos e os gêmeos. Eu cheguei assim, e vi o falecido pai fazendo as caixinhas pros gêmeos e perguntei se aquilo era pra mim brincá, e era pra enterrar os gêmeos. Sim, porque naquele tempo cada um se virava com a urna que conseguisse fazer. E eu cheguei e ainda perguntei se era pra eu brincar... Isso ficou gravado até o dia de hoje. A falecida minha tia me deu dois bairões com a bairna da forma da casa porque eu tava brincando na porta do paiol com os montinhos de farinha assim [mostra com as mãos como se fossem conchas puxando alguma coisa], aquele era o trabalho do meu pai, e ele veio. Quando eu vi assim chegando, a bairna me cantou nas costas. Então aquilo, ela faleceu e tudo, mas aquilo nunca saiu da minha lembrança. A Marina me trouxe muitas coisas do passado meu. Ela lembrou muitas coisas do passado que a gente, não sei se a gente guarda ou vem um coisa e mexe com aquilo da recordação daquele passado. São coisas que marcaram. Já pensou que a minha irmã mais velha que com essa doença maldita que é o tifo preto que dava 40º de febre já tinha passado das 21 crises, aí a tia serviu uma comida salgada e ela morreu, ela tinha doze anos e eu quatro, me lembro direitinho. Depois os outros. Com a idade que eu tinha, eu ficava pensando onde foram meus irmãos, perguntava pro pai e ele tinha que dizê alguma coisa pra eu ter uma resposta, ele falava coisas. E são coisas que ficaram guardadas para sempre, volta e volta e me lembro, mas assim quando um assunto puxa outro, como hoje, então me vem aquela recordação toda. Só eu com quatro anos e o pai se salvamos. A falecida mãe, eu chegava assim, nós morava numa casa de tafona, então do lado era a casa de moradia e do lado assim tinha uns degraus e eu chegava nos degraus e chegava assim, eu me lembro, espiava, parece que foi ontem, olha e ela tava com pouco cabelo, a doença era tão forte que caiu todo o cabelo dela, então eu me lembro disso até hoje, com a idade que eu tinha. Então vê que minha memória não é tão ruim.

PESQUISADORA: Vocês estão percebendo que todos vocês têm histórias de vida, memórias, lembranças, capacidade de contar. Mas no início das nossas atividades vocês se diziam sem capacidade de fazer. Vocês estão falando e produzindo histórias. Quantas histórias ainda vocês viveram e podem contar, transformar?

DEO: Aí é o imaginário? Não é?

PESQUISADORA: É, sim, modificado, acrescentando, às vezes, tornando mais belo uma coisa que não tenha sido tão boa de se viver.

NIC: A que marcou mesmo foi o da Marina, porque os pais dela brigavam muito. A minha vida foi parecida com a dos pais da Marina, sofrida e cheia de brigas.

JORA: A Marina, porque tava aflita, se sentindo deprimida, pela situação dos pais, estava se sentindo encolhida, triste, num ambiente nada bom. Para uma criança ela tava sofrendo e muito. Os pais brigando, discutindo, deve ser horrível, não me criei num ambiente assim na minha família, naquele tempo tudo era paz e silêncio. Nunca vi essas coisas. Fui ver agora que vim prá cá. E para ela os pais são importantes.

IZA: Marina.

LINO: Marina.

PESQUISADORA: Entre as ilustrações dos livros, que imagem você mais reteve ou ficou na sua lembrança?

LINO: fugiu tudo.

PESQUISADORA: Vou mostrar a capa dos livros, acho que vai ajudar um pouquinho vocês. Lembraram de alguma coisa?

DEO: Agora sim, me alembrei. A avó estava sentada fazendo cerzido de meias, numa cadeira de balanço com dois cachorros, ela estava sentada numa cadeira de balanço. Pensando melhor é a Dona Antônia sentada numa cadeira firme, e pensando.

JORA: A avó está sem memória, o Guilherme leva a medalha que era do avô dele e ela lembra o irmão dela e ele recupera as memórias que eram dela.

DEO: Sentada na cadeira e atrás tem o neto né?

JORA: Um vizinho dela.

NIC: Ela mora num asilo. A imagem que eu mais gostei foi daquele recorte onde apareciam os olhos e a taça, porque fez a nossa curiosidade sabe o que era aquilo, não era nada pronto.

JORA: A parte da Dona Antônia lembrou pelos marionetes da irmãzinha dela, suja de mingau e dando gargalhada.

IZA: A janela do quarto de Marina, a lua coalhada, toda enfatiada, uma coisa romântica. Uma lembrança daquela lua.

LINO: Aquela janela também, a lua fatiada.

PESQUISADORA: Nessa questão apareceram diferentes informações sobre os três livros.

LINO: Sabe que eu sinceramente, quando cheguei, eu tava nem tanto pelas coisas, quando a senhora falava as coisas, elas sumiam, mas agora estou guardando as coisas. Em casa mesmo quando vou telefonar, tô olhando a agenda, mas agora olho os primeiros números e já consigo lembrar o resto [risos do grupo]. Sabe que eu não achei que eu ia ficá assim com a memória mexida?!

LINO contou que essas atividades estavam proporcionando, a ele, um homem silencioso, uma impressionante coragem de falar e conta: que nessa semana mesmo tive um diálogo com a filha mais velha, sobre o que foi falado, lido e conversado, como as formas de se tratar os pais, o respeito sem ter medo. O pai pode beijar uma filha. E quanto à presença de livros infantis ele disse:

LINO: Quando a senhora perguntou que história ele contava, eu nunca tive disso, mas quantas vezes eu chegava em casa e via minha filha com os livrinhos de história contando pros netos, ela ficava lá sentadinha lendo história pros filhos dela. E eu olhando aquela paciência toda. Eu ficava olhando, só olhando.

IZA: É assim mesmo.

PESQUISADORA: Com que personagem você mais se identificou? Por quê?

NIC: Eu nem sei, porque eu trabalhei tanto na vida. Com a vó, não sei, porque parece que nenhuma delas trabalharam muito, né?

PESQUISADORA: Nós não sabemos se elas trabalharam muito ou não, porque o livro trata de um pedacinho da história de vida delas. E será que algum personagem poderia ter trabalhado bastante?

NIC: A avó de Marina trabalha.

DEO: Me achei parecido com a avó da colcha de retalhos, ela fez e depois ela foi e pediu um tempo e deu pro Alex, não, é Felipe. A mãe disse vai lá no teu quarto e tu vai vê uma coisa que tá em cima da tua cama. Ele entrô no quarto e se enrola na colcha, e começou a percurar um pedacinho da camisa, parece que da camisa do pai dele, da calça, não tô bem lembrado, e ele continuô a perguntar. Eu guardei isso dessa avó.

PESQUISADORA: Até porque o senhor fez a sua colcha também... Independente de ser avó ou avô, o senhor também juntou os pedaços e fez uma colcha e mandou para alguém.

DEO: Eu fiz com dois ou três pedaços só.

JORA: A colcha, a avó, tinha tecido do vestido da filha dela, que sobrou retalho, ela era uma avó muito ativa que trabalhava porque ela fez o vestido para a filha, depois o *short* do Felipe, que sobrou um pedacinho, ela fez outras roupas para o menino, ele tinha uma atividade de costura, juntava os tecidos e fazia a colcha de retalhos. Eu acho muito linda uma colcha de retalhos. Ela não era uma pessoa que sentava e ficava olhando só para as paredes. Ela se movimentava, fazia bolo, tinha cachorro, fazia carinho.

IZA: A avó da Marina, porque eu acho que sou quase vó dela, gosto de costurar, fazer pão para minhas netas, gosto de agradar as netas, se agrado as netas, dô bala para as filhas. Se a avó agrada os netos aí os filhos se veem recompensados.

LINO: A colcha que a vó fez foi importante. A minha falecida esposa não fazia tudo certinho com as cores. Lembro que quando a falecida fazia e ela me chamava e a gente ia marcando tudo para ela deixar prontinho. E esse livro me trouxe todas essas recordações. Me senti ali, participando de novo. Quando a falecida se foi, entreguei a máquina de costura pras gurias, com tudo dentro, mas a tesoura que eu cortava os panos ficou comigo. Parece uma coisa assim, antigamente, na minha zona, Deus me livre que um homem ia costurá ou pregar um botão.

PESQUISADORA: Imaginem contar que uma PESQUISADORA convidou um grupo a fazer uma colcha! [Risadas gerais do grupo].

LINO: Eu contei pras minhas filhas “imagina que a PESQUISADORA fez a gente fazê uma colcha e elas ficaram encantadas”. Mas isso não quer dizer que eu e os manos não aprontamos também. Quando a gente era jovem e o pai ia descansar, tinha um galo miserável que ia no bebedouro que ficava justo debaixo da janela do quarto do pai e bebia e cantava. Quando ele acordava, ele queria saber por que ninguém tinha feito nada pra calar o bico do desgraçado do galo. Até que um dia, o mano disse “deixa comigo”. Ele foi e preparou um laço, quando o galo chegou perto ele já tinha agarrado o bicho com uma tira e fez um furo, e quando ele tava laçado enfiou na cabeça do galo e o bico ficou preso, um capuz no galo, só que ele esqueceu de tirar o tal capuz. Na noite, o pai tinha o costume de sentar na soleira da porta e tomar o chimarrão, e aparece o tal galo de capuz. Ele olha e pergunta: “O que é isso aí?”, mas a gente viu um sorriso no canto da boca, meio pequeno. O mano ficou bravo porque eu não avisei ele de tirar o tal capuz, só que eu também esqueci. Mas dessa vez não sobrou nada pra ninguém.

PESQUISADORA: Das atividades realizadas qual delas lhe chamou mais atenção ou foi mais agradável para você? Por quê?

IZA: Adorei fazer a colcha. Até contei pras gurias lá em casa. Porque é uma coisa bonita, antiga.

LINO: É pra tapar, pra dormir.

IZA: Hoje nem se faz, é útil, maravilhoso.

JORA: Gostei de ver os colegas se virando na costura. Eu contei pra minha neta e a filha: “Olha os colegas lá da aula pegaram na agulha e tecido”, achei interessante.

DEO: Pegar a agulha, agora tá faltando prender botão.

NIC: Fazer a colcha.

DEO: Depois fiquei pensando que eu podia ter feito com mais pedaços menores de pano, ficava mais colorida. Na hora assim, faltou a idéia, podia ter feito igual à colcha da vovó.

LINO: A colcha.

PESQUISADORA: E em qual você teve mais dificuldades? Por quê?

LINO: A costura, se a senhora não tivesse me ajudado prender com os alfinetes eu teria tido dificuldade, os demais trabalhos foram bem tranquilos.

IZA: Montar a história. Tenho essa dificuldade desde gurria.

JORA: Montar a história, porque sou muito de montar a história na cabeça, coisas maravilhosas, mas na hora de passar pro papel, parece que tem uma coisa que tranca, e aí fica embaralhando e até achar aquilo que eu tinha pensado vai longe. Tenho ideias e não consigo passar pro papel, por que não consigo passar pro papel é que não sei. Medo de não saber escrever. Estar errado, trocar as letras.

DEO: Eu não sei juntar as letras, qualquer coisa que tiver eu copio, mas escrever sozinho, sai, mas é difícil.

PESQUISADORA: Escolher as gravuras não teve problemas para vocês?

O grupo foi unânime em dizer que não foi fácil, que muitas ideias vinham, mas escrever “trancou” tudo.

PESQUISADORA: Que efeitos essas histórias tiveram sobre você?

NIC: Reavivou a memória

LINO: O que eu achei pra mim, quando morava em Uruguaiana, eu passava pelos trilhos do trem, e um dia eu tava com um amigo, quando passaram as rodas da frente o carro trancou, e tenta, tenta e nada do carro se movê, a mudança era assim, presa na direção e a gente já tava vendo a luz do trem chegando, sabe que eu me esforcei muito. Mas o amigo se meteu a botá a mão na direção dei um safanão e ele se aquietou e eu tirei o carro do trilho, o trem passou, voltamo pra casa sem uma palavra, a não ser eu dizer “rapaz não te mete”, e aquilo passou. E de noite aquilo veio tudo de volta, e com as histórias acontecia a mesma coisa, depois a gente vai pensando, eu juntando, pensando.

PESQUISADORA: E durante aquela noite, quantas vezes o senhor lembrou a visão da luz do trem quando estava deitado?

LINO: Ora muitas e muitas vezes, e sabe que aí dava medo, que eu não tive na hora. E com as histórias foi a mesma coisa, sair daqui e ficar pensando em tantas coisas que a gente ouviu e juntar com as coisas da gente.

PESQUISADORA: Você gostaria de ler/trabalhar com mais histórias?

NIC: Acho que não terei tempo, se tiver tempo, quero sim, é gostoso e um jeito diferente de ver as coisas [a falta de tempo significa uma provável mudança para o estado de São Paulo].

DEO: Gosto de desenhar, escrever, faço porco, porca, os porquinhos. Agora aqui na Ritter, a gente tava muito ocupado com as moças da Pedagogia, chegava tarde em casa. Eu gostaria de trabalhar assim de novo. A gente aprende muita coisa, porque a gente nunca sabe tudo. Cada dia que passa a gente aprende mais.

IZA: Ah! É muito bom, essa convivência, esse jeito de aprender.

DEO [apontando para o colega LINO]: Nosso amigo ali é sozinho, eu moro sozinho, então a gente tá aqui conversando, e quando chega em casa a cabeça tá leve, e tem pensamentos dessas coisas que a gente viveu aqui. Quando tu tava em casa o que tu pensava? Depois que tu veio pra cá tu não te sentiu melhor?

LINO: Eu já estava na ginástica, e achava que faltava ainda um pouco, agora tá muito melhor.

DEO: Aqui a gente fica naquela alegria de ver os colegas, a gente brinca, conta uma anedota, dá risada. Quando eu cheguei aqui, ficava sem falar com ninguém. O que me fez mudar foi quando a Mara<sup>124</sup> me fez rodopiar uma valsa pelo salão todo, aí parece que eu abri e mudei, todos aplaudiram.

JORA: Mas é claro, isso é uma terapia de amigos, e a gente nem percebe e vai aprendendo aos pouquinhos.

PESQUISADORA: Que tipo de histórias você gostaria de ler?

NIC: Gostaria que fossem lidas, tanto faz, mas tem aquela que o pastor falou<sup>125</sup>.

---

<sup>124</sup> Aluna do curso de Pedagogia e monitora do grupo de alfabetização do Grupo Revivendo a Vida.

<sup>125</sup> Pela descrição da participante pesquisamos e chegamos à conclusão que é a passagem de Sísifo.

JORA: Adoraria principalmente se fossem histórias que trazem coisas da vida real.

IZA: Histórias do estilo da Marina, que marcam bastante.

LINO: Tenho vontade de escrever, mas sendo histórias que iluminem as ideias já tá bom.

DEO: Nem preciso falar. Já tô sentindo falta desse trabalho.

LINO: Antigamente, quando contavam uma história tipo essa que a senhora tá falando, a do Chapeuzinho Vermelho, o povo ia acreditar que era verdadeiro. Lá onde eu morava todos falavam da mulher de branco que aparecia no cemitério. Ninguém perguntou nada sobre ela. Simples, todos acreditavam que ela existia mesmo... Eles não pensavam antes, ficavam imaginando como se tudo fosse verdadeiro, e até enxergavam aquilo tudo sem se perguntar se era verdadeiro ou falso. Como eu viajava muito, até passei por uma situação. Um vizinho queria ir pro Alegrete, e me perguntou a que hora eu saía e eu disse que era muito cedo. Bem cedo ele apareceu e fomos por um caminho mais seguro. Lá pelas tantas começou a aparecer uma luzinha lá longe, aí eu botei farol alto e a luzinha continuava vindo em nossa direção cada vez maior. Eu firme enfiei a mão esquerda num compartimento da porta do jipe onde tinha o revólver, meu companheiro de viagem mudo, e eu também. E fomos seguindo até que a coisa passou por nós, e era um pássaro, que com a luz do farol deixava os olhos dele brilhando. Meu companheiro perguntou “rapaz, o que parecia aquilo pra ti?”. E eu fiquei quieto. Acho que é isso que se faz com o trabalho da senhora, esperar o resultado.

Encerramos a atividade dessa tarde, brindando cada participante com um jogo de *Cinco Marias*.

LINO: Que beleza, eu já ouvi falá muito e agora tenho um só pra mim me exercitar.

IZA: Eu estou muito feliz e realizada, pois agora estou relembando a minha infância.

DEO: Vou mostrar pros netos como se brincava na infância.

LINO: A senhora pensou em tudo, trouxe mariola, pêssego em calda, quindim, sagu, vovó-sentada e agora isso, parecem coisas saídas dos livros.

Na despedida, ficou o compromisso de, na próxima sexta-feira, o grupo assistir ao filme *A pequena Miss Sunshine*, juntamente com os colegas de turma de alfabetização<sup>126</sup>. Esse filme foi escolhido a partir das escutas das manifestações do grupo. Os participantes acreditam que a sociedade vê os velhos

---

<sup>126</sup> NOTA: Esse encontro não faz parte das atividades programadas para esta pesquisa.

como “algo descartável” e que as relações familiares estão mudadas em relação às famílias que eles têm como referencia. O filme mostra a relação entre um avô e sua neta, diferente dos livros do *corpus* que trazem a presença da avó. Também são apresentadas as relações entre os outros membros dessa família com diferentes escolhas e valores. São três dias de confrontos, brigas, acertos e descobertas dos verdadeiros valores que mantém um grupo familiar unido.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS: O IDOSO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

As obras escolhidas trabalham com a relação afetiva e educativa entre avós e netos(as) como um encontro de gerações em que se cruzam diferentes tempos sociais, individuais e familiares. As atividades de leitura buscaram instigar a memória e a imaginação dos idosos, levando-os a construir significações para a experiência, a partir do mundo imaginário da ficção.

### 5.1 A EXPERIÊNCIA DAS OBRAS

No caso da obra *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, temos a problemática de uma idosa sem lembranças. O tema apresentado na obra traz a relação de uma idosa desmemoriada que, ativada por objetos levados por uma criança, mostrou que o imaginário não se opõe ao real, trouxe também a idéia de que as gerações podem se aproximar a partir das vivências do cotidiano.

Enquanto Guilherme<sup>127</sup> estava estimulando as memórias de dona Antônia<sup>128</sup>, o objetivo era observar que memórias e, conseqüentemente, se o imaginário do grupo poderia ser analogamente estimulado. O público foco deste trabalho ouvia uma linguagem da vida real inserida no fantasioso, e eles assimilavam o mundo de acordo com seus sistemas conceituais formados pelo emocional e pelo motivacional. As respostas de cada participante no preenchimento das lacunas textuais estavam presentes, à medida que elas eram colocadas no grupo e era perceptível a falta de conexão entre algumas delas, já que as respostas estavam condicionadas umas às outras.

O processo de recepção iniciou-se antes do contato dos leitores com o texto, com a apresentação da capa. Esse horizonte pode ser modificado conforme a leitura foi se aproximando das vivências dos personagens com a dos leitores e suas realidades pessoais, culturais, estéticas, ideológicas, que orien-

---

<sup>127</sup> Personagem da obra *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (FOX, 1995. Op. Cit.)

<sup>128</sup> Ibid.

tam ou explicam tais semelhanças. Essas experiências que mexem com o emocional estão nas obras da literatura como um meio ideal para as manifestações do imaginário, formando alianças com o campo ficcional do fingimento estético.

A conclusão que os participantes chegaram ao conhecerem a capa do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* foi de que a obra traria como tema a relação de uma avó e seu neto ou bisneto e que ele anda de patinete. Também fizeram relações que partem do senso comum, que idoso sentado em uma cadeira está cochilando, dormindo ou tirando uma soneca; enfim, idoso senta e dorme.

Ao final do primeiro encontro, questionou-se o grupo sobre quem seria o narrador da história. As respostas indicavam como narradora Dona Antônia; ou seja, a personagem central, de quem se conta a história, foi tomada como quem conta a própria história, acontecida no passado, num processo de perda de memória.

No segundo encontro, quando o grupo foi questionado, um dos leitores dizia que era o autor, e fazia um grande esforço para lembrar o nome que sabia estar escrito na capa do livro. Outro concluiu que foi “alguém que observou a história em algum lugar desse mundão” (NIC), depois contou para o autor que passou a história para o papel.

O grupo demonstrou, a partir do segundo encontro, quando foi trabalhado o fechamento da leitura de *Guilherme Augusto*, um maior interesse e prazer em desvendar as “coisas no escrito do livro” (LINO). Com unidade, esses leitores demonstraram mais segurança nas respostas, e bem estar em escrever sem que o seu texto passasse pelo crivo de buscar acertos e erros. Eles estavam construindo novas estruturas, novas formas para buscar soluções para questionamentos, sem oferecer resistência a novas propostas de trabalho.

Eles demonstraram uma necessidade urgente em se tornarem alfabetizados, talvez pela idade, pelas conquistas alcançadas até aqui, sem o conhecimento dos significados; buscam essa oferta de alfabetização com o intuito de sanar falhas ou de conviver com pares próximos às suas realidades. Porém, trabalhar com a subjetividade, com o mundo simbólico e imaginário desses idosos possibilitou uma visão de que o dia-a-dia pode ser enriquecido sem enrije-

cer a visão e a flexibilidade, deixando-se envolver por personagens inserirem em atividades lúdico—pedagógicas.

Para poder chegar ao objetivo proposto de trabalhar uma obra literária infantil, com o grupo houve a necessidade de mostrar como era uma narrativa, o papel de um narrador. Esclarecidas essas dúvidas, o grupo se mostrou mais próximo aos textos, iniciando uma participação mais subjetiva, proporcionando uma elaboração mais pessoal.

Feita a leitura, quando foram solicitados a recontar o que fora apresentado, os leitores produziram um maior número de representações subjetivas que o significado interpretativo das histórias, privilegiando a presença dos sentimentos, opiniões, e alguns ainda se manifestam contando histórias em que eles próprios foram os protagonistas há mais ou menos oito décadas. Isso sugere que esse grupo estava interessado na rememoração e estabelecimento de suas identidades nos relatos.

Foi perceptível o prazer quando apreenderam algum sentido do texto e foi possível produzir algum resultado, preenchendo lacunas. O trabalho com esse grupo de leitura deixou de ser apenas um ato, uma atividade, pois atuações que foram ocorrendo durante a leitura preencheram os vazios do texto, evocando dados pessoais, familiares, mesmo que eles demonstrassem nem estar conscientes dessas ações. Na leitura, foram mobilizando o imaginário.

As sínteses reúnem perspectivas do texto, equivalendo a configurações de sentido. Enquanto a leitura estava sendo realizada, o grupo se deixava envolver pela concretude e pela transcendência que o texto traz.

A cada momento da leitura, os participantes elaboram contínuas sínteses para poder acompanhar as sequências que foram organizadas pelo autor. Os conflitos ocorrem, mas são solucionados quando o real deixa espaço somente para o envolvimento com o mundo imaginário que está sendo apresentado ou sua liberação. Os participantes experimentam o texto como um evento, uma troca de energia em que podem promover e envolver o leitor sem que ele possa se perceber envolvido.

O trabalho com a *Colcha de Retalhos*, além de um resgate das memórias, valorização dos “retalhos” de histórias de vida de cada leitor, serviu para trazer à tona memórias que os levou às infâncias vividas em diferentes regiões. Para alguns, a colcha representou uma rememoração das práticas artesanais

como uma forma de manutenção dos lares, quando se confeccionavam em casa as roupas para a família, como também toalhas e tudo o que fosse necessário, criando inclusive práticas desconhecidas em nossa região, como o tingimento das roupas feitas de sacos de açúcar ou farinha com urucum ou o destaque da criatividade em trabalhar com fios, fazendo rendas como o macramê, um tipo de trançado com uso de agulhas, de origem portuguesa.

Desde a sua elaboração, o projeto teve como objetivo estimular o imaginário, da mesma forma como Felipe acabou por reconhecer ou conhecer um pouco mais de sua família através de pequenos pedaços ou retalhos de tecidos que estavam em poder de sua avó. A narrativa mostrou o papel da mulher idosa como matriarca, a pessoa que detém a história da família e passa partes dela através da colcha ao neto, com quem divide passeios, bolos, carinho e descobertas de vida.

Sendo idosa, a avó vai, aos poucos, mostrando como se formam e se definem os conceitos, sentimentos familiares e a sabedoria dos idosos. Ao grupo de participantes foi dado o tempo e espaço para trazerem à tona memórias familiares, com valorização em especial das mulheres, que tanto faziam sem o apoio eletro/eletrônico de hoje. No final, além do retorno às lembranças do passado, as mãos foram convidadas a transformar pedaços de pano em uma parte de suas histórias.

*A cristaleira*, por sua vez, levou para a sala de atividades objetos e ações frágeis, como são as relações humanas, e apresentou uma triangulação avó-filhos-neta sob outro prisma, agora a relação neta-avó toma outras formas de comportamentos, acolhimento e responsabilidades. Aos poucos, o texto vai apresentando um desgaste e desequilíbrio entre os pais de Marina, que conta com o porto seguro da avó, criando nova forma de viver como família e estilo de vida.

Do senso comum que avó deseduca, não impõe castigo, a avó de Marina sabe das suas pequenas transgressões ao deixar as marcas dos dedos nos vidros da cristaleira, mas ela não repreende, e Marina sabe disso, o que não tira sua “autoridade” consciente na formação da menina. Essa avó está posta como a pessoa que influenciará a formação e o desenvolvimento emocional, cognitivo, social e os valores da neta. Seu papel é de acolher ou minimizar os efeitos negativos da separação dos pais, uma separação nada amistosa.

Essa avó assume a neta. A relação das duas é organizada de tal maneira que a avó, além de passar suas histórias e vivências, cria uma confiança na qual os diálogos nem sempre são necessários para que as duas possam se situar e entender o que se passa com uma ou outra ou ao entorno.

Essa narrativa levou para a sala de atividades a oportunidade de observar as atitudes diante das experiências dos participantes de como refletem com um tema que até algumas décadas passadas era um tabu, a separação dos filhos. Quem sabe, houve a necessidade de uma aceitação, ou amadurecimento de novos valores reconstruídos para a convivência no presente. As mudanças, entre elas, as relações familiares, estão ocorrendo num tempo muito rápido, e a elaboração desses “novos” acontecimentos algumas vezes nem ocorre. Trabalhando com as obras do *corpus* proporcionou aos participantes momentos de reelaboração de novos conceitos, ou novas maneiras de perceberem as mudanças de relacionamentos familiares que estão vivendo. DEO marca essa diferença de comportamento no tempo quando diz: “Eu acho que essas pessoas tinham uma autoridade que vem de dentro, que nem meu falecido pai. O olhar parecia que doía”.

Os participantes representam a experiência de décadas e enfrentaram perspectivas de futuro com diferentes identidades morais, sociais, políticas e religiosas. Que papel assumem essas vivências nas experiências de vida desses sujeitos que vêm construindo o seu futuro e nosso presente? A experiencição de suas infâncias pode contribuir na elaboração e estruturação do futuro desses participantes? Pelos relatos nas entrevistas, foi possível perceber que, no dia-a-dia, existem lacunas que foram deixadas pelo passado, preenchidas de uma maneira ou outra. Mas, nas leituras em que era necessário buscar significações no momento da ação interpretativa algumas vezes a memória não era uma auxiliar competente para esse exercício, a angústia, pressa ou medo acabavam por bloquear a participação desses participantes como agentes portadores de história de vida e experiências reais próximas às ficcionais.

O imaginário é compreendido nesse trabalho não apenas como uma capacidade de produzir imagens mentais, mas como tensão entre as forças psi-

cológicas e biográficas e as sociais<sup>129</sup>. Também pode ser pensado como algo que mantém uma relação direta com a percepção ou a liberação do mundo afetivo dos sujeitos. Porém, para o pesquisador e o grupo foco, é o que pode ser pensado como algo que, além de manter uma relação direta com a percepção, ainda promove a liberação do mundo afetivo dos sujeitos.

O imaginário não é apenas um acúmulo de imagens, mas uma área psíquica na qual, pela natureza simbólica, as imagens passam a adquirir forma e sentido, sem resíduos passivos, mas carregadas de significações e suscetíveis a uma transformação ou complementação de algo que ficou incompleto, inacabado quando de uma vivência do sujeito.

A escolha para apresentar as narrativas foi a utilização de recursos multimídia para estimular os participantes sob o ponto de vista emotivo/cognitivo; assim, eles se envolveriam em diferentes formas de se ler um texto. Alguns dos fatos narrados podem ter sido por eles vivenciados na vida real, e incentivados por essa retomada de fatos emocionais, se permitiram imaginar e experimentar fatos, situações, sentimentos, relações de prazer ou frustrações. Até, puderam decodificar atos ou fatos experimentados no passado, ocorridos quando, algumas vezes, não entendiam as possibilidades que a realidade apresentou.

Nos momentos em que foram proporcionadas essas possibilidades de vivências, conflitos, angústias, alegrias e perdas dos personagens, as próprias visões se multiplicavam a respeito das suas alternativas de experiências do mundo, mas somente no imaginário, sem riscos e limites, o que uma experiência na realidade talvez não conseguisse dar conta. Durante a interação com esse grupo, as histórias ouvidas foram se transformando dentro de cada um, relembrando, criando pontes entre as realidades vividas nas suas infâncias e o que eles hoje observam com seus netos e até bisnetos.

Essas interlocuções entre a literatura e o imaginário podem proporcionar uma situação de luta entre a realidade e o imaginário. Foi possível observar que o que ocorreu na sala de atividades foi um jogo, e por alguns momentos a experiência com o imaginário lhes possibilitou uma fuga do mundo real para o ficcional, sem limites de tempo e espaço.

---

<sup>129</sup> TURCHI, 2003. *Op. Cit.* p. 13.

Essa assimilação do imaginário pôde proporcionar emoções com tempo e durabilidade de acordo com sua exposição ficcional, sem normas ou restrições que aparecem como uma forte marca comportamental dos idosos nascidos e criados em sua maioria no interior, mais especificamente na campanha, cujos relatos ilustram convivências de obediência, silêncio e respeito por temor.

A percepção é de que os idosos apreciam histórias da literatura infantil, pois possibilitam que o inanimado passe a ter vida, como os conflitos, sombras, a vegetação, objetos esquecidos passam a exercer importantes papéis na resolução de situações e podem esclarecer dúvidas. Provavelmente, ao lerem sozinhos, não teriam “jeito assim de fazer com que “nois visse coisa que sozinho não ia se conseguir” (JORA). Imagina-se que, sem os livros trabalhados, colocados a frente desses participantes, talvez essas transformações, o resgate das memórias e o incentivo ao imaginário não ocorressem com tanta vivacidade como foi constatado.

Os dados levantados sobre a escolaridade dos participantes mostraram que, por diversas razões, eles não frequentaram a escola. Os que tiveram essa oportunidade, além de ter sido por pouco tempo, não o fizeram em busca do sentido das palavras, mas para poder escrever o nome. Nesta pesquisa, eles foram convidados a participar de uma atividade que apresentou as narrativas associando texto e imagem, proporcionando uma atividade lúdica e prazerosa; no contato e descoberta de novas palavras fazendo com que se sentissem muito desafiados pelos textos.

Os leitores foram instigados a distinguir as ilustrações como auxiliares no entendimento do texto daquelas que apenas preenchem espaços, mas que estimulavam o imaginário também (como a cara da galinha no livro *Guilherme Augusto*).

Nas tardes de atividades, em determinados momentos, as ilustrações relacionadas diretamente com o texto, ou as complementares da ilustração provocavam ações e reações na memória de alguns participantes, o que poderia sinalizar que, além do texto através da ilustração, detalhes não passavam despercebidos, apesar da quantidade de informações que uma página de livro infantil ilustrado pode trazer. Nas obras infantis, a ilustração é mais um detalhe que assume importante papel na construção dos significados do texto. Pode-se deduzir que essa valorização das ilustrações deve-se à dificuldade no domínio

dos esquemas convencionais da escrita, ou seja, as imagens passam a dar uma sustentação obras infantis, a ilustração é mais um detalhe que assume importante papel passado e o já lido, proporcionando uma dinamicidade tanto no real, como no imaginário e na memória.

Durante a leitura da obra *A Cristaleira*, o autor traz uma descrição de falas, portas batendo, e solicitamos aos participantes que trouxessem hipóteses do agente dessas ações. Uma das respostas dadas foi de que se tratava de “uma bruxa que teria vindo assustar a menina” (DEO). Buscando na entrevista desse participante, ele relatou que nunca lhe foram contadas histórias infantis e nem aprendidas para serem contadas aos netos. Mas de onde surgiu essa bruxa, qual seu papel, por que assustar uma menina que se esconde atrás de uma cristaleira ao presenciar as brigas de seus pais?

Sabendo que a atividade estava voltada para um público em processo de alfabetização, com idades que variavam entre 68 e 86 anos, as propostas para abstração e concentração exigiram certa habilidade real dos pesquisados, para que se pudesse mantê-los interessados em seguir com o texto escrito além do ilustrado. Essa oportunidade de expressarem suas memórias e o ilusório durante e após as atividades mostrou como resultado uma integração entre o reviver íntimo com o texto proposto. Assim, foi dada autonomia a todos os participantes de descrever, contar, ilustrar e até escrever essas experiências dividindo-as em seus pares. Isso demonstrou um relacionamento entre o grupo como coletividade.

Ao reconhecer determinados indicativos do passado, alguns refaziam a história de sua comunidade, se colocando no passado, como um participante que andava no ônibus chamado *Olga*, para poder frequentar os bailes de final de semana, e acabou agradecendo à Dona Antônia (personagem da obra *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*), pois se não fosse pelos objetos trazidos por eles, não facilitaria esse retorno ao passado, do qual ele (leitor) nem lembrava mais.

É necessário novamente destacar o papel da ilustração, pois a mesma pôde tornar o texto uma mensagem que passou pela instância da mediação do olhar de cada um. Também iniciou o convívio com figuras “fantásticas”, criadas no imaginário do ilustrador com a finalidade de completar a idéia do escritor, como o unicórnio, leões, sereias, lobos que serviram de complementos facilita-

dores para compreensão textual, permitindo-lhes estabelecer conexões com o mundo real e elaborar redes interpretativas.

Assim, se poderia dizer que a ilustração dos livros trabalhados assumiu uma função simbólica e de significados que é mais uma forma de linguagem. Para os participantes, até a forma de ilustração foi observada, demonstrando a proposta do ilustrador em trazer uma mensagem sem marcações de espaço bem definidos, enquanto outros deixavam transparecer a delicadeza do tema tratado através das pinceladas *passadas* no papel.

Foi possível constatar que essas ilustrações interferiam quando alguma atividade solicitava que fosse desenhado algum objeto. A primeira frase dos participantes era: “Eu não sei desenhar” (JORA), ou “Tenho vergonha de fazer uns rabiscos perto de umas delicadezas dessas” (DEO); mesmo assim, estimulando os leitores, foi possível a elaboração de criações que poderiam traduzir em traços alguns significados e significantes originados no imaginário.

Da parceria entre ilustrador e escritor, o resultado assume um papel de representar graficamente a função denotativa da expressividade, ética, emocional, sentimental, valorativa, através de traços ou tonalidades mais ou menos vivas que auxiliaram também os participantes a identificar o gestual, expressões faciais, os elementos determinantes de ações e reações, texturas, linhas, tecidos, junções de cores gerando estampas, tempo e espaço.

Na obra *Guilherme Augusto*, foi identificado pelos participantes que “O desenhador usou cores assim apagadinhas” (NIC) e algumas vezes abusou do tamanho do papel ilustrando em página dupla, enquanto o ilustrador de *Colcha de Retalhos* utilizou cores mais fortes, desenhos mais definidos, e na borda superior de cada folha trouxe detalhes relacionados com o diálogo tratado no texto que se segue abaixo. A observação serviu para a valorização desses detalhes e os fez partir para suas próprias relações com tais objetos. Portanto, juntos, texto e ilustração mostrados em multimídia, proporcionaram uma visão ampla do livro e em conjunto, o que passou a contribuir com observações sob diferentes pontos de vista, estimulando as relações tempo e espaço de cada leitor. O resultado dessas relações implicou uma leitura com compreensão e apropriação textual, estimulando a produção de sentidos.

Na obra *A Cristaleira*, foi possível observar um cruzamento de objetos que eram elementos comuns na ordem cultural, social e até determinantes de

*status* de nossos participantes, combinados com o surgimento de seres do universo mitológico. Nessas interações, foi possível observar que, mesmo sendo idosos, as narrativas não deixam claro para todos as relações de localização espacial, temporal, identificação de convivência e o confronto da realidade com a ficção. Ficou demonstrado, quando se trabalhou com a presença de unicórnios e sereias – que foram confundidas com baleias – que os dois são reais. E mais, “os unicórnios não são mais vistos, pois teriam sido dizimados pelos dinossauros, ou pela ganância do homem em matá-los para retirar “a guampa” (JORA) e fabricar enfeites como as presas dos elefantes” (conclusão do grupo). Esses participantes em situação de alfabetização trataram as imagens como suas âncoras para desencadear a interpretação dos textos apresentados, ampliando as possibilidades semânticas.

Os significados se constituem por meio da leitura do texto verbal e das imagens. Foi constatado que um portador de texto, o livro, em nosso caso, possui em sua estrutura elementos modalizadores do leitor, que são provocados para uma ação transformadora, como ocorreu com a leitura da obra *Colcha de Retalhos*. A ação entre a avó e seu neto Felipe estimularam os participantes, independentemente de gênero, a assumir o papel da avó, propondo-se a costurar, suas colchas de retalhos e, para completar a tarefa ainda escrever bilhetes aos destinatários dessas produções.

Ao final da última atividade, foram ouvidas queixas de participantes por não terem tido oportunidade de alguém lhes mostrar essa maneira de ler e valorizar todas as formas textuais, como o livro. Dessa forma, os textos trouxeram-lhes a possibilidade de se envolverem pelas cores, traços pela curiosidade alegria ou tristezas diante do mundo imaginário da ficção.

O texto de literatura infantil convidou os leitores a se deixarem estimular pela imagem como um elemento mediador e orientador, associado à utilização do pensamento concreto, contando com as experiências vividas no e pelo mundo. Os adultos inicialmente se mostravam céticos ao que deveria ser valorizado, texto ou ilustração, o que necessitou de um esclarecimento de que seus olhares deveriam compreender tanto o verbal quanto o textual.

Como cada um deles traz sua história de vida, origem, formação cultural, religiosa e diferentes gêneros, as percepções não foram únicas, mas particulares, carregadas de experiências pessoais e culturais. Na apreensão do li-

vro, as significações passaram a ser atribuídas pela interação entre o visual e o texto. Para essa proposta, foi imprescindível que os participantes tivessem uma conduta de valorizar a ilustração como parte e não como detalhe do sentido textual.

Durante os momentos de descontração ou brincadeiras surgidas, por exemplo, quando todos costuravam suas colchas, se percebeu que a leitura foi lúdica; tornando-a compreendida – *logo* – mais lúdica. Se não existir prazer, não haverá compreensão, e sem compreensão não ocorrerá o aproveitamento prazeroso dessa opção. Assim, o lúdico mostrou ser uma forma de como a comunicação textual ocorreu, estimulando a memória semântica dos participantes, o que é essencialmente a aprendizagem formal.

A forma como foi organizada a atividade pretendeu que esses participantes se sentissem à vontade com o jogo de palavras e imagens, evitando o que disse DEO no primeiro encontro: “as palavras são traiçoeiras, às vez nos enganam e fazemos papel de bobos”. E mais: os participantes querem se tornar aptos a elaborar um sistema que venha a ser seu novo quadro de referência e novas possibilidades de ver o mundo pela leitura. As leituras seguiram um roteiro de reflexões que iniciava pela motivação da leitura, a leitura propriamente dita, seguida da interpretação do que foi lido.

O papel do fantasioso e finais felizes, ou nem sempre tão felizes, foram privilegiados nas obras apresentadas, com situações atemporais, com início, meio e fim. As emoções que as obras proporcionaram, além do simbolismo implícito puderam auxiliar na situação de conflitos como a falta de motivação para o aprendizado que, pelo medo de não poder participar como elemento ativo, acaba trazendo inibições.

A percepção destes textos como uma “belezura” foi enunciada pela participante JORA. A não distinção de aspectos formais da narrativa como narrador e temporalidade é compreensível, dada a pouca familiaridade do grupo com textos literários, contudo ao longo do trabalho, foi desenvolvida a percepção de tais elementos, como próprios do universo da ficção, a partir dos quais as lacunas do texto iam sendo preenchidas e as memórias incentivadas.

A atuação da pesquisadora esteve sujeita a ocorrências que algumas vezes impediram a participação de idosos nas atividades, como doenças, uma briga violenta de família que acarretou mudança de endereço, morte de amigo

de longa data, mal estar súbito em transporte coletivo e consultas médicas regulares. Mesmo assim, com essas adversidades, as atividades aconteceram sem interferir substancialmente no planejamento e sem desestruturar o grupo. O grupo manifestou vontade de compartilhar suas memórias, expondo seus sofrimentos e queixas. Os “causos” partilhados em aula deixavam claras as experiências que oportunizaram saídas de algum problema e propiciaram conhecer realidades em tom de nostalgia, revolta, resignação, pelo desbotamento das paisagens que lhes foram caras, pelo desaparecimento de entes amados, formando um somatório de relatos quase semelhantes e de realidades algumas vezes muito distantes da maioria, mas com os mesmos efeitos e resultados. Para o pesquisador, ouvi-los foi desafiador, pois contrasta com o passado de décadas cheio de riquezas, adversidades e a potencialidade do idoso de hoje.

Entre pesquisador e participantes pôde ser construída uma relação de interesse pela continuidade dos relatos, como forma de conviver, aprender e crescer. As memórias geradas na relação entre o pesquisador e os pesquisados criaram um espaço de se perceber o narrado como uma possibilidade de criar novas relações baseadas no interesse comum e individual. A memória, faculdade narrativa por excelência, foi seguidamente retomada sob a forma de relatos que valorizavam as histórias de cada um.

Ao ler a entrevista e os relatos do último dia de atividade, foi possível perceber que DEO trouxe uma triste experiência e, como ele mesmo diz, “isso aconteceu fazer 82 anos”. E se as experiências se mantêm vivas, é possível que isso aconteça pelo convite que os textos fazem a preenchimento de suas lacunas, que no caso das narrativas trabalhadas, remetiam a lembranças, ao passado longínquo guardado na memória, que então se liberava. Houve sim, um processo de desacomodação, que produziu respostas positivas, a partir do trabalho com os textos e a relação com os colegas de atividades e o pesquisador.

As histórias trabalhadas trazem relações com a situação familiar. Econômica, social e intergeracional presente na experiência de cada participante, mesmo que tais temas sejam tratados ficcionalmente, como separação familiar, falta de memória e vida asilar. Aos participantes, foram solicitadas interpretações que garantiam liberdade de expressão e a participação ativa de cada um no processo de construção de sentidos, instigando o imaginário. O trabalho de

leitura propiciado pelo pesquisador procurou deixar o grupo receptivo ao que viria, à forma como seria trabalhado. Todos passaram a sentir “capacidade de produzir”, deixando-se instigar por cores, cheiros, texturas, imagens e palavras. A cada obra o público se mostrava mais participativo, dizendo-se “pronto para o que der e vier”. A relação alfabetizando e obras de literatura infantil se mostrou eficaz para satisfazer a curiosidade de novos conhecimentos e reconhecimentos.

Retomando a primeira obra trabalhada em relação à segunda, os participantes demonstraram uma dúvida que foi percebida pelo próprio grupo entre o que deveria ser “puxado da memória” ou o que deveria “sair da cabeça” e “respondido como imaginário ou imaginação”, o que se tornou mais claro nas atividades com a terceira obra.

Mas como estimular esse grupo para trabalhar com o imaginário? É de conhecimento popular que, na idade avançada, as narrativas orais de nossos antepassados são fundamentais para o resgate do que não chegou a ser escrito, divulgado, até mesmo o sentido de vida desses protagonistas, de fatos, ocorrências, experiências, que em alguns casos servem de ensinamento aos netos, dos quais algumas vezes se tornaram os cuidadores.

Esse vínculo com o passado traz uma idéia de que o que escutam, comungam do mesmo ponto de vista ou passam a conhecer são outras realidades organizadas a partir de diferentes memórias, o que pode estar relacionado às suas origens socioculturais, porém mais atualizadas. Esses sujeitos têm como lastro dos relatos as memórias de cinco, seis ou mais décadas passadas, entremeadas com *links* da atualidade. Suas memórias poderiam ser identificadas como sabedorias que se relacionam com experiências acumuladas ao longo de suas vidas.

O resgate ou a reconstrução das memórias ocorre diariamente com esses sujeitos em situação as quais nem percebem essas conexões; porém, durante as atividades, começaram a se perceber participantes desse evento, dizendo que iriam prestar mais atenção nos detalhes, afinal, como disse NIC:

NIC: Em nossas vidas temos duas datas que ninguém consegue fugir - é a nascença e a partida. Mas o que passa dentro delas é só meu, mas posso dividir com os meus [familiares] e quanta coisa fica guardada, e quanto posso ainda imaginar.

JORA completou dizendo que “estamos sempre nos desenvolvendo e aprendendo, por isso estamos aqui”.

A reconstrução da memória pode ser criada pelas atitudes e os estímulos propostos durante as explorações do passado. Entretanto, como já foi dito anteriormente, essa reflexão depende de como são tratadas e instigadas as experiências vividas. Nas tardes de atividades, era visível o contraste das experiências dos participantes e da realidade em que vivem com as gerações seguintes de suas famílias.

## 5.2 BALANÇO FINAL

Valendo-se das teorias elencadas, teóricos anunciados, uma entrevista qualitativa com o grupo foco, o retorno dos trabalhos executados em sala de atividades e em especial os diálogos entre os participantes com ou sem participação ou interferência do pesquisador, pode-se dizer que o termo *imaginário* subtraiu os sujeitos autores das representações, tornando-os reais e participativos de processo avaliativo em um jogo com textos e imagens. Contudo, o domínio do imaginário se manteve aberto, é possível dizer que o imaginário passou por constantes variações temporais, favorecendo que houvesse a quebra da cronologia, pois o imaginário não envelhece.

Os participantes deixaram que o imaginário atuasse na sala de atividades, com certo receio de se desnudarem completamente, mas tornando-os verdadeiramente sujeitos e não objeto. O imaginário surgiu como parte de um todo que pode ser descrito, mas também pode suscitar dúvidas, outras interpretações, e até mesmo deixar emergir sentidos secundários indiretos. Também é constituído da temporalidade, espaço, personagens, ações que podem valorar a interpretação do *sujeito imaginante*. Se deslocar-se essa forma de ver o imaginário para a sala de atividades, toda e qualquer ação tomada facilitou o acesso aos sentidos que no dia-a-dia possam nem ter sido instigados ou permaneceram isolados.

A passagem, pelas possibilidades da linguagem proporcionou momentos de experiências criativas e de retorno às mais significativas lembranças dos sujeitos. As obras literárias, tendo como característica a polissemia, contribuem

na formação do indivíduo, sem, no entanto, impor valores morais estritos. A ficção e a fantasia têm papel relevante para ampliação das experiências de vida que, no caso da dos participantes do grupo, seguem basicamente o mesmo padrão: em sua maioria filhos de lavradores do interior tanto do Sul como do Nordeste, com crenças religiosas bastante fortes.

Considerando que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos observados, que não pode ser traduzido em números, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados subjetivos comprovaram que eles são a base para o processo da pesquisa qualitativa. Em parágrafos anteriores já se mencionou uma sinalização de que o que cada sujeito traz poderá transformar contínua ou pontualmente a sequência da leitura. Isso foi o que pôde ser constatado e apresentado nos diálogos do Apêndice C.

A pesquisa descritiva, de inspiração etnográfica, foi se fortalecendo na medida em que os dados preenchidos no primeiro encontro acabavam se revelando pelo grupo quando instigados pelas histórias ou pelos relatos das suas experiências de décadas passadas. Mesmo durante a entrevista, foram observadas liberações de pensamentos que chegaram ao pesquisador em forma de confiança. Esses relatos forneceram um material extremamente rico para análise. Neles podem ser encontrados reflexos da dimensão coletiva, a partir da visão individual, na forma de educar, encaminhar ao trabalho infantil e cumprir horários e tarefas que hoje seriam questionados – como acordar antes dos pais e deixar o café pronto às cinco horas da manhã.

Além dos relatos, desde a entrevista esses leitores fizeram menção, em sua maioria, de terem vivido situações de mudanças sociais marcadas pelo isolamento e outro tipo de limitações, como o surgimento das doenças crônico-degenerativas. Mas as idéias de decrepitude e de proximidade iminente da morte não tiveram influencia negativa sobre o trabalho realizado. A participação nesse grupo tem grande valor para todos, pela convivência saudável, a alfabetização, os encontros com novos professores “que sempre vêm com novidades, desafios”(LINO).

A cada dia, esse grupo fazia questão de afirmar que o envelhecimento não se caracteriza pela passividade, que ser idoso não é sinônimo de doença, que o idoso tem sim, capacidade de aprender, e muito menos é o fim da sexua-

lidade, como fazia questão de afirmar um dos leitores que, aos 86 anos, está procurando nova parceira.

E o que dizer das mulheres do grupo, que, historicamente viveram uma realidade cujo papel de mães e avós lhes trouxe um papel secundário no que se refere à ordem social e sexual? Se não lhes fossem dadas as condições que hoje possuem, talvez estivessem vivendo marginalizadas seus corpos descuidados, fazendo jus a um corpo de idosa.

Na sociedade contemporânea, observa-se que os indivíduos são induzidos a basear suas atitudes e pensamentos de acordo com o culto à juventude, ao moderno, ao prático e à beleza. Envelhecer dentro desse contexto se reveste de uma significação admirada por eles próprios.

A leitura surgiu, assim, como uma forma de autoconstrução subjetiva não determinada pelas “coisas ditas”, um desafio, um “eu” que foi se forjando na forma de uma viagem interior e/ou exterior, a partir da experiência estética. O universo ficcional da literatura infantil implicou uma integração dos participantes no mundo das personagens, pela percepção dos acontecimentos narrados.

Retoma-se o papel da entrevista como primeira forma de se perceber a presença do real e ficcional na criação desses participantes, através dos relatos das experiências vivenciadas pelos idosos e seus grupos ou comunidades, que assim puderam mostrar como agem e reagem quanto aos significados, motivações, valores e crenças.

O detalhe que chama a atenção é sobre uma particularidade de duas participantes que dizem não guardar nada do passado, “o que passou já era”. Porém, quando o grupo foi solicitado a levar objetos que lhes trouxessem memórias, ou objetos elaborados com tecidos antigos, essas alunas apresentaram roupas com mais de trinta e seis anos; então, cabe questionar: de que se desfazem essas participantes? O que elas não guardam mais, não juntam mais? E garantem que fica tudo guardado nas memórias. Seriam os valores dos objetos que determinam o que guardar ou não? E por que? Seriam as histórias trabalhadas que teriam o poder de fazer com que os idosos retomem suas vivências de forma retrospectiva? As leituras para esses participantes instigaram seu imaginário, memórias também foram retomadas.

Mas quem trouxe a solução de um questionamento sobre barulhos na sala da casa de vó de Marina, no livro *A cristaleira*, como sendo as bruxas que

viriam assustá-las foi um leitor que, em sua entrevista, afirma nunca ter ouvido histórias infantis. Em que parte de sua imaginação, que é a faculdade mental de produzir imagens, ele foi buscar um personagem absolutamente fantástico?

Durante as atividades, trabalhou-se com imagens que eram produzidas e em determinados momentos confundidas com a realidade. No frasco de perfume onde aparece a sereia, na dúvida, as alunas elegeram uma baleia; quanto ao ser mitológico unicórnio, passou a ser denominado de “cavalão” com uma enorme guampa, que teria sido dizimado pelos dinossauros ou pela ganância do homem em retirar tal guampa para ser utilizada, como as presas dos elefantes.

Pareceu que houve uma mistura entre dois tipos de imaginários: um que pode ser encontrado em revistas, ou visto na TV, livros, o outro como uma criação mental com certa aproximação de seres ou objetos externos, que facilitam suas relações ou não com a realidade. O imaginário, com seu poder de mudar, recombinar as impressões armazenadas pela experiência, pode ser a fonte de invenção e de originalidade.

As leituras, aos poucos, foram apresentando formas de relacionar a subjetividade com o concreto, os leitores passaram a fazer relações de memórias alegres com objetos que causam sentimentos de alegria ou provocam risos, ao passo que, quando surge a tristeza, ela poderá vir associada à perda de uma pessoa, e pelo grupo, tais experiências já foram provadas e sentidas, algumas ressurgiram nessas atividades, outras estavam “esquecidas” e vieram à tona, transformando o leitor, assim como as personagens citadas nas narrativas.

Frente a essas respostas, poderia-se dizer que o imaginário da literatura foi capaz de estimular processos de identificação que levaram a ressignificar as experiências com a alfabetização, tornando mais significativas as relações com a linguagem, a imagem e fala dos personagens, completando a atividade.

O imaginário, segundo Bachelard<sup>130</sup>, desafia a resistência e as forças concretas, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora. A natureza tem uma força viva que vem das profundezas e dos dramas humanos, que podem ser representados pelos pintores

---

<sup>130</sup> *Ibid.*, p. 27.

que não se deixam envolver somente pela sedução da imaginação das formas, mas pela matéria a ser representada; ele, o pintor, tem o poder nas cores que trabalham com a matéria e passa a fazer uma grande troca de forças entre matéria e luz. Dessas relações, surge a ligação do homem aos quatro elementos da natureza, que são o ar celeste, o fogo, e as substâncias terrestres.

Os leitores olharam, observaram as cores, reproduções pictóricas, ouviram o domínio poético textual implicando as capacidades de pensar, lembrar, raciocinar, formar estruturas complexas de pensamento, decidir, resolver problemas e, enfim, produzir respostas adaptativas às solicitações das atividades, com o auxílio inestimável do imaginário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes participantes, diferentes imaginários, memórias próprias, três obras da literatura infantil, e seres humanos que até pouco tempo se sentiam à margem de uma sociedade que os havia esquecido... Mas bastou o contato auditivo e visual com Felipe, Antônia, Guilherme, Marina, Mandala, Silvano, para que as reservas colossais de seus tempos tenham sido resgatadas para um presente que já é passado, um projetado futuro que é presente, e a sucessão segue invadindo o tempo em que vivem. Mas como convivem com esse tempo?

É possível dizer que, nesse curto espaço de convivência com os participantes, houve a construção de significados à medida que eles se permitam reviver no presente experiências advindas da recordação do passado e da imaginação de situações possíveis. O que espera-se agora desses idosos é que tais experiências possam contribuir para a reconstrução de futuros. Alguns teóricos falam das lacunas textuais, mas essa atividade mostrou que o reviver possibilita preencher as próprias lacunas do passado, o que implica as reações e ações da existência do aqui e agora.

Além de um exercício cognitivo e um trabalho da memória, observou-se a valorização de cada um dos leitores frente ao que ficou para trás.

Explicitou-se nessa pesquisa que a abordagem do imaginário na velhice contribuiu para reforçar a idéia de que a velhice não é lugar da doença, da decrepitude e outras características negativas que costumam fazer da chamada terceira idade. Verificamos que isso não sobrevive quando forem dadas condições de estímulo, sociais e materiais, de dignidade existencial.

Se toda sociedade possui regras de comportamento, linguagem e valores que evidenciam a cultura na qual está inserida, diferenciando-se uma sociedade da outra através das especificidades de cada uma, é importante que mais estudos se desenvolvam no sentido de tematizar a contínua inserção de idosos em processos socioeducativos. Essa ação trabalharia no sentido de construir pelo imaginário ideias ligadas à velhice mais integrada a sociedade, tornando os idosos sonhadores e inquietos criadores de espaços que lhes são devidos com respeito.

A possibilidade de participarem de ações de leitura é uma experiência de pluralidade que cada sujeito experienciou da sua maneira possibilitando diferentes ressignificações. As atividades podem ser vistas como um jogo que leva à introspecção, resultando em alguma modificação que pode ser tanto “um benefício prazeroso quanto cognoscitivo”<sup>131</sup>. Larrosa<sup>132</sup> completa, dizendo que a leitura abre possibilidades aos leitores de posicionarem-se diante de situações até o momento da leitura não pensadas, questionando posturas que podem afetar suas vidas, sem que eles percebam a possibilidade de tornarem-se outros, pela simples liberação de seus imaginários.

O imaginário pode mudar, recombina as impressões armazenadas pela experiência, e se tornar uma fonte de invenção e de originalidade, o que poderia nos esclarecer o bilhete que LINO entregou dizendo: “texto com tudo imaginado, professora”. As respostas do grupo dão a entender que alguns precisaram realmente buscar seus cantos solitários para que pudessem ter seu tempo de resgatar o que não foi possível fazer na infância, adolescência e adultez. “Essas coisas aí, o lobo, o unicórnio, ninguém pode tocá porque são das histórias que a avó contou só pra ela. Ninguém é dono. Nós não podemos enxergar as coisas que a vó contava, isso só existe na imaginação dela, a vó contou pra ela” (DEO).

O contato com representações como meios auxiliares para refletir sobre determinadas situações humanas, fez com que os idosos trabalhassem no campo da memória simbólica, talvez possibilitando-lhes compartilhar as próprias (im)possibilidades encorajando-os a certas vivências como a do homem octogenário se autorizar a abraçar as filhas, externando sentimentos que existiam mas não foram estimulados pela cultura de origem desse homem da campanha.

Percebemos ainda a emergência das memórias quando a participante NIC disse: “minha mãe, quando tinha a gente e estava triste, ficava passando a mão no cabelo e a gente ficava mais tranquila e até dormia. E minha avó também me chamava pra contá histórias e eu gostava muito”.

---

<sup>131</sup>LARROSA apud COSTA et. all., 1996. p.154.

<sup>132</sup>Idem, 2006, p. 101.

Ao lerem as três obras houve a possibilidade de trocas de informação, idéias, sentimentos, e o resgate das memórias. Essa foi uma função integradora da literatura infantil trabalhada com os idosos. As palavras passaram a ser vistas de uma maneira única e foram apropriadas por cada leitor, possibilitando que esses idosos fossem levados a preencher as lacunas textuais, simultaneamente a de suas próprias vidas.

Ficou a expectativa de que alguém os conduza no aprendizado da leitura como uma experiência única e intransferível para os leitores que não foram apenas ativos, mas interativos, porque formaram conhecimentos que se constituíram a partir das relações intra e interpessoais, tendo a obra literária como mediadora.

Essa troca com outros sujeitos e com eles mesmos está internalizada em conhecimentos e na própria consciência, constituindo um processo que agora caminha em direção ao futuro.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Felipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coords.). *Variações sobre o imaginário – domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget. 2003.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O direito de sonhar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand.1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- BERNIS, Jeanne. *A imaginação (Do sensualismo epicurista à psicanálise)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BORDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes. 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Lenise; SMITH, Vivian; SPERB, Tânia Mara; PARENTE, Maria Alice de Matos Pimenta. Narrativas intergeracionais *Psicologia, Reflexão e Crítica*. v. 19, n. 1, Porto Alegre, 2006. p. 98-105.
- BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Estatuto do idoso*. Dispõe sobre a política nacional do idoso cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial de 5 de janeiro de 1994. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1994/8842.htm>> Acesso em: 7 mai. 2009.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas – I. A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- CÍCERO. *A velhice saudável – O sonho de Cipião*. São Paulo: Escala. 2006.
- COMERLATO, Denise Maria. *Os trajetos do imaginário e a alfabetização de adultos*. Pelotas: Educat. 1998.
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, São Paulo: USP, n. 42, JUN/JUL/AGO/1999. p. 70-83.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa : Edições 70. 1993
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

- DURGANTE, Carlos E. A. *Velhice: culpada ou inocente? – Um olhar bio-psico-espiritual da maturidade da vida*. Porto Alegre: Dora Luzzatto. 2008.
- FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. São Paulo: Brinque-book. 1995.
- GUSMAO, Neusa M. M. de. Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. *In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas: Alínea, 2003. p. 15-32.
- HETZEL, Graziela Bozano. *A Cristaleira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Coleção Teoria 2). São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. (Coleção Temas, 36). São Paulo: Ática, 1994. 78 p.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática. 1993
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- \_\_\_\_\_. Literatura, experiência e formação. In COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos Investigativos*. Porto Alegre: Mediação. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia profana – Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs). *Habitantes de Babel – Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica. 2001
- LEITE, Maria Isabel. *Cadernos CEDES*. São Paulo: Centro de Estudos Educação e Sociedade, v.26, n.68, jan./abr. 2006. p. 74-85.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. Velhice, imaginário e cultura: possibilidades na diversidade. *Linhas Críticas*. Brasília: Universidade de Brasília, v. 6, n. 11, jul./dez. 2000. p. 69-82.
- MONTEIRO, Pedro Paulo Amorin. *Envelhecer – Histórias. Encontros. Transformações*. São Paulo: Autêntica. 2005.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia e Pesquisa – para o professor pesquisador*. Rio De Janeiro: DP&A, 2006.

PEIXOTO, C. E. Histórias de mulheres, de envelhecimento e sexualidade. In G. G. Debret e D. M. Godstein (Orgs). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré. 2000.

QUEIROZ, Rachel. *Memórias de menina*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2006. p.17-18

RODRIGUES, Nara; TERRA, Newton Luiz. *Gerontologia Social – para leigos*. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.

SILVA, Conceil Correa da; RIBEIRO, Nye. *Colcha de retalhos*. São Paulo: Editora do Brasil. 1995.

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: UNB. 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola. 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

## **SÍTIOS CONSULTADOS**

<http://www.brasilecola.com/mitologia/unicornio.htm>

<http://www.soartigos.com/articles/1532/1/O-ano-novo-para-o-velho/Page1.html>

## APÊNDICES

### Apêndice A – Estrutura de entrevista para participação do projeto de pesquisa para desenvolvimento da dissertação Imaginário Infantil na Leitura de Idosos<sup>133</sup>

<b>I - Dados pessoais e familiares</b>	
Nome: _____	data de nascimento: ____/____/____
Local de nascimento: _____	
Profissão: _____ local de trabalho: _____	
Estado civil: casado/a ( ) viúvo ( ) solteiro/a ( ) vive com companheiro/a ( )	
Nome do cônjuge: _____	profissão: _____ idade: _____
Endereço da residência: Rua _____ nº _____ Bairro: _____	
<b>II – Informações específicas</b>	
Se estudou, que série você freqüentou a escola? _____	
Onde? _____	
Por que abandonou a escola? _____	
Qual é o significado ou a importância de participar do Grupo de Convivência?	
_____	
_____	
Você lembra de histórias que ouviu na infância ?	
_____	
_____	
_____	
Você conta ou contava histórias? _____	
Para quem? _____	
Que histórias eram?	
_____	
Há alguma história especial de que você tenha lembrança? O que ela contém de interessante para você? _____	
_____	
Nome legível: _____	
Assinatura: _____	Data: / /2008

<sup>133</sup> Foi mantida a redação conforme apresentada no momento da aplicação das entrevistas, isto é, de acordo com a norma ortográfica em vigor no ano de 2008.

## Apêndice B – Termo de consentimento Livre e Esclarecido<sup>134</sup>

**VOCÊ está sendo CONVIDADO** a participar de uma pesquisa desenvolvida pelo mestrado do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter. O pesquisador responsável é Mara Matilde Chiaramonte Hermes.

• O **OBJETIVO do projeto** é avaliar o modo como leitores idosos recuperam imagens da infância através da leitura de obras literárias infantis

• **COMO FAREMOS ISSO?**

1. Você responderá a um questionário, contendo dados pessoais, familiares e informações específicas sobre a sua experiência de escolarização, leitura e lembranças da infância. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 2 a 3 (duas a três) horas

2.

• **A SUA PARTICIPAÇÃO CONSISTIRÁ**

1. Você irá participar de sessões de leitura, realizando as atividades propostas que serão registradas e recolhidas pela mestrande Mara Matilde Chiaramonte Hermes
2. O desenvolvimento do projeto será feito pelas tardes na sala de atividades do Grupo *Revivendo a Vida* prevendo-se aproximadamente 8 (oito) dias úteis para sua aplicação.

### **ATENÇÃO:**

- ✓ A sua participação neste estudo é **totalmente voluntária**.
- ✓ Algumas perguntas poderão lhe gerar certo desconforto, por isso, mesmo que tenha concordado em participar desta pesquisa, você poderá **desistir** a qualquer momento, **sem ter que dar qualquer justificativa ou explicação**.
- ✓ Todas as **informações** de identificação pessoal coletadas serão mantidas de forma **confidencial**.
- ✓ O seu **nome não será vinculado aos resultados** desse estudo quando os mesmos forem publicados, porque os dados serão avaliados e divulgados de forma coletiva.
- ✓ **As informações e materiais** recolhidos serão **utilizadas apenas** pelo grupo de pesquisadores deste projeto.

Sinta-se à vontade para **esclarecer quaisquer dúvidas** antes de decidir sobre a sua participação no estudo.

**PARA DEMAIS INFORMAÇÕES**, você poderá entrar em contato com Mara Matilde Chiaramonte Hermes pelo telefone 51- 84873667, ou pessoalmente pela tarde ou através do e-mail: pitiaufrgs@gmail.com

---

<sup>134</sup> Também mantida a norma ortográfica em vigor no ano de 2008, quando os termos de consentimento foram assinados.

É importante ressaltar que o Comitê de Ética do UniRitter foi consultado e aprovou o projeto, e também pode auxiliar a esclarecer alguma dúvida que você tiver, pelo e-mail: cepuniritter@uniritter.edu.br.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro ter lido e discutido o conteúdo do presente Termo de Consentimento e concordo em **participar desse estudo de forma livre e esclarecida**. Também declaro ter **recebido cópia** deste termo.

---

Assinatura do participante

Data \_\_/\_\_/\_\_

---

Nome do entrevistador

Data \_\_/\_\_/\_\_

## **Apêndice C – Primeiro encontro com o grupo**

Dia 10/10/2008, dia da entrevista.

O público alvo faz parte da turma de alfabetização do *Grupo Revivendo a Vida*, o qual está vinculado aos projetos extensionistas do Centro Universitário Ritter dos Reis. Alguns participantes já frequentam essa turma desde 2006, outros chegaram no ano de 2008, buscando descobrir e poder entender alguns códigos ainda indecifráveis do mundo letrado. A idade média dos que participam do grupo foco de pesquisa fica entre de 70 e 86 anos. Em sua maioria, vivem sozinhos, poucos desfrutam da companhia de suas famílias. Quando participam dessa convivência, atuam como auxiliares na contribuição financeira, exercendo o papel de cuidadores dos netos e/ou bisnetos, o que auxilia na manutenção destes núcleos familiares.

O nome dos participantes não será vinculado aos resultados desse estudo (serão substituídos por codinomes) quando os mesmos forem publicados, porque os dados serão avaliados e divulgados de forma coletiva, e as informações e materiais recolhidos serão utilizados apenas pela pesquisadora e sua orientadora nesse projeto.

Como houve o consentimento de todos, iniciamos com o questionário contendo dados pessoais, familiares e informações específicas da sua experiência de escolarização, leitura e lembranças da infância. Foi necessário, para o preenchimento desses questionários, o auxílio da pesquisadora a todos os participantes que alegavam “comer letras”, ou que tinham dúvidas em algumas questões, ou não sabiam escrever nada além do próprio nome. O tempo de duração desse primeiro encontro foi de três horas. Os questionários (apêndice A), e os termos de consentimento (apêndice B) foram assinados e respondidos no dia 10 de novembro de 2008 e mostraram quem é cada um dos participantes de nosso grupo de pesquisa.

O primeiro encontro com idosos, alguns conhecidos outros não, sempre é festa, professoras novas trazem novidades, e é o que mais gostam de experimentar. Afinal, estão com pressa em resolver alguns problemas, como o fato de “comerem letras”, falhas de memória e algumas dificuldades de leitura.

Foi exposto ao grupo a intenção de nossa atuação, que seria trabalhar com livros da literatura infantil como forma de incentivarmos o imaginário, mexermos com suas memórias e construirmos atividades de formas diferentes das que vêm sendo propostas até então no grupo de alfabetização, e que poderíamos chamar essas tardes de oficinas. Logo o ouvinte/participante DEO apresenta uma dúvida: “Professora nós vamo fazê oficina?” (Devemos lembrar que estamos trabalhando com dois homens que, durante uma boa parte de suas vidas, trabalharam com transporte; oficina remete a uma visão de lugar de barulho, cheiro de óleo, graxa, ferramentas, e acima de tudo, lugar de homens, e não dentro de uma sala de aula). Uma colega intervém:

JORA: é aula, guri, e tu nem imagina o quanto a gente aprende, né professora? Como é mesmo aquela palavra que a senhora ensinô lá em 2000 e quanto? 2006, isso, 2006 e nunca mais esqueci ample, plexo, aple, emble.

A palavra começa a gerar ansiedade e escrevemos no quadro: AMPLE-  
XO

JORA: essa palavra nós temos obrigação de guardar e saber sempre.  
DEO: Poxa!! Mas o que significa pra senhora ficá com ela na lembrança?

Para provocar mais o grupo escrevemos “ósculo”, e o grupo foi soletrando sem saber o significado.

PROFESSORA: Quanto à primeira, dissemos que ela pode ser dada por nós mesmos quando nos sentimos sozinhos, mas que a segunda é muito interessante que seja dividida com quem queremos bem, e se alguém nos der uns ósculos nas bochechas, a coisa fica melhor ainda.

DEO: É beijo, assim fica melhor mesmo. Abraço mais beijo é coisa muito boa. Mas tudo é equilíbrio. Chocolate é bom, mas demais faz mal.

JORA: A gente deve buscar o equilíbrio, porque nós queremos viver bem e melhor.

DEO comenta que estava muito bonita a apresentação (*Musicalidade*) no lugar de trabalho da pesquisadora (PUC), a apresentação estava linda. A professora Denise também estava por lá. Com isso surgiu uma dúvida sobre o

dia do idoso, que era em setembro e agora é outubro, e eles não entendiam porque essa confusão.

PROFESSORA: Informamos que houve uma determinação federal para que o dia do idoso fosse uma comemoração mundial.

Isso causa a indignação de uma das participantes, que diz;

NIC: Pois pra que fazer a troca, a gente começa a se confundir.

PROFESSORA: Bem, pessoal, como falamos no início da tarde, o nosso grupo vai participar de oficinas sobre livros, literatura. E hoje, como estamos em outubro, mês do idoso, das crianças, trouxe um pequeno texto de uma mulher que não é nenhuma menina e se chama Rachel de Queiroz.

O nome foi escrito no quadro para que o grupo fosse juntando as sílabas e pudesse ler o nome da autora.

O texto trata de uma idosa que resolve viver da sua maneira, e passa a ser considerada uma criança pelos seus filhos. As respostas do grupo nos dão a entender que alguns precisaram realmente buscar seus cantos solitários para que pudessem ter seu tempo de resgatar o que não foi possível fazer na infância e adolescência: “Sim, porque quando nós era criança, naquele tempo nós era que nem bicho do mato, aí era só o pai olhá e deu, hoje em dia é essa coisa toda ...” (LINO).

No encerramento do encontro, os alunos chegaram à conclusão de que estavam em boas condições físicas, mantinham boas relações com os colegas de aula, amigos da vizinhança e parentes (nem todos) e por ora asilo era um assunto muito distante, ainda dava para pensar nos bailes vespertinos. Saíram da sala garantindo que, na próxima sexta-feira, estariam de volta por gostarem da proposta de trabalhar com leitura de uma maneira diferente e agradecendo pelo lanchinho, que foi também dos tempos passados: mariola.

## **Apêndice D - Roteiro das atividades**

Data: 17/10/2008

Obra: **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**

No primeiro encontro de atividade o primeiro passo foi de motivação para a recepção do texto, foi mostrada inicialmente a capa do livro e o grupo foi questionado sobre:

- Quem poderiam ser as personagens da ilustração?
- Que detalhes chamam atenção nesta imagem?
- Que história esta ilustração poderia contar?
- A ilustração evoca alguma lembrança ou sentimentos?
- Que tipo de interação ocorre entre os personagens?

### **Segundo encontro**

#### LEITURA INTERPRETATIVA

- a) No primeiro momento do encontro cada participante colocará um objeto em uma mesa central, disposta na sala de atividades.
- b) Após, a pesquisadora solicitará a cada participante que aponte seu objeto e relate que lembranças foram estimuladas pelo mesmo. As informações serão gravadas.

#### APLICAÇÃO DA LEITURA

- a) A partir dos objetos apresentados, e das relações feitas pelos participantes, a pesquisadora convidará o grupo para construir uma história individual que iniciará com a seguinte frase:
- b) Quando eu era pequeno (a) eu e minha vó tínhamos uma brincadeira que era...
- c) Quando eu era criança conheci um garotinho parecido com Guilherme que ...

Essas histórias serão recolhidas e farão parte da pesquisa sobre os resultados da ação da leitura desse texto para o grupo de idosos.

Obra: **Colcha de retalhos**

Primeiro dia de atividade

## MOTIVAÇÃO PARA A RECEPÇÃO DO TEXTO

Mostrar uma imagem de uma colcha de retalhos no data show e questionar o grupo sobre o que essa imagem de retalhos unidos poderia representar:

- Algum dos participantes conheceu esse trabalho na sua infância?
- Quem já teve uma colcha de retalhos?
- De onde vêm os retalhos que formam a colcha?
- É possível estabelecer relação entre os pedaços de pano e a vida?

Qual?

Todas as respostas serão gravadas para posterior verificação da percepção ou não dos participantes

## RECEPÇÃO DO TEXTO

- a) A obra será apresentada em multimídia, facilitando a visualização das ilustrações. A pesquisadora fará a leitura completa do texto, sem interrupções.

## LEITURA COMPREENSIVA

- b) A pesquisadora solicita que a turma diga o nome dos personagens da narrativa e vai anotando os nomes no quadro.
- c) Onde a história se passa?
- d) Quem conta a história? É alguém próximo ou distante? Como você imagina o narrador da história?
- e) O que pretendia a vovó com a confecção da colcha?
- f) O que fez Felipe ao receber o presente da avó?
- g) Que tipo de brincadeiras foram anunciadas na narrativa ?
- h) A que parte da história se refere a ilustração da página 14?
- i) As ações da vovó podem identificar em que tempo a narrativa acontece?
- j) Os tecidos que foram usados para a confecção da colcha, sua textura e cor tinham alguma relação com os fatos narrados?

## LEITURA INTERPRETATIVA

- a) A pesquisadora solicita que a turma forme duplas, e que cada participante conte ao colega como era sua avó e sua relação com ela. Após todas as duplas terminarem essa tarefa, cada colega apresenta a avó do seu parceiro de dupla oralmente.
- b) O que sentiu Felipe ao receber o presente da avó?
- c) Atividade que relaciona tecidos a lembranças e sentimentos, emoções, sensações da infância e percepções geométricas. Será organizada uma “cartela contendo 10 (dez) retalhos (identificados por números) de tecido, com diferentes padronagens, texturas, cheiros (tecidos que ficaram guardados por muito tempo, ou tecidos novos) e cores. E cada participante poderá tocá-las para sentir no tato as diferenças, examinar e relatar que sentimentos foram despertados por tal retalho.
- d) A pesquisadora solicitará ao grupo que apresente outras possibilidades para o nome do livro.

Para o próximo encontro, será solicitado que os participantes tragam de casa:

- 1- agulha e linha ( sem determinar o número da agulha e nem a cor da linha),
- 2- uma roupa ou objeto de tecido que evoque alguma lembrança.

### **Quarto encontro**

#### APLICAÇÃO DA LEITURA

- a) Será solicitado aos participantes que apresentem sua roupa ou objeto de tecido ao grupo depois escrevam essas lembranças.
- b) Aos participantes serão oferecidos retalhos de tecidos e será solicitado que eles costurem suas colchas de retalhos em um tamanho A4, conforme forem elaborando cada um vai narrar que tecido proporcionou fazer associações à fragmentos de memórias.
- c- Que pessoa você presentearia com sua colcha de retalhos? Envie um bilhete junto com o presente, falando do significado da colcha na sua vida.

### **A CRISTALEIRA**

#### ATIVIDADES DE LEITURA

## 1 – MOTIVAÇÃO

- Mostrar fragmento (olhos e taça) da imagem da capa: como seria a imagem a que pertenceriam os detalhes mostrados? Qual a relação entre os olhos e a taça?

## 2 – LEITURA

Primeira parte: páginas 4, 6 e 7.

Questionamentos sobre o que foi lido e, principalmente, sobre a continuidade da história: De quem são as vozes altas? Por que são altas? O que está acontecendo? Por que deram uma pancada na porta?

Segunda parte: páginas 9 e 10

Questionamentos sobre a avó: Como era a avó? Que tipo de histórias ela contava? Por que a menina sentiu raiva da avó? Como eram os diálogos de Marina com a avó?

Terceira parte: páginas 12 e 13

**Chamar atenção para a frase: (13)**

**- Vó – grita, calada. – Vó !!**

Questionamento: Como é a relação de Marina com a mãe e com a avó?

Quarta parte: páginas 14 e 15

**Chamar atenção para a frase: (13)**

**Ali tudo sempre é igual. Seguro (14)**

**Os dedos da avó se trançam com os dedos de Marina.(15)**

Questionamentos: Por que no quarto da avó tudo é seguro e sempre igual? O que significa a ação de Marina de trançar o cabelo da avó? Qual o significado da ilustração?

Quinta parte: páginas 16, 17, 19

**Chamar atenção para a frase: (13)**

**Cristaleira chama por ela (16)**

**... o coração mede o peso da solidão (16)**

**... A menina responde com um abraço apertado, o rosto enfiado no colo farto que cheira a comida e afeto. ( 17)**

**Lugar bom para criança assustada se esconder ou sonhar (19)**

### **O pai preso em si mesmo**

**A mãe é sombra, toda ela contida, o rosto desfeito das noites mal dormidas. Marina viaja nas histórias da vó ( que histórias ?) 19**

Questionamentos: Escreva uma frase que retome a passagem que mais lhe chamou a atenção desse trecho. Cada um lê o que escreveu e comenta.

Sexta parte: páginas 20, 21, 22, 23

**Chamar atenção para o texto e as ilustrações das paginas 20 e 21 emk especial o último parágrafo da pagina 21**

**22- 1º parágrafo**

**23 A vó passa a mão nos cabelos de Marina.**

**Cerzir? O que é**

**A vó e Marina trabalham em silencio por que?**

Questionamentos: Qual a relação da ilustração com o texto (p. 20-21). Qual a função das histórias da avó? Por que elas são tão importantes para Marina? O que muda e o que permanece na passagem do tempo? (p. 22 e 23) Qual o sentido da palavra cerzir na história?

### **3 LEITURA INTERPRETATIVA**

1) Para essa leitura os alunos deverão ser incentivados a escrever suas idéias, a respeito de alguns pontos tratados como separação, família, conflitos e afeto.

- a) Escreva três sentimentos que para você definem o conflito vivido por Marina
- b) Escreva três atitudes que para você definem o modo de ser da avó de Marina
- c) Escreva três palavras que para você traduzem o significado da relação entre a neta e a avó.
- d) Escreva três palavras que para você traduzem o significado da relação entre Marina e os pais.
- e) Escreva três palavras que para você representam a escolha feita por Marina

2) Atividade que relaciona palavras e imagens.

- a) Nas histórias que a avó conta a Marina aparecem unicórnios, pavões, joaninhas, arco-íris, paineiras floridas, sereias. Se você fosse contar pa-

ra Marina histórias que a ajudassem a superar os seus conflitos, que objetos apareceriam nelas?

- b) Que objetos definiriam para você o modo de ser da avó?
- c) Que objetos melhor definem para você a relação entre a neta e a avó?
- d) Que imagens expressam a relação entre Marina e os pais?
- e) Que imagens definiriam para você a escolha feita por Marina.

3) Para o último encontro será solicitado que cada participante traga uma imagem que lembre de alguma forma a história de *A cristaleira*.

#### **4 Aplicação da leitura**

Ao iniciar a atividade dessa tarde cada participante mostrará sua imagem, e contará ao grupo porque essa foi a escolhida.

Após, serão expostas várias imagens relacionadas à obra (cf. anexo) e cada participante deverá selecionar três que estejam relacionadas à imagem trazida. Será solicitado que os participantes elaborem uma história e a ilustrem com as imagens selecionadas, na ordem que eles desejarem.

#### **Fechamento da atuação com o grupo Revivendo a Vida.**

Data: 05/12/2008

Serão feitas questões orais, sem a retomada das histórias (Guilherme Augusto Araújo Fernandes, *A colcha de Retalhos* e *A Cristaleira*) e tudo será gravado para posterior transcrição.

A- Iniciamos com um questionamento envolvendo as três obras trabalhadas:

I – Na primeira história apareceu uma medalha que foi da avó de Guilherme Augusto e pode trazer a memória do irmão de Antonia, na segunda alguns retalhos fizeram a avó e Felipe lembrarem fatos e pessoas, e na terceira apareceram vários objetos antigos. Nas suas casas existem objetos que os prendam ao passado? Quais e por quê?

II – Que importância as histórias lidas tiveram para você?

III – As histórias trouxeram algum tipo de lembranças? Boas, ruins – que tipo de lembranças?

IV – Que acontecimento, entre as histórias lidas, foi mais marcante para você?

V – *Entre as ilustrações dos livros, que imagem você mais reteve ou ficou na sua lembrança?*

VI – Com que personagem você mais se identificou? Por quê?

VII – Das atividades realizadas qual delas lhe chamou mais atenção ou foi mais agradável para você? Por quê?

VIII- E em qual você teve mais dificuldades? Por quê?

IX – Que efeitos essas histórias tiveram sobre você?

X – Você gostaria de ler/trabalhar com mais histórias?

XI – Que tipos de histórias você gostaria de ler?

## Apêndice E – Transcrição das entrevistas com os participantes e comentários

NIC: Sou uma senhora de setenta e dois anos, solteira, porque quem casa só na igreja é solteira, mãe de quatro filhas com idades de cinquenta, 48, 47 e 36. Nasci em Caruru, interior de Pernambuco. Tenho uma renda mínima como aposentada do serviço público estadual, e moro no bairro Santa Tereza, próximo ao Centro Universitário Ritter dos Reis, na casa de uma sobrinha. Na minha infância, frequentei a escola até o terceiro ano do primário, em escola rural, no sítio onde meus pais trabalhavam. Sai da escola, pois meu pai achava que como mulher eu já havia aprendido o bastante para a vida. Hoje, frequentando o Grupo *Revivendo a Vida*, me sinto melhor, apesar de ainda trocar ou deixar faltar letra, mas é uma beleza poder estudá de novo. Lembro que na minha infância ouvia história que eram do folclore popular, como a do *Boi da Cara Preta*, *Papa-Figo*, eram todas histórias inventadas pelo povo de lá (Pernambuco), e pude recontá-las para as filhas, netos e bisnetos. Mas a história que mais gosto até hoje é a do *Boi da Cara Preta*, porque era a história que todas as mães contavam, mas lembro também das histórias de Jesus.

Com a convivência, essa senhora de fala mansa e carregada de sotaque, aparenta tristeza e comenta com frequência que pretende voltar a morar em São Paulo, por achar que lá será melhor. Passamos a entender quem é essa idosa quando vem para a aula muito triste e comenta que sofreu agressões de uma sobrinha-neta de 27 anos, e nos mostra suas costas com grandes manchas roxas. Apresenta dores para se locomover, mas não poderia perder essa aula tão interessante. Aos poucos, vamos pesquisando e sabendo ainda mais sobre essa mãe que não consegue viver com nenhuma filha. NIC traz uma experiência de alfabetização que se repete, até onde ela tenha conhecimento, desde sua avó, que aprendeu a ler na Bíblia, que é o primeiro presente para um filho em família de crentes. Na véspera do fechamento do projeto, se soube que se não fosse a acolhida por alguns “irmãos da igreja”, ela não teria onde se abrigar, após agressões feitas e sofridas na casa de familiares.

Agora já mudou para umas peças próximas ao Centro Universitário e espera ter paz, isso contando com a boa vontade de parceiros da igreja.

DEO: Sou viúvo de 86 anos, nascido e criado em Porto Alegre, estou aposentado como pedreiro. Na infância, quando diziam que eu seguiria ao ofício do pai, que era moleiro, eu negava e, carregando nos erres, dizia que seria um *choferrr*. De fato, dirigi ônibus e caminhão *truck*. Sou pai de seis filhas mulheres, só lembro a idade das duas mais velhas porque são as filhas que estão mais perto, uma tem 55 e a segunda, 52 ou 53 – agora embaralho tudo, mas é por aí. Estou morando sozinho no bairro Glória, o que me causou uma depressão depois que perdi a esposa há dois anos. Não frequentei a escola porque na época que deveria estar estudando aconteceu uma coisa que transtornou a família toda, deu um tal de tifo preto e matou um casal de gêmeos, um irmão de oito anos, e mais um mano de seis anos. E numa tarde vi o pai fazendo umas caixinhas de madeira e fui perguntar se eram pra eu bincá. E o pai só chorou. Depois, descobri que eram os caixões dos irmãos. Nessa época, o ofício do pai era moedor de mandioca, e para ajudar na casa uma tia solteira foi morar com a gente. Ela não ouviu o que o pai pediu – para não dar comida pras crianças, principalmente pra mana, de doze anos, que tava se recuperando, ela fez uma comida salgada e matô a mana também. Aí ninguém pensava em mais nada dessas coisas de escola. Eu nunca ouvi histórias na minha infância, mas lembro que nessa fase da vida eu brincava com a mandioca moída fazendo montinhos, e a tia um dia vendo aquela brincadeira não entendeu o que eu fazia deu quatro bainhaço com a bainha de um facão nas costas, só porque eu tava brincando, isso eu lembro da minha infância [seus olhos ficam mareados de lágrimas]. E sempre contei essas histórias tristes para minhas filhas, mas fazia brinquedos de carretel de linha pra elas, com latas vazias, é eu criei minhas filhas com as histórias de vida. Quando já era mais piá, com uns dez anos, via os outros piá com calça comprida, mas eu só tinha calça curta, então resolvi que ia trabalhá pra ter meu dinheiro e, no mês de setembro de 1933, tinha onze anos incompletos, comecei a ganhar meu dinheiro e pude comprar minhas calças. Depois, mesmo lendo pouquinho assim essa letra que não é grudadinha, consegui dirigi e me aposentei como motorista. Quando cheguei no grupo *Revivendo a Vida*, senti muita vergonha porque não conseguia nem se localizar dentro da Ritter, sentia vontade de ir embora, mas encontrei uma pessoa que me ajudou a localizar a sala, mas relutava, a depressão estava tentando me vencê. Mas aí a professora Mara (ex-estagiária da Pedagogia) me sentou do lado daquela aí [aponta para a NEL] que vive me arrumando um casamento, tô me sentindo bem, sei que ainda como letras, mas agora só quero melhorá. Só tenho uma reclamação, a nossa professora é muito querida, mas ela vem aqui com o mapa disso, daquilo, eu quero mais é sabê das letras. Mas sabe, professora, de todas essas coisas que te contei sempre vivi pensando naquilo dos irmão e da tia que me bateu por nada, isso não sai dentro de mim [Para e chora, contido, mas chora]. Aquela mais velha nem precisava ter morrido.

JORA: Sou uma senhora aposentada, solteira, com 73 anos, nascida em Passo Fundo, tive duas filhas, a primeira hoje está com 53 anos e a segunda nasceu por acidente, imagine que eu engravidei só com uma trompa, nem o médico queria acreditar, mas veio, eu já tinha 43 anos quando engravidei, mas hoje tá aí.

Hoje moradora das proximidades do Centro Universitário Ritter dos Reis, lembra que estudou somente até o segundo ano do primário na escola do interior de Passo Fundo.

JORA: Mas o pai queria a gente trabalhando na roça pra ajudar a plantá e colhê de tudo, eles plantavam arroz, cevada, feijão, abóbora, batata, e era muito trabalho, naquela época a gente nem pensava em um dia voltá a estudá. Depois de velha, me deu esse derrame no olho, e os médicos mandaram eu parar de fazer uma porção de coisa, mas eu nem tô aí pra eles, eu caminho, e quando descobri o grupo aqui da Ritter, aí então foi muito importante, porque tive a chance de fazê novas amizades, conversar e estudar pra melhorar a escrita e a leitura. Lá fora era muito bom morá porque assim de noite o vô sentava na beira do fogo, e nós comendo pinhão, batata ou milho assado, ouvindo ele contá muitas histórias, mas eram todas histórias do povo. Quando tinha as plantação de laranja, bergamota, maçã, a gente nem tocava a mão em nada, a gente foi criada nesse sistema, nesse hábito, é que foi bom pra elas aí, elas [as filhas] passaram isso pros filhos. Quando tive minhas filhas, contei também histórias pra elas, mas pras netas não, hoje tudo é muito diferente. A história que até hoje eu lembro é a do *Gato de botas*, mas foi contada por outras pessoas. Minha diversão é ir aos bailes da saudades. Eu fui na *Musicalidade* da PUC e fiquei chateada, pois a colega NEL arrumou uma confusão e saímo antes de terminarem as apresentações. Eu aqui também não quero essas coisas de saber norte, sul, quero é entendê as letras. As coisas do sol e da lua eu já sei.

LINO: Eu sou duas vezes viúvo, tô aposentado com 76 anos, nasci em Alegrete, estudei em casa mesmo até a quarta série. Lá fora o pai mesmo dava um pouco de lição de manhã, depois nós ia pra roça, voltava, almoçava, estudava de novo e terminava o dia na roça, e na noite fazia as lições do dia. Parei de estudar pois o pai dizia que aprendendo as quatro operações bastava, já era o bastante. Sô pai de um casal de filhos, mas moro sozinho. Depois que fiquei viúvo, a filha até me ajudou com o computador, mas ela fala que eu como letra ou ponho letra trocada, e eu não está satisfeito em ficar sentado em casa uma três horas só no computador. Soube na academia onde faço ginástica do grupo *Revivendo*, aí pensei ter achado a solução para minha depressão que a solidão trouxe. Cheguei ao grupo e percebi que a convivência ia me fazê bem, porque eu era assim como um cara quase que do mato, agora quero aprender, conviver com outras pessoas, eu preciso saber mais. Quero casar de novo. Da infância lembro pouca coisa, porque a gente trabalhava muito cedo, não lembro de ninguém contá história pra mim. E como a gente morava pra fora e eu trabalhava com o único jipe da região, vivia o dia todo pra lá e prá cá levando coisa, gente, atendia o povo, e a filha mais velha ficava sempre no meu costado, e viajava muito comigo. A gente conversava muito, mas nada de contar história, a gente falava coisas da vida. Era um barredo só em todo canto, mas ela era minha parceira, meu sogro achava aquilo estranho, mas ela gostava. E em casa, quando a menor cresceu um pouco, as duas começaram a brigar, a mulher falava, mas a gente nunca bateu nelas. Um dia cheguei em casa e a mulher me esperô na varanda, me chamô pra dentro de casa e me levô no quarto das guria, eu tirei o cinto e disse que daquele dia em diante as brigas tinham acabado. Bater ficou só uma ameaça, mas graças a Deus nunca aconteceu, e não é que são amigas até hoje, nada de brigas entre elas. Sabe que quando eu tinha as filhas pequenas, era uma coisa muito diferente de hoje, tudo era calmo, a gente vivia pra fora e nem tinha muita preocupação, hoje é tudo trancado, tanto que deixava a mulher com a pequena em casa sem preocupação, e eu e a mais velha, como já falei, passava atendendo o povo da região.

LINO sempre manteve uma postura de respeito ao pai, mas em curtos espaços de tempo deixava claro como se sente até hoje, e gostaria de poder questionar, entre outras coisas o ponto final de sua escolaridade, já que nenhum filho poderia deter mais conhecimento que o genitor.

IZA: [68 anos] Eu escolhi participar dessas aulas, porque os ensaios do coral do grupo *Revivendo a Vida* acontecem no mesmo dia, e deixei o coral enquanto tiver essas aulas depois volto ao canto. Nasci em Itaqui, vim morar na capital ainda jovem, casada e com filhos pequenos. Na infância, frequentei a escola até a quarta série do fundamental, mas como houve a necessidade de auxílio em casa nas lides do campo, o abandono escolar foi normal. Lembro desse período da vida com carinho, pois tinha uma avó muito amorosa que me contava as histórias à noite, histórias ligadas à realidade vivida por eles como imigrantes italianos que viajaram de navio, passaram muitas dificuldades. O que valorizava ainda mais o que tinham. Minha relação com essa vó era de extrema confiança, tanto que a única neta que tinha a autorização para fazer os cigarros de palheiro era eu. Como ela mesma diz, é a mesma coisa que hoje, se não fosse o grupo daqui da Ritter, nem penso, olha quanta coisa a gente tem a oportunidade de fazer. Lá pra fora, os valores eram outros, imagine hoje tudo é diferente, e hoje olhando pra trás se sabe dá o valor pro que nos ensinaram, afinal era tudo o que sabiam. Carrego dentro de mim orgulho e tristeza ao mesmo tempo. Tristeza pela trágica morte do meu marido uma semana antes da primeira neta nascer. Neta que veio de uma relação de juventude da filha mais velha, mas acabou ficando comigo para ser criada e educada, ela é aluna da UFRGS. É meu xodó e leva dengos até hoje. Com ela até aprendi histórias infantis, como *Chapeuzinho Vermelho*, e outras, pois as que eu ouvia não poderiam ser repetidas, até porque os tempos eram outros, eram as histórias da vó. Estou participando do grupo, pois chegou o meu momento de retomar o que ficou para trás há muitos anos. Agora que a calmaria voltou, tô aposentada e posso desfrutar dessa busca do saber mais e conhecer. Participo de outros grupos ligados à igreja, cujo trabalho é auxiliar os necessitados. Eu sei o que é dificuldade, como agora posso ajudar, por que não, né?

## **Apêndice F - Texto de Raquel de Queiroz**

A vovó

Era uma vez uma vovó tão velhinha que já tinha se esquecido do seu tempo de dona-de-casa e mãe de família. Deixou pra lá a vida passada, só se lembrava dos tempos de criança, quando vestia as bonecas, brincava de roda cantando com as outras crianças, comia bombom escondida e fazia travessuras.

Quando as pessoas chegavam perto da vovó e queriam conversar assunto de gente grande, ela se aborrecia e não dava palavra. Mas era só aparecer uma criança que vovó dava risada, combinava brincadeiras, era aquela animação.

- Acho que minha mãe está na segunda infância!

A vovó ouviu e bateu palmas:

- Ora, afinal você entendeu. Eu cansei de ser velha e voltei mesmo a ser criança. Queria voltar a ser feliz!

E saiu com um bando de meninas, que já estavam chamando por ela.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)